

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**NAS TELAS DO CONTEMPORÂNEO, A FACE DO PASSADO:  
URRACA I E SUAS REPRESENTAÇÕES NOS *SOFTWARES* SOCIAIS  
(2010-2022)**

Luísa Vilas Boas Dos Santos

São Cristóvão  
Sergipe - Brasil  
2023

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

S237n Santos, Luísa Vilas Boas dos.

Nas telas do contemporâneo, a face do passado: Urraca I e suas representações nos *softwares* sociais (2010-2022) / Luísa Vilas Boas dos Santos; orientador Bruno Gonçalves Álvaro. - São Cristóvão, SE, 2023.

116 f.

Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Sergipe, 2023.

1. Idade média. 2. Espanha – História. 3. Castela e Leão (Espanha). 4. Redes sociais on-line. 5. Feminismo. I. Urraca I. II. Álvaro, Bruno Gonçalves, orient. III. Título.

CDU 94(100):004

**LUÍSA VILAS BOAS DOS SANTOS**  
**NAS TELAS DO CONTEMPORÂNEO, A FACE DO PASSADO:**  
**URRACA I E SUAS REPRESENTAÇÕES NOS *SOFTWARES* SOCIAIS**  
**(2010-2022)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Sergipe com requisito parcial obrigatório para a obtenção do título de Mestre em História na Área de Concentração Cultura e Sociedade. Linha de Pesquisa: Relações Sociais e Poder.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro.

Aprovado em:

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias  
Universidade Federal de Sergipe

---

Prof. Dr. Guilherme Queiroz de Souza  
Universidade Federal da Paraíba

**São Cristóvão**  
**Sergipe - Brasil**  
**2023**

## AGRADECIMENTOS

O mestrado foi uma jornada intensa. Dentro desses dois anos e meio diversos percalços e mudanças se apresentaram, fazendo o processo de desenvolver essa pesquisa, ainda durante a pandemia de COVID-19, doloroso e atribulado. Foi necessária muita força de vontade em momentos que o mais fácil seria simplesmente desistir. Assim, sou ciente de todos os processos que passei para desenvolver essa pesquisa, e por isso, sei que não chegaria até aqui sem pessoas que estiveram comigo a todo momento e não me deixaram ceder.

Agradeço aos meus pais, Francisco e Sandra Suely, e a minhas irmãs, Lívia e Laura, somente minha família para me incentivar tanto a realizar esse mestrado, e ao mesmo tempo lidar com todas as minhas crises de ansiedades e surtos de baixa autoestima. Igualmente agradeço a Israel, desde o início deste relacionamento estamos lidando com os surtos acadêmicos um do outro, e justamente por isso a gente se entende tão bem. Obrigada por me incentivar tanto mesmo estando do outro lado do mundo. Também sou muito grata aos meus amigos: Nathalia Borges, Bruno Leonardo e Raphael Pacheco, que vibraram a cada mini passo, e me fizeram rir durante os meus maiores surtos.

Devo muito aos meus amigos que travam as mesmas batalhas que eu: Júlia (Rodas) Matos, Maria da Conceição, Thaís Monique, Hiago (Miago) Feitosa e Vitor Nunes só vocês sabem as dores, as alegrias e principalmente a ira que é ensinar e principalmente pesquisar junto comigo. Vocês são minhas referências, minhas inspirações, e também meu apoio constante.

Sou grata ao Grupo de Pesquisa *Dominium*, espaço onde eu pude pensar e desenvolver para além da Idade Média. Obrigada especialmente a Bruna Mota, Rafael Prata, Aylla Alves, Lívia Albuquerque, Cassiano Celestino e Leonardo Teles, vocês podem não saber, mas sem diálogos com vocês muito do que está escrito aqui não existiria.

Agradeço a minha banca de qualificação e defesa, Prof. Dr. Carlos Malaquias e Prof. Dr. Guilherme Queiroz de Souza, sem as orientações e *insights* durante a qualificação, grande parte desta dissertação estaria diferente, e provavelmente confusa.

Por último, mas não menos importante, agradeço imensamente a meu orientador Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro, que acreditou nesta pesquisa desde o primeiro rascunho de ideia lá em 2019, e vem me incentivando com muita paciência a me tornar uma pesquisadora e pessoa cada vez melhor desde o primeiro projeto de iniciação científica sobre Urraca. Muito obrigada!

## RESUMO

### Nas telas do contemporâneo, a face do passado:

#### Urraca I e suas representações nos *softwares* sociais (2010-2022)

Atualmente muitas batalhas são travadas online. Por meio de comentários pontos de vista são defendidos, discussões fervorosas ocorrem de forma anônima, dados são vazados e, em alguns casos, conflitos reais têm início. Essa paisagem digital serve como palco para questões políticas e manifestações culturais, e o ciberespaço se torna mais um lugar onde vemos a história ser reutilizada e reinterpretada. A rainha medieval ibérica Urraca I (1081-1126) se insere nesses embates contemporâneos como mais uma figura trazida do passado para atender às necessidades atuais. Sua imagem é apresentada nos *softwares* sociais como um símbolo de resistência à sociedade patriarcal medieval, sendo retratada como alguém que lutou para governar e também como um exemplo de mulher que enfrentou adversidades em seu casamento e resistiu. Assim, sua imagem torna-se um ícone para debates contemporâneos, sendo revista através desses novos olhares, que encontram em sua história um espaço para defender um regionalismo leonês, como também um símbolo feminista utilizado principalmente por simpatizantes a direita política. Portanto, nesta pesquisa que utiliza dos *softwares* sociais como fontes percebemos que a representação da rainha se fragmenta em diversas formas a depender de como o interlocutor interpreta a história.

**Palavras-chave:** Softwares sociais; Urraca I; Medievalismo;

## **ABSTRACT**

### **On contemporary canvases, the face of the past:**

#### **Urraca I and hers representations on social softwares (2010-2022)**

Currently, many battles are fought online. Through comments, viewpoints are defended, heated discussions take place anonymously, data is leaked, and, in some cases, real conflicts begin. This digital landscape serves as a stage for political issues and cultural expressions, and cyberspace becomes another place where history is reused and reinterpreted. The medieval Iberian queen Urraca I (1081-1126) is inserted into these contemporary debates as another figure brought from the past to meet current needs. Her image is presented on social media as a symbol of resistance to the medieval patriarchal society, depicted as someone who fought to rule and also as an example of a woman who faced adversity in her marriage and resisted. Thus, her image becomes an icon for contemporary debates, being reevaluated through these new perspectives, which find in her history a space to advocate for Leonese regionalism, as well as a feminist symbol used mainly by right-wing political sympathizers. Therefore, in this research that uses social media as sources, we perceive that the representation of the queen fragments into various forms depending on how the interlocutor interprets history.

**Keywords:** Social Softwares; Urraca I; Medievalism;

## RESUMEN

### **En las pantallas contemporáneas, el rostro del pasado: Urraca I y sus representaciones en el *software* social (2010-2022)**

Actualmente, se libran muchas batallas en línea. A través de comentarios, se defienden puntos de vista, se producen acalorados debates de forma anónima, se filtran datos y, en algunos casos, comienzan conflictos reales. Este paisaje digital sirve como escenario para cuestiones políticas y expresiones culturales, y el ciberespacio se convierte en otro lugar donde la historia se reutiliza y se interpreta de nuevo. La reina ibérica medieval Urraca I (1081-1126) se inserta en estos debates contemporáneos como otra figura traída del pasado para satisfacer las necesidades actuales. Su imagen se presenta en los *softwares* sociales como símbolo de resistencia a la sociedad patriarcal medieval, retratada como alguien que luchó por gobernar y también como un ejemplo de mujer que enfrentó adversidades en su matrimonio y resistió. Así, su imagen se convierte en un icono para debates contemporáneos, siendo reevaluada a través de estas nuevas perspectivas, que encuentran en su historia un espacio para abogar por el regionalismo leonés, así como un símbolo feminista utilizado principalmente por simpatizantes de la derecha política. Por lo tanto, en esta investigación que utiliza los *softwares* sociales como fuentes, percibimos que la representación de la reina se fragmenta en diversas formas según cómo el interlocutor interpreta la historia.

**Palabras clave:** Softwares sociais; Urraca I; Medievalismo;

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO I - LEÃO X CASTELA: A HISTÓRIA MEDIEVAL POR TRÁS DOS COMENTÁRIOS.....</b>	<b>18</b>
1.1. A FUNDAÇÃO DE CASTELA .....	23
1.2. AS BASES DO TERRITÓRIO HERDADO POR URRACA I .....	26
1.3. URRACA I SOBERANA DE LEÃO (E CASTELA) .....	30
1.4. BERENGUELA E A CONCORDIA BENAVENTE.....	36
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	40
<b>CAPÍTULO II - URRACA SÍMBOLO AUTONOMISTA: CASTELA E LEÃO DE 1975 A 2022 .....</b>	<b>44</b>
2.1. CASTELA E LEÃO: DA IDADE MÉDIA AO FRANQUISMO .....	47
2.2. A COMUNIDADE AUTÔNOMA DE CASTELA E LEÃO .....	50
2.3. O LEONISMO: UM DEBATE SOBRE O REGIONALISMO LEONÊS .....	55
<b>2.3.1. Provincialismo vs. Regionalismo .....</b>	<b>57</b>
2.4. OS USOS DA IDADE MÉDIA PARA CRIAÇÃO DE REGIONALISMOS .....	61
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	70
<b>CAPÍTULO III - O RESGATE DE UMA “FEMINISTA” MEDIEVAL .....</b>	<b>73</b>
3.1. URRACA <i>LA TEMERARIA</i> .....	75
<b>3.1.1. O poder e a rainha .....</b>	<b>84</b>
3.2. URRACA, UMA FEMINISTA PARA QUEM? .....	89
CONCLUSÃO DO CAPÍTULO.....	100
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>102</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>107</b>

## INTRODUÇÃO

As formas de ver e utilizar o passado são construídas no contemporâneo, baseadas nas necessidades atuais, reescritas, modificadas e politicamente influenciadas. Quando se pensa em história da Idade Média não é diferente. Os usos e abusos do período e suas figuras históricas são bem comuns na cultura popular – em filmes, séries e jogos, que criam representações do período medieval –, como também no meio político, como o uso de símbolos das Cruzadas e dos Templários pela Extrema Direita atual (PACHÁ,2019) e até mesmo na utilização de artes medievais para criação de memes (CHIMITE, 2020).<sup>1</sup>

Este imagético popular que se tem da Idade Média atual muitas vezes é formado por representações e não necessariamente por fatos. Como ocorre com as formas de se representar uma mulher medieval que aos poucos vem se modificando para se adaptar às demandas do presente. O arquétipo de donzela que precisa ser salva (comum nos contos de fadas) passou a ser substituído por figuras fortes, independentes e até cruéis, assumindo posições de protagonismos em séries, filmes e livros contemporâneos. Com a imagem de uma rainha medieval forte em mente (criada pela ficção), a procura pelas personalidades reais que inspiraram essas personagens fictícias cresce no ciberespaço, sendo cada vez mais comum a criação de twitters,<sup>2</sup> blogs e canais no Youtube<sup>3</sup> que se especializam em apresentar a biografia destas figuras históricas.

A internet possui muita força politicamente. Segundo dados da União de Telecomunicação Mundial (*International Telecommunication Union (ITU) World Telecommunication/ICT Indicators Database*), presentes no site do Banco Mundial, o espaço virtual está presente na vida de 56% da população do mundo, esse dado parece pequeno em relação ao Brasil onde mais de 81% da população já esteve em contato com a rede nos últimos 3 meses (seja por meio do celular, computador, até consoles de vídeo games), ou até mesmo em relação a Espanha em que lugar essa porcentagem sobe para 93% (BANCO MUNDIAL, 2022). O crescente do uso do ciberespaço se deve principalmente à Pandemia de COVID-19 (2020-2023), momento que essa pesquisa foi realizada, quando o uso da internet cresceu

---

<sup>1</sup> Significado de “meme”: 1. Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da Internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem. "meme". **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** (online). 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/meme>>. Acesso em 15/09/2021.

<sup>2</sup> O Twitter é uma rede social de informações rápidas, que permite publicações de textos, fotos e vídeos com limites de caracteres, quantidade e minutos. Site: [www.twitter.com](http://www.twitter.com).

<sup>3</sup> O Youtube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos. Site: [www.youtube.com](http://www.youtube.com).

exponencialmente em todo o globo com o advento dos momentos de confinamentos e trabalhos remotos, tornando-se cada vez mais essencial (NITAHARA, 2021).

Assim, dominar a internet é ter controle de boa parte da população. Isso se exemplifica com pesquisas como a realizada pelo DataSenado (BAPTISTA, 2019) que demonstra que as redes sociais influenciaram o voto de 45% da população brasileira nas eleições para presidência em 2018. É nesse ambiente virtual que muitos dos debates que movem a sociedade são travados, comentados e compartilhados. Assim como ocorre à História<sup>4</sup>, que passa a ter o seu processo de revisionismos acelerado na internet, em que dentro das bolhas sociais online, todos os assuntos podem ser debatidos e ressignificados, encontrando público e adesão.

Assim, o ambiente online se torna um espaço profícuo para a pesquisa histórica, embora ainda sejam poucas as que utilizam das redes como fontes primárias (ALMEIDA, 2011, p.10) e ainda que não se tenha um aporte teórico e metodológico consolidado no cotejo desses documentos, as fontes digitais não devem ser ignoradas pelos historiadores. O espaço digital não precisa ser entendido como um espaço autônomo na sociedade, o que é produzido na internet deve ser analisado como fruto das relações e produções culturais externas. Como afirma Filipe Arnaldo Cezarinho:

Definida a noção de espaço deste trabalho, ocorre a seguinte afirmação: todas as fontes que surgem na internet devem ser compreendidas como fruto ou consequência de relações externas. Consideradas dessa maneira, passam a ganhar sentido e oferecem meios para que o(a) historiador(a) atue sobre elas. Cabe então enquadrá-las no tempo/espaço que lhe conferem sentido (CEZARINHO, 2018, p. 330).

Dessa forma, uma vez que esse ambiente é novo para pesquisa histórica e procurando enquadrar essas fontes bastante efêmeras, ao realizar uma pesquisa online, optamos por buscar somente o que está sendo dito e vinculado na rede, sem necessariamente encontrar a origem, o “lugar de fala” do comunicador. Afinal, independentemente de quem comunica, seja um perfil falso ou uma conta partidária, o conteúdo do comentário ou publicação gera reações e são essas respostas que são o maior interesse nessa análise do ciberespaço.

Dentro deste contexto, lidando com comentários e publicações, em busca das representações e reapropriações online de figuras do passado, que se insere a rainha Urraca I (1081-1126). Uma personalidade histórica que tem se tornado um ícone nos *softwares* sociais principalmente por ter uma trajetória bastante singular: é uma das únicas (e declarada a primeira) rainhas ibéricas no período medieval, que enfrentou diversos conflitos em seu reinado e teve um casamento considerado abusivo.

---

<sup>4</sup> Pensando aqui a História como ciência ou disciplina.

## **Delimitações e teoria**

A dissertação tem como problemática analisar como a rainha Urraca I é representada nos *softwares* sociais e perceber a quais movimentos e ações políticas atuais a sua figura está vinculada. *Softwares* sociais é uma expressão que define websites ou aplicativos que visem a comunicação e/ou interações entre os usuários, optamos por este termo por conseguir abarcar todos os tipos de plataformas online utilizadas nesta pesquisa.

A partir da problemática definida anteriormente objetivamos: avaliar e diferenciar a que discursos a imagem da rainha está vinculada atualmente e como ela é retratada; pesquisar como sua imagem é apresentada em disputas separatistas das Comunidades Autônomas Espanholas; e investigar se esses discursos estão relacionados a embates de gênero, políticos e identitários regionalistas.

Embarcando na pesquisa e analisando como a rainha é apresentada na internet, foi possível notar logo no início que sua imagem é utilizada à mercê dos interesses de quem se comunica no ciberespaço. Suas ações são interpretadas de diversas formas mediante a comentários enfáticos no Youtube, modificações de sua biografia na Wikipédia<sup>5</sup> e *printscreens*<sup>6</sup> com edições e frases fortes presentes no Tumblr<sup>7</sup> atribuídas à sua figura.

Realizamos coletas de dados em diversas plataformas nos *softwares* sociais, nas quais foi possível notar que a rainha não possui muitas publicações sobre a sua história, a maioria produzida de 2016 a 2021 e a mais antiga publicada em 2010, sendo ela nosso marco inicial para a coleta de dados realizadas de forma manual na internet angariando postagens feitas entre 2010 e 2022.

Essa análise foi realizada com uma quantidade relativamente pequena de dados, a chamada “small data” (LATZKO-TOTH, BONNEAU E MILLETE apud SALIBA, 2017, p. 194) e seu cotejo é explicado no decorrer dos capítulos, fazendo uma pesquisa qualitativa e não quantitativa, visando as intenções e subjetividades do que é produzido, apesar de não possuir enfoque na autoria.

Durante a pesquisa dividimos essa análise em dois focos, aqueles que debatem sua imagem dentro de um contexto partidário e aqueles que se identificam e reproduzem sua história, com uma representação focada em seu gênero. Por meio do contexto partidário percebemos que sua imagem se tornou um estandarte para debates autonomistas presentes na

---

<sup>5</sup> A Wikipedia se autodenomina como uma enciclopédia livre, onde qualquer usuário da internet pode editar os artigos formados em sua plataforma. Site: [www.wikipedia.org](http://www.wikipedia.org).

<sup>6</sup> Outra forma de denominar captura de tela, também chamado de prints

<sup>7</sup> O Tumblr é uma plataforma que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeos, gifs, links, citações áudios e diálogos, como se agregasse diversos blogs em uma rede social. Site: [www.tumblr.com](http://www.tumblr.com).

Espanha que almejam a divisão da atual Comunidade Autónoma de Castela e Leão. E ao focalizar na identificação atual, dois aspectos de sua história que são constantemente ressaltados: o fato dela ser uma rainha medieval, que batalhou para se manter no trono; e os maus tratos que sofreu de seu segundo marido, o monarca Alfonso I de Aragão.

Demonstrando alguns exemplos de como ela é apresentada a partir dos recortes de Gênero, temos: associações a personagens de *Game of Thrones*, sendo comparada a Cersei e Daenerys, personagens da série (STILES, 2016), o que ressalta sua força e poder; e descrições que a comparam com homens (SEGOVIA, 2020). De forma geral, essas associações muitas vezes pontuam aspectos de sua vida que se assemelham a debates do presente, como o fato dela ter sido abusada no seu segundo casamento (FLORIAN YUBERO CAÑAS, 2011; ARROYO MARTÍN, 2010).

Assim, diferente das fontes medievais e na historiografia posterior nas quais a rainha era vista como imprudente por estar no poder (ou seja, governando) (GORDO MOLINA, 2008, p. 13), nos *softwares* sociais suas ações como governante são exaltadas por sua força. No ambiente online seu gênero é ressaltado e ela é apresentada como uma rainha forte, uma exceção na Idade Média patriarcal. Sua representação atual não se interessa em detalhes do seu governo (no que de fato ela fez como rainha), mas sim na sua história de resistência ao sistema que é exemplo para mulheres atuais.

Sendo possível analisar que o que era inferiorizado outrora, hoje é ressaltado. Urraca nos *softwares* sociais é símbolo justamente por ser mulher, quando em sua época e por muito tempo na historiografia foi esquecida e relegada justamente por isso. Atualmente o seu ato de resistência é visto como aspecto de poder, em vez de imprudência.

Já as representações que enfocam no discurso partidário, reivindicam Urraca como a primeira rainha somente de Leão, não de Castela e Leão, ou de toda a Espanha. Essa classificação que molda aspectos históricos a partir de visões atuais é parte da agenda política de partidos leonistas,<sup>8</sup> que defendem a autonomia dos territórios do antigo reino de Leão da atual Comunidade Autónoma de Castela e Leão.

A rainha Urraca entra nesse conflito como um ícone partidário, sendo apresentada como a primeira rainha de Leão. O ponto mais sintomático dessa utilização da rainha como ícone leonista é o usuário do twitter *@UrracaReina*, uma conta que se passa pela rainha (utilizando até sua pintura feita por José Rodríguez de Losada, que se encontra na prefeitura de Leão) e publica textos de apoio ao movimento leonista, com imagens de manifestações autonomistas

---

<sup>8</sup> Partidários da autonomia de Leão

realizadas em fevereiro de 2020 e notas de repúdio no dia 23 de abril, o Dia de Castela e Leão.<sup>9</sup> Esses posicionamentos que utilizam a imagem da rainha, são reforçados por inúmeros comentários do YouTube que ressaltam que Urraca foi uma rainha apenas leonesa por intermédio de contas partidárias (que carregam a bandeira do movimento leonista como ícone) e também por usuários comuns, que declaram que a “castelo-leonização” foi criada por “historiadores medíocres espanholistas”.<sup>10</sup>

Com a análise dos dados coletados o resgate da rainha Urraca dentro do contexto autonomista leonês ganha destaque uma vez que boa parte dos comentários analisados nas redes estão envoltos nesta busca de um regionalismo forte que ressalte os grandes reis de Leão. Neste cenário, Urraca se torna um grande estandarte, justamente por ser mulher e por ser a primeira rainha, ela é um símbolo grandioso que constantemente é reivindicado pelos leonistas.

As representações partidárias da rainha na internet importam-se muito mais com a reivindicação de sua imagem, do que com sua história. Munidos de comentários como “Urraca de León, León no es Castilla!!!”<sup>11</sup> os usuários não se importam com a veracidade do que é passado nos vídeos do YouTube que comentam, até mesmo em vídeos que a história de Urraca I e sua tia, Urraca de Zamorra, se confundem.<sup>12</sup> Nesse caso novamente a rainha deixa de ser uma rainha imprudente para se tornar um ícone de resistência e um pilar para criação de uma história que consolida movimentos atuais (sejam eles os movimentos autonomistas, feministas, ou apenas as curiosidades geradas e aumentadas pelo universo fictício).

Neste contexto percebemos que o mesmo conflito não ocorre com figuras como Alfonso VI ou Alfonso VII (respectivamente pai e filho de Urraca), porque Alfonso VI não é vinculado a imagem de Castela, ele é considerado um rei apenas leonês, apesar de ter reinado nos territórios de Castela, e Alfonso VII não é contestado em publicações e vídeos. Não há um debate que envolve o pertencimento de Alfonso VII, filho de Urraca, uma vez que geralmente é considerado rei de Castela e Leão, sem grandes conflitos envolta. É a partir dessa comparação que podemos comprovar que o fato de Urraca ser mulher, considerada a primeira rainha é crucial nessa disputa política.

Com base nessas breves análises, que serão esmiuçadas nos capítulos desta dissertação, demonstramos que as representações são um dos principais aspectos de poder sobre a história de

---

<sup>9</sup> Dia criado com intuito de reforçar uma cultura castelo-leonesa.

<sup>10</sup> Espanholistas são partidários de uma Espanha unificada. Esse comentário está presente no vídeo: RAULYZ. 2016.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Comentários presentes no vídeo: FLORIAN YUBERO CAÑAS, 2011.

Urraca no passado e hoje, porém não é um poder que é dado a rainha e sim a imagem da rainha utilizada como um artifício de poder. Como pontua Sandra Jataly Pesavento:

Os discursos e a imagem mais do que meros reflexos estáticos da realidade social, podem vir a ser instrumentos de constituição do poder e transformação da realidade. Concluindo, a representação do real, ou o imaginário, é em si, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo (PESAVENTO, 1995, p. 18).

É um verdadeiro espaço de luta de representações, seria o que Chartier denomina o “fazer crer” que um grupo impõe ao outro a sua percepção de mundo, como arremata W. L. Magalhães: “Para o autor (Chartier) “é do crédito dado (ou recusado) às representações que um poder político ou que um grupo social propõe de si mesmo que depende a autoridade do primeiro e o prestígio do segundo” (MAGALHÃES, 2016, p. 95).

O imaginário como objeto de estudo historiográfico faz parte dos novos olhares dados a história nas últimas décadas do século XX, atrelado em uma ação multidisciplinar entre história, antropologia, sociologia, psicologia dentre outras disciplinas (PESAVENTO, 1995, p. 20). A história do imaginário está em busca das imagens produzidas por uma sociedade, procurando não apenas as imagens visuais, mas também as imagens verbais e mentais.

Baczko (1985, p. 311) complementa essa ideia de um imaginário que reforça o poder fazendo uma análise dos imaginários sociais mediante as produções dos discursos e como este imaginário está presente nas representações coletivas de uma linguagem estando assim revestido de signos e símbolos. Este imaginário simbólico que é apropriado pelas instâncias de poder assim seria entendido por Baczko como um poder simbólico, que seria o imaginário reforçando o poder por meio do seu caráter ideológico:

Exercer um poder simbólico não consiste meramente em acrescentar o ilusório a uma potência “real”, mas sim em duplicar e reforçar a dominação efetiva pela apropriação dos símbolos e garantir a obediência pela conjugação das relações de sentido e poderio (BACZKO, 1985, p. 299).

Neste caso, uma figura da história é utilizada como uma imagem e usada como um instrumento de constituição do poder de ordem do discurso com o intuito de transformar uma realidade: no caso do movimento autonomista, com objetivo de modificar os acordos territoriais da Espanha; no caso dos discursos genderificados, de criar um exemplo de resistência; e no caso dos discursos acadêmicos um resgate de uma história esquecida. Em alguns âmbitos a biografia da rainha tem menos importância do que seu título como rainha leonesa (em outros campos mais), o que é de comum a todos é que ela se tornou uma representação e em muitos casos um símbolo carregado de ideologias e reivindicações identitárias.

Para essa análise de representações também se torna imprescindível observar a partir de uma ótica de gênero, afinal, fundamentados no que foi analisado, o resgate da rainha no presente

é algo feito baseado totalmente no fato dela ser uma mulher. Assim, para essa pesquisa, além de refletimos por meio de representações e construção de imaginário, utilizamos Gênero como uma categoria de análise, como apresentado pela historiadora Joan Wallach Scott.

Mediante a esta teoria também observamos as relações de poder construídas nesse meio cultural, pois como afirma Scott, gênero é entendido como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos (...) forma primeira em significar as relações de poder” (SCOTT, 1989, p. 21). Dentro desse contexto, gênero é construído como parte das relações sociais que são passíveis de mudanças e constituem as relações de poder e política.

Por fim, no processo de pesquisa e principalmente escrita dessa dissertação, ficou cada vez mais claro que os processos de resgate da história de Urraca na internet é uma ação exógena ao que ocorre nas Universidades, sendo uma ação realizada pelo público e com interesses públicos. Em um desenvolvimento de uma identidade regional, como pontua Daniela Torres-Ayala (2020, p. 242), a recuperação da memória por parte do público permite a revalorização de caráter comunitário, reivindicação da voz de um grupo social, que se relaciona diretamente com uma construção de identidade e cidadania.

### **As representações da Idade Média no presente: Medievalismos**

Por fim, é importante conceituar em que período da história estaria esse trabalho, em que momento ele se figura, afinal, sendo uma pesquisa que analisa uma personagem medieval atualmente, não seria um trabalho nem de Idade Média, nem do Tempo Presente. Porém, longe de estar em um limbo conceitual, essa dissertação faz parte da seara de trabalhos sobre Medievalismos. Por se tratar de uma nova área nos estudos historiográficos, se faz necessário conceituar qual seria a diferença de medievalismos e estudos medievais.

De forma direta e prática, os estudos medievais analisam o período histórico em si, que foi, de grosso modo, dividido pelos renascentistas como o período que vai desde a divisão do Império Romano até a queda de Constantinopla (segundo a corrente que seguimos), essa divisão, como Otávio Viera Pinto explica, seguia o movimento renascentista do século XVI:

Com raízes entranhadas em Petrarca e Bussi, o século XVI cria então um novo tempo, o “Tempo do Meio”, não mais guiados por uma noção religiosa de cronologia, mas por uma noção estética e cultural, que separe os pensadores que surgem entre os séculos V e XIII deles próprios (VIEIRA PINTO, 2020, p. 131).

Assim, a Idade Média foi criada, gerada como um conceito (BERTARELLI, AMARAL, 2020, p. 38) e os estudos medievais se baseiam nessa cronologia definida no século XVI. Desde

sua criação, mas principalmente durante a definição da História como disciplina acadêmica, os estudos medievais adquirem um tom fundador de nacionalismos. Essa característica associada com manifestações fora da academia, presente nas artes, literatura e arquitetura, faz com que o medieval adentre cada vez mais no imaginário, adquirindo propriedades de medievalidade. O medievalismo é a reapropriação dos elementos percebidos como medievais após o fim do período definido como Idade Média.

Analisado principalmente como um elemento estético, proveniente dos movimentos populares de arte e entretenimento, o medievalismo é definido distante da academia, porém, influenciou, juntamente com o colonialismo, a consolidação do nacionalismo em diversos países europeus, principalmente na França (WARREN apud BIRRO, 2020, p. 42).

Foi somente no século XX, por estudiosos dos Estados Unidos e Alemanha que simultaneamente, mas não em conjunto, passou-se a estudar a recepção da Idade Média em períodos pós-medievais como um campo da História. Como descrito por Leslie Workman, um dos fundadores do campo de estudo nos EUA, medievalismos enquanto o objeto de estudo é o processo de criar a Idade Média após o período, já enquanto área de pesquisa é descrita como “o estudo não da Idade Média, mas dos acadêmicos, artistas e escritores que construíram a ideia de Idade Media que herdamos” (MATTHEWS, 2015, p. 7, tradução nossa).<sup>13</sup>

Assim, consolidamos o conceito de medievalismos enquanto esse processo de apropriar ou ressignificar uma representação da Idade Média após o período ter terminado. Um campo de pesquisa que se aproxima bastante dos estudos culturais por trabalhar com conceitos como representação e imaginário, e que ainda está definindo seus métodos (MATTHEWS, 2015, p. 9), ainda gerando comparações com conceitos como o da Longa Idade Média (BERRIEL, 2020, p. 74), que aos poucos estão sendo desfeitas (BERTARELLI, AMARAL, 2020).

Mesmo sendo um campo recém-criado, o Medievalismo já se fragmenta em sua prática de pesquisa, dessas frações surge os Neomedievalismos enquanto uma subdivisão da área que se especificaria em analisar essas apropriações da Idade Média no ambiente tecnológico e principalmente o seu uso político. Ainda há diversos debates sobre quais seriam os limites entre Medievalismo e Neomedievalismos, se o primeiro deveria ser sobre as representações no passado, quando o segundo trataria dos usos no presente, incluindo um debate sobre anacronismos e uma criação de uma pseudo Idade Média no imaginário contemporâneo.

---

<sup>13</sup> Original: As he described it, medievalism is the “process of creating the Middle Ages” and “the study not of the Middle Ages themselves but of the scholars, artists, and writers who ... constructed the idea of the Middle Ages that we inherited.”

Dessarte, entre debates, embates e definições concretas que ainda estão sendo gestadas, esse trabalho se insere nesta nova corrente de Neomedievalismos, analisando os medievalismos – ou seja essas apropriações e representações da Idade Média – presente na internet, percebendo as representações da rainha Urraca I dentro dos *softwares* sociais e seus usos políticos.

### **A estrutura desta dissertação**

Neste trabalho percebemos que a figura de Urraca também possui um tom fundador, mas não de nacionalismos, e sim de consolidação de identidades, resgates de um passado bem antigo para uma reivindicação do presente. Assim, essa dissertação é dividida em três capítulos.

O primeiro capítulo intitulado **Leão X Castela: A História Medieval por trás dos comentários** surge da necessidade de compreender por que certos momentos da história medieval ibérica são constantemente evocados nos debates sobre como a rainha Urraca I deve ser intitulada na atualidade, enquanto rainha leonesa ou castelo-leonesa. Assim, neste capítulo é realizado um breve apanhado da história medieval de Leão e de Castela e a biografia da monarca é descrita, a fim de criar uma base para se compreender as representações nos *softwares* sociais.

O segundo capítulo, **Urraca, símbolo autonomista: Castela e Leão nos tempos atuais** analisa a construção dos embates autonomistas leonistas atuais, uma vez que Urraca I passa a ser evocada neste contexto de construção de uma história leonesa como um estandarte político.

Por fim, **O resgate de uma “feminista” medieval**, expande o estudo das representações da rainha para além do debate autonomista e investiga a importância que o seu gênero possui para as apropriações realizadas nos *softwares* sociais, percebendo se em seu resgate ela é associada ao feminismo, porque desta relação e por quem é realizada. A fim de consolidar quais são as representações da rainha no ambiente virtual.

## CAPÍTULO I

### LEÃO X CASTELA: A HISTÓRIA MEDIEVAL POR TRÁS DOS COMENTÁRIOS

Na internet, a História, por diversas vezes, se torna um campo profícuo para uma batalha, uma verdadeira luta por representações e narrativas. Aspectos históricos que no ambiente acadêmico não possuem tanta importância (ou pesquisas relacionadas sobre) ganham novos vieses e destaques em meio ao público, que encontra nas redes um espaço para escoar suas opiniões e expor a parte da história que lhe convém. Como exemplo desta guerra de narrativas temos os comentários abaixo (CAPTURA DE TELA 1), nos quais a história da rainha Urraca I (1089/1090 – 1126) é utilizada como estandarte para um posicionamento atual:

**CAPTURA DE TELA 1** – Comentários feitos no vídeo *Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)* do canal do Youtube Raúlz.



RAÚLVZ. *Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)*. 17/09/2016. (24min49seg). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ejQnryAc8nE>>. Captura de Tela feita em: 03/10/2022.

O vídeo ao qual esses comentários estão vinculados trata-se de um capítulo completo do programa de rádio apresentado por Juan Antonio Cebrian (1965-2007) *La rosa de los vientos* (1997- ), em uma seção do programa reservada à história intitulada *Pasajes de la historia*. Republicado em 17 de setembro de 2016 por Raúlz, um canal do Youtube dedicado a História da Espanha e Segunda Guerra Mundial.

A reprodução audiovisual contém a narração do programa original de J. A. Cebrian associada a imagens que remetem à posição geográfica dos territórios ibéricos no final do

século XI e quadros da rainha Urraca I, principalmente à obra de Carlos Múgica y Pérez de 1821 e a de José María Rodríguez de Losada feita entre 1892 e 1894.

Cebrian narra a importância do século XI na história da Espanha, enfatizando particularmente os eventos relacionados à Reconquista<sup>1</sup>. Em seguida, ele mergulha na narrativa da história de Urraca, destacando suas batalhas e também ressaltando como sua sucessão colocou em risco a continuidade dos reinos cristãos. O relato oferece uma descrição minuciosa da vida de Urraca, enfatizando a relevância da Reconquista em sua trajetória, apesar de destacar que esta expansão militar sofreu uma paralisação durante o governo de Urraca.

Não conseguimos verificar a data exata de produção do programa "La rosa de los vientos" sobre a rainha, mas, considerando que o jornalista responsável faleceu em 2007, é plausível inferir que a sessão provavelmente tenha sido divulgada no final dos anos 1990 ou início dos anos 2000. É relevante notar que, na narrativa histórica apresentada por Cebrian, não há distinção entre os reinos de Castela e Leão, e Urraca é referida como rainha castelhana em vários momentos. Isso tem gerado várias reclamações na seção de comentários do vídeo, como exemplificado na CAPTURA DE TELA 1, no qual os espectadores alegam que o título da publicação feita por *Raúl*vz também está equivocado ao designar Urraca como rainha de Castela, algo que, na época da coleta dos dados (a partir de 2020) já havia sido corrigido, passando a se referir a ela exclusivamente como rainha de Leão no título atual.

A associação deste programa de rádio com as representações da rainha nos *softwares* sociais se manifesta principalmente por meio de sua disseminação no YouTube, principalmente nesta publicação realizada pelo canal *Raúl*vz, que contabilizou o maior número de visualizações (256.692 em 5 de maio de 2023, às 10h [GMT-3]). Nesse contexto, é relevante observar que a maioria dos 500 comentários presentes nesse vídeo realizam um debate acerca da verdadeira origem da rainha, se ela era efetivamente da região de Leão ou Castela. Como é evidenciado na CAPTURA DE TELA 1.

A extração de dados no Youtube foi realizada em 27/10/2020 e 04/11/2021, pesquisando por Urraca I, os primeiros 10 vídeos sobre a rainha especificamente que não incluem coletâneas sobre rainhas medievais ou reis ibéricos, passando por uma revisita nos dias 03/10/2022 e 05/04/2023. Os dados foram coletados por intermédio do navegador Opera GX em modo anônimo, e em cada vídeo foram feitos arquivos PDF de toda a página com a sessão de comentários completamente carregada. Além disso, capturas de telas foram realizadas daqueles que mais interessam ao trabalho em questão.

---

<sup>1</sup> Este conceito será melhor delimitado posteriormente no texto.

Na ilustração em questão, é possível discernir um debate travado entre três usuários cujas identidades, referentes a seus nomes pessoais, foram propositadamente omitidas. Essa escolha metodológica reflete a ênfase desta pesquisa, que não se concentra na identificação precisa dos interlocutores envolvidos no debate sobre a figura histórica ibérica, mas sim na análise dos diálogos mantidos por eles na plataforma digital e na investigação dos possíveis alinhamentos políticos subjacentes a essas interações. Dessa forma, o enfoque recai sobre o conteúdo das comunicações e não sobre a identidade dos comunicadores, ressaltando apenas algumas exceções em que os *usernames*<sup>2</sup> serão mantidos intactos.

O primeiro comunicador da CAPTURA DE TELA 1 diz que Urraca I foi rainha de Leão e que seu filho, Alfonso VII (1105-1157), dividiu os reinos em Leão, Castela e Portugal. O que gera a resposta do *user* cuja foto é a letra p (e chamaremos de **P**) relatando que o reino de Castela se criou em 1065 assim, Urraca é de fato rainha de Castela e Leão.

Em seguida, um terceiro participante entra na discussão e observa que com base no argumento apresentado por **P**, a Galiza também poderia ser considerada um reino, uma vez que foi estabelecida no mesmo ano. No entanto, este terceiro usuário discorda da posição de **P**, afirmando que, mesmo que Leão tenha sido dividido em várias ocasiões, ele desempenhou um papel mais significativo na Península Ibérica naqueles tempos. Portanto, há uma discordância em relação a quais territórios pertenciam aos diferentes reinos e qual era sua importância relativa na história da Península Ibérica.

Neste diálogo observamos um confronto de perspectivas, um debate sobre a interpretação dos territórios com os quais a rainha deve ser associada na contemporaneidade, sendo que cada participante se apoia em eventos do passado para embasar suas argumentações. Porém, mesmo utilizando da história, cada interlocutor apresenta informações distintas, e a partir do contexto desta pesquisa, que está situado no ambiente acadêmico brasileiro, essas informações constituem novos dados relevantes para a pesquisa.

---

<sup>2</sup> Designação dada aos nomes dos usuários em *softwares* sociais também chamados de *users*.

## CAPTURA DE TELA 2 – Comentários feitos no vídeo *Reina Urraca I De León (Año 1080)*

### *Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)* do Canal do Youtube Raúlz



be [redacted] há 5 anos (editado)

Manipulación histórica. Fue reina de León. León comprendía a la actual región leonesa, Castilla (incluyéndola actual Rioja y Cantabria), Asturias, Galicia, País Vasco y norte de Portugal.

👍 16 🗨 Responder

▲ 5 respostas



C [redacted] há 2 anos (editado)

Fernando I el abuelo de la reina Urraca, (que era hermanastro del padre del segundo marido de dicha reina) fue el primer rey de Castilla, (esta antes era un condado del reino de León) fue rey de León porque su Mujer Sancha después de que mataran a su hermano el rey Ordoño, era la heredera de ese reino, Asturias, Cantabria y lo que es hoy territorio de ...

Ler mais

👍 1 🗨 Responder

RAÚLVZ. **Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)**. 17/09/2016. (24min49seg). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ejQnryAc8nE>>. Captura de Tela feita em: 05/04/2023.

Outras informações também estão presentes nesse comentário, que provém do mesmo vídeo e defende o mesmo argumento do primeiro comentarista da CAPTURA DE TELA 1, mas que apresenta outros fatos. Nesta CAPTURA DE TELA 2, vemos uma delimitação dos territórios que compreendiam o reino de Leão durante o governo urraquiano, que segundo este usuário conteria as atuais regiões de Leão, Castela, Asturias, Galiza, País Basco e norte de Portugal, declarando o vídeo uma manipulação histórica. Comentários neste teor são bem comum em diversos ambientes nos *softwares* sociais, mas principalmente em vídeos do Youtube que possuem (ou possuíam) em seu título Urraca I como rainha castelhana.

A rainha, de fato, herdou os territórios que hoje correspondem aos destacados na CAPTURA DE TELA 2. No entanto, o debate em curso nos comentários não se concentra no que ocorreu historicamente, mas sim em como a rainha deve ser denominada na atualidade. A questão em discussão atualmente gira em torno de saber se todos os reinos sob seu domínio devem ser mencionados sempre que ela é referenciada.

Esse conflito é claro em uma das respostas ao comentário anterior presente na CAPTURA DE TELA 2, onde o interlocutor, que chamaremos aqui de **C**, detalha parte da história medieval da Península Ibérica utilizando justamente de Fernando I (1016-1065) como justificativa para defender que Urraca não era rainha somente de Leão em sua nomenclatura, mas também de todos os outros reinos, reafirmando que Castela já estava elevado a reino na época que ela herdou seus territórios.

É um extenso comentário, que detalha as divisões territoriais e conflitos presentes desde Fernando I até a divisão de Galiza entre o condado da Galiza e o condado Portugalense, realizada por Alfonso VI, e demonstra a necessidade de clamar a Galiza enquanto reino também, sendo possível perceber em outros comentários do mesmo usuário (CAPTURA DE TELA 3)

que se trata de uma defesa de declarar Urraca não somente como rainha castelhana, como também galega.

### **CAPTURA DE TELA 3** – Comentários feitos no vídeo *Reina Urraca I De León (Año 1080)*

*Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)* do Canal do Youtube Raúlz

S [redacted] há 5 anos  
Reina de Castilla y León ?? Poco informado estás tú de historia de España..la Reina Urraca era Reina del Reino de Leon.  
18 Responder

7 respuestas

C [redacted] há 2 anos (editado)  
Sí, fue reina de Castilla, como heredera de Alfonso VI el Bravo heredó León, Castilla y Galicia, incluido el condado de Portugal, que siempre fue territorio galaico, ese condado lo creó su padre el rey Alfonso como regalo de boda para su hija natural Teresa (su madre fue una dama del Bierzo), esta se sublevó contra su hermanastra, aprovechando los problemas que está tenía con su segundo marido y fue así que se independizó Portugal (Oporto = Oporto galo). Teresa no se proclamó reina pero sí su hijo que fue el primer rey de Portugal, al sur del Duero en lo que habían sido tierras de Lusitania, (al norte del Duero siempre había sido territorio galaico), estaba la taifa de Badajoz que se reconquistó más tarde.  
Mostrar menos  
3 Responder

RAÚLVZ. **Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)**. 17/09/2016. (24min49seg). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ejQnryAc8nE>> Captura de Tela feita em: 05/04/2023.

Comparando os comentários da CAPTURA DE TELA 1 com as informações fornecidas sobre o comentário de C (CAPTURA DE TELA 3), é possível identificar uma diferença de perspectiva entre o terceiro comentarista e C. Enquanto o terceiro comentarista defende que a rainha deve ser denominada apenas como rainha de Leão, C adota uma posição diferente, argumentando que a rainha não só pertencia a Castela, mas também à Galiza. Isso demonstra que mesmo que ambos os comentaristas utilizem argumentos históricos semelhantes, eles chegam a conclusões diferentes sobre como a rainha deve ser denominada na contemporaneidade.

O usuário C comete diversos erros em sua grande preleção, seja no nome dos monarcas presentes, seja nos fatos apresentados, o que nos gera a necessidade de investigar os fatos à luz da historiografia e fontes históricas, como também cria questionamentos relativos à criação do reino de Castela e Galiza e sua correlação com o reino de Leão. Perguntas que são formadas também por outros debates realizados na internet, como por exemplo o segundo comentário da CAPTURA DE TELA 1.

Com algumas capturas de tela provenientes do mesmo vídeo do Youtube nos deparamos com diversas formas de utilização da história para justificar um ponto de vista sobre como a rainha Urraca deve ser representada na atualidade. Maneiras de representar a rainha que a tornam cada vez mais uma assimilação do medieval na atualidade, uma “apropriação de

vestígios daquilo que pertenceu ao período[medieval], mas que sofreu alterações e transformações ao logo do tempo” (OLIVEIRA, FREITAS, 2017, p. 144), empregada pelo público como uma forma de recuperar a memória coletiva e para fins políticos, como veremos nos próximos capítulos desta dissertação.

E com base nas questões levantadas na análise dos *softwares* sociais que mergulhamos na história da construção de Castela e Leão enquanto núcleos políticos, com enfoque nestes momentos chaves retratados nos comentários, a fim de compreender por que essas passagens da história são evocadas e nos questionar qual seria a melhor nomenclatura a se dar a rainha. Qual seria de fato a verdade dentre diversas premissas – rainha de Leão, ou Castela e Leão, ou até mesmo Leão, Castela, Galiza, Asturias, País de Basco e norte de Portugal (CAPTURA DE TELA 2)? Para isso é importante voltar à história medieval, realizando um breve apanhado sobre os embates entre Leão e Castela durante o período medieval, desde o início do reino de Leão (910) até a Concordia Benavente (1230), dando um enfoque maior ao governo de Urraca, mas passando por momentos de conflitos e sucessão nos reinos de Castela e Leão.

### **1.1 – A fundação de Castela**

O reino de Leão teve sua origem após o reinado de Alfonso III (852-910), que governou as terras das Astúrias<sup>3</sup> de 866 a 910. Com o término de seu governo, seus filhos - Garcia I (871-914), Ordonho II (873-924) e Fruela II (874-925) - receberam a herança das terras asturianas, que foi dividida entre Leão, Galiza e Astúrias. Assim, esses eventos deram origem a um reino independente de Leão, como ilustrado na FIGURA 1.

É importante compreender que é durante o reinado de Alfonso III que “se gestará toda uma ideologia restauradora, de natureza *neogótica*, que nutria como primordial objetivo a restauração territorial, política e religiosa de todo o cenário visigodo” (ALVARO; PRATA, 2014, p. 122). Ou seja, se faz de suma importância entender como conceituamos a Reconquista, enquanto termo histórico que significa esse momento de expansão militar dos reis cristãos ibéricos sob a costa islâmica, com características religiosas e expansionistas, de retomada do antigo território visigodo. Conceituando o termo Reconquista em consonância com Francisco García Fitz:

A Reconquista não só é válida, como a sua utilização continua a ser plenamente operacional. E isto porque com um único termo de referência se faz, sem necessidade de maiores explicações, um processo chave na Idade Média peninsular, como a expansão militar à custa do Islão Ocidental, que

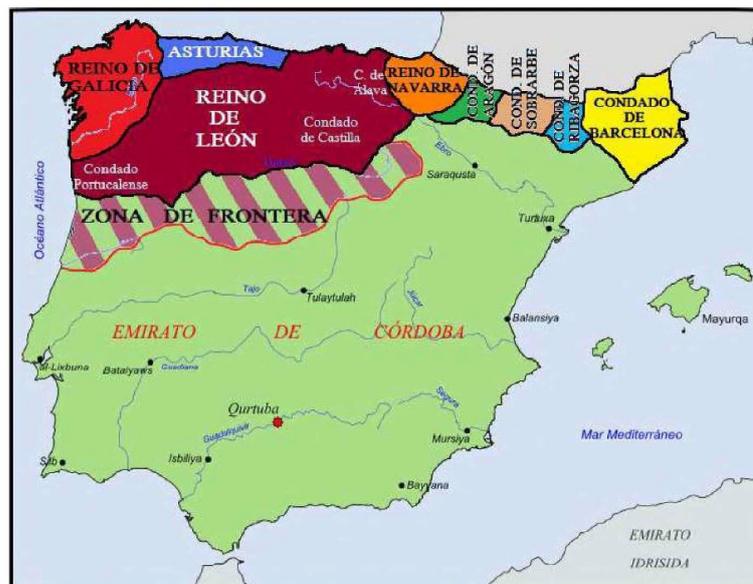
---

<sup>3</sup> Reino fundado em 718 após a queda do reino Visigodo (418-711) e ascensão do Califado Omíada (661-750) na Península Ibérica.

foi acobertado e promovido por uma ideologia militante baseada nos princípios da guerra santa e da guerra justa, e que também teve um impacto decisivo na formação das sociedades fronteiriças (GARCÍA FITZ, 2009, p. 201, tradução nossa).<sup>4</sup>

Trata-se de um conceito que vem sendo reiteradamente discutido dentro da Historiografia (sobretudo ibérica), com debates que vão desde as delimitações deste, até a substituição de seu uso por termos utilizados nas fontes medievais ibéricas (como *restauratio*). Por enquanto, para compreender os conflitos territoriais entre Leão e Castela, é importante ressaltar que é essa ideologia restauradora que marca o período e também que gera um fio condutor para todos os reis castelhano-leoneses que citaremos.

**FIGURA 1** – Divisão da Península Ibérica no final de 910



SALGADO FUENTES, 2016, p. 30

Com base na FIGURA 1 observamos que a Galiza é de fato um reino separado, porém, a imagem apresenta a região do futuro condado Portucalense como pertencente a Leão (o que difere dos fatos apresentados pelo usuário C (CAPTURA DE TELA 3). Já Castela é apenas como um condado de Leão.

O Condado de Castela, situado na fronteira do reino de Leão (consulte a FIGURA 1), floresceu em meio a conflitos, desenvolvendo uma população armada com costumes distintos e uma língua vernácula ligeiramente divergente do leonês (conforme RUCQUOI, 1995, p. 147).

<sup>4</sup> Original: “Reconquista no sólo está vigente, sino que su uso sigue siendo plenamente operativo. Y ello es así porque con un único término se hace referencia, sin necesidad de mayores explicaciones, un proceso clave en la Edad Media peninsular, como fue la expansión militar a costa del Islam occidental, que estuvo revestido e impulsado por una ideología militante basada en los principios de guerra santa y de guerra justa, y que además tuvo una incidencia decisiva en la conformación de unas sociedades de frontera.”

Fernán González (910-969/70), membro da família dos condes de Lara, desempenhou um papel fundamental na ascensão de Castela à categoria de reino. Em 932, ele passou a autodenominar-se conde de toda Castela. Sua notoriedade derivava de seus feitos militares, que incluíam a contenção dos avanços do califa de Córdoba e a conquista de cidades. Além disso, seu casamento com a viúva de Ordonho II (873-924) de Leão consolidou ainda mais seu poder e influência.

Durante seu período como conde de Castela, Fernán González desempenhou um papel central em vários conflitos com os reis de Leão, envolvendo casamentos e prisões. Esses eventos contribuíram para a expansão do território castelhano, o que lhe conferiu notoriedade nas cortes leonesas. No entanto, não há um consenso entre os historiadores sobre se ele foi o principal responsável pela independência de Castela. Dentre as fontes consultadas para esta breve pesquisa, Adeline de Rucquoi (1995) não menciona explicitamente a independência do Condado, mas trata o território como uma entidade independente. Por outro lado, Salgado Fuentes (2016, p. 33) afirma que a independência de fato ocorreu por volta de 960, durante os conflitos entre Sancho I e Fernán González. Contudo, em muitos portais de informações sobre Castela, a independência é datada de 942, após uma revolta subsequente à criação de Monzon, ou mesmo de 932, quando Fernán González começou a se autodenominar conde de Castela.

Além disso, é importante destacar que Castela só ascendeu à categoria de reino alguns anos mais tarde, após a morte de Bermudo III (1017-1037), que reinou sobre Leão de 1028 a 1037. Nesse período, em 1037, Castela fazia parte do território de Pamplona<sup>5</sup>, e é por meio deste reino que encontramos outro importante personagem para a ascensão de Castela a reino: Fernando I (1016-1065), filho do rei de Pamplona, Sancho III (992-1035), que herdou o condado após o falecimento de seu pai, contribuindo significativamente para o estabelecimento posterior do Reino de Castela.

Em meio a um dos muitos conflitos territoriais que Castela e Leão enfrentavam, notadamente nas regiões de Monzon e entre os rios Cea e Pisuerga, o exército liderado por Fernando I alcançou uma vitória decisiva sobre Bermudo III, resultando na morte deste último em combate. Uma circunstância que acentua o significado desse evento é o fato de que Fernando I era casado com Sancha Alfónsez (1018-1067), irmã de Bermudo. Isso o tornou o herdeiro direto do trono leonês, levando-o a cercar a cidade de Leão, eventualmente adentrando-a e sendo proclamado como rei, conforme descrito por Rucquoi (1995, p. 159). A partir desse momento, ele passou a ser conhecido como Fernando I, o Grande, de Leão.

---

<sup>5</sup> Pamplona é nome dado ao reino de Navarra até 1162

Com o falecimento de Fernando I em 1065, o monarca dividiu suas terras entre seus herdeiros de acordo com seu testamento. Nesse documento, elevou Castela à categoria de reino e legou esse território ao seu filho mais velho, Sancho II (1036-1072). Seu filho do meio, Alfonso VI (1040/41-1109), recebeu os domínios de Leão, enquanto Don García (1042-1090), o caçula, herdou as terras da Galiza, que abrangiam na época o futuro Condado Portucalense. Além disso, Fernando I destinou as regiões de Zamorra e Toro a suas filhas, Urraca<sup>6</sup> (1033-1101), que ficou conhecida como Urraca de Zamorra, e Elvira.

Com o término do reinado de Fernando, testemunhamos não apenas a independência definitiva de Castela, seja em relação a Leão ou Pamplona, mas também sua ascensão à categoria de reino em sua própria entidade. Esse momento histórico marcou uma mudança significativa na configuração política da região.

Esse breve relato da história demonstra porque Fernando I é constantemente evocado nos embates contemporâneos. Mesmo que ele tenha sido conde de Castela e rei de Leão, ele deixa de herança para os seus filhos três reinos, com Castela agora como reino. Sendo considerado na atualidade o marco fundador para a mudança de *status* castelhano, e assim, justificativa para Urraca I ser uma rainha castelhana também.

## **1.2 – As bases do território herdado por Urraca I**

Conforme apresentado, Fernando I dividiu seu território entre seus filhos, o que resultou em Alfonso VI, o pai de Urraca I, herdando apenas as terras leonesas estabelecidas na partilha de Fernando. No entanto, logo após receberem suas heranças, os irmãos entraram em conflito pelo controle de seus legados, com Sancho II lançando uma invasão ao território galego em 1071.

Para viabilizar essa intervenção militar nas terras galegas, uma negociação com Alfonso VI foi necessária. O objetivo era obter permissão para atravessar as terras leonesas e alcançar o condado de Don García. O rei leonês, ainda que relutante, concordou em permitir a campanha militar de seu irmão mais velho, estabelecendo, como parte do acordo, a divisão das terras de Don García. Alfonso não via com bons olhos esse pacto, pois, como mencionado pela historiadora Bruna Oliveira Mota (2018, p. 34), ele estava convencido de que Sancho logo representaria uma ameaça à sua própria hegemonia real. Essa desconfiança tinha fundamentos, uma vez que, em 1068, Sancho e Alfonso já haviam se enfrentado na batalha pela cidade de Pisuerga, um confronto que Alfonso VI havia perdido (MOTA, 2018, p. 35).

---

<sup>6</sup> Trata-se da tia de Urraca I, conhecida como Urraca de Zamorra ou Dona Urraca.

Os temores do leonês se mostraram reais pois, com o fim do embate e vitória de Sancho II em 1071, os irmãos mais velhos, que antes estavam em harmonia ao derrotar o mais novo, começaram a duelar, culminando na invasão do território leonês em janeiro de 1072, e desta invasão um pacto foi selado:

O pacto realizado entre Alfonso VI e Sancho II estabelecia que ao final do confronto aquele que saísse vencedor ganharia o direito de se auto titular o único e legítimo rei de Castela e Leão. Após algum período de intensa batalha, o conflito se encerra com a vitória dos leoneses e a retirada dos castelhanos. Porém, ao regressar vitorioso para Leão, Alfonso VI é surpreendido com o contra-ataque do exército castelhano liderado pelo (*El Cid*)<sup>7</sup> (MOTA, 2018, p.36).

Com o pacto quebrado e o ataque surpresa, Alfonso VI não é apenas derrotado, mas também preso no castelo de Burgos. Sendo somente liberto para viver em Toledo<sup>8</sup> após a coroação de Sancho II como rei de Leão, que agora reunia todos os territórios de Fernando I. Sua liberdade condicional foi arquitetada por sua irmã Dona Urraca, senhora de Zamorra, que constantemente pedia clemência de Sancho II em prol de Alfonso VI. Urraca neste momento, acaba por representar a resistência leonesa a anexação de Sancho.

Entretanto, a aliança de Urraca e Alfonso não era do agrado de Sancho, que como forma de reprimir a irmã decidiu tomar o território de Zamora. Essa empreitada não foi fácil pois o senhorio conseguiu formar uma resistência muito grande em suas muralhas. Levando Sancho II a extremos que culminaram no seu assassinato em 1072, deixando seu domínio recém-formado sem herdeiros.

Segundo Mota (2018) e a mais variada gama de medievalistas, ele foi assassinado por conta de sua própria ambição, na tentativa de anexar os territórios de Zamora:

Concretizou-se para a história que, traído pela ambição desenfreada de cada vez mais anexar territórios sob seu cetro, Sancho aceitou a ajuda de um improvável desertor da cidade, chamado Bellido Dolfo (Ataúlfo), que lhe ofereceu apoio, ensinando um caminho pelas muralhas para que alcançasse a vitória no confronto. Contudo, o suposto desertor esperou o momento oportuno para surpreender o excessivamente confiante Sancho II, assassinando o rei aos pés dos muros de Zamora (MOTA, 2018, p. 37).

---

<sup>7</sup> *El Cid* se refere a Rodrigo Díaz Vivar (1048-1099), também conhecido como Cid Campeador principal líder militar castelhano na época de Sancho II e Alfonso VI, e uma figura muito importante para a história nacional espanhola.

<sup>8</sup> As relações de Leão e Toledo, já estavam estabelecidas desde Fernando I, que em seu testamento já havia dividido as *parias* pagas pelas *taifas*, entre seus filhos, sendo Alfonso VI herdeiro das *parias* de Toledo. *Parias* foi o sistema de tributos anuais implementado por Fernando I onde eram cobrados tributos pelas coroas ibéricas as *taifas* muçulmanas em situação de dependência em troca de proteção militar, tanto contra-ataques cristãos quanto mouros. (MOTA, 2018, p. 42) e (FLETCHER apud ALVARO, 2008, p. 16).

Nesse desenrolar dos eventos, Alfonso VI emergiu como o único herdeiro, retornando às terras leonesas para, inicialmente, reivindicar aquilo que lhe pertencia por direito de herança. Posteriormente, ele empreendeu esforços para unificar os reinos que haviam sido deixados por seu irmão, que estavam divididos devido a disputas entre aristocracias locais. Alfonso obteve sucesso nesse empreendimento, consolidando sua autoridade em novembro de 1072 com a convocação da cúria das comarcas de Galiza, Castela e Leão.

Para manter seu domínio sobre esses três territórios, Alfonso VI tomou a decisão de aprisionar seu irmão, Don García, no Castelo de Luna, onde este permaneceu até seu falecimento em 1090.

#### **CAPTURA DE TELA 4 – Comentários feitos no vídeo *Reina Urraca I De León (Año 1080)***

##### *Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos) do Canal do Youtube Raúlz*



unleones há 6 anos

Esta informacion no es cierta.Urraca I fue Reina de Leon, dicho reino incluía los territorios de Galicia,Asturias,Norte de Portugal, la Region Leonesa,Castilla la Vieja,Cantabria, La Rioja y el Pais Vasco.....entonces de donde sacan lo del titulo de Reina de Castilla Y Leon..... Una falsedad historica en toda regla

👍 24 🗨 Responder

▲ 11 respuestas



F [redacted] há 5 anos

Su Padre Alfonso VI tras la Jura de Santa Gadea fue coronado rey de Castilla como ya lo era de León por el reparto de su padre Fernando I rey de Castilla y León, su hija Urraca I heredo las dos coronas, que años después su hijo Alfonso VII separaría de nuevo, entre sus hijos Fernando León y Sancho Castilla.

👍 5 🗨 Responder

RAÚLVZ. **Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)**. 17/09/2016. (24min49seg). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ejQnryAc8nE>> Captura de Tela feita em: 05/04/2023.

Essa passagem dos territórios de Sancho II a Alfonso VI também é utilizada como justificativa dos partidários de uma Urraca I atrelada a Castela, como é possível perceber em todas as capturas de tela apresentadas até então, inclusive na CAPTURA DE TELA 4. Nesta última imagem o usuário *unleones*, que utiliza como ícone o brasão do reino de Leão, afirma que a informação trazida no vídeo não está certa, reiterando o coro de diversos outros comentários ao declarar que Urraca foi rainha de Leão, e que o reino incluía os outros territórios, concluindo ser uma falsidade histórica. Ao passo que o *user F* responde que Alfonso VI já havia sido coroado rei de Castela por meio da Jura de Santa Gadea, e Urraca havia herdado ambas as coroas que só voltariam a se separar com os herdeiros de Alfonso VII.

Esses comentários apresentam um novo uso da história ao citarem a Jura de Santa Gadea, um momento que é mais conhecido como lenda medieval. Trata-se do episódio, após a morte de Sancho II, que Cid Campeador haveria obrigado Alfonso VI a jurar na Igreja de Santa

Gadea em Burgos que não havia assassinado seu irmão, Sancho II. Tal momento seria conciliatório entre Alfonso VI e a aristocracia castelhana que não tendia a aceitar o novo rei.

Entretanto, apesar deste momento ser bastante popular na Espanha, principalmente com a sua retratação no filme *El Cid* (1961), a historiografia acredita que nunca ocorreu. Essa ocasião é relatada através do poema de tradição oral *Romance de la jura de santa Gadea*, e só foi documentada pela primeira vez na *Primera Crónica Geral (PCG)* crônica escrita por iniciativa de Alfonso X (1221-1284), sendo assim o mito consolidado por volta de 1236, como relatam Timoteo Riaño Rodríguez e Maria Gutiérrez Aja(2007):

Quando Sancho II morreu em frente às muralhas de Zamora, foi sucedido no trono castelhana por seu irmão Alfonso VI, que estava exilado na corte do rei mouro de Toledo. A nobreza e o Bispo de Burgos, D. Jerónimo, prepararam-se diligentemente para proclamar Afonso VI Rei de Castela. Coletando esses fatos, Carmen Campidoctoris diz: "Depois da morte enganosa (de Sancho) o rei Afonso assumiu o comando do reino ao qual (Rodrigo) cumprindo a ordem de seu irmão, entregou toda Castela."

Não houve, portanto, juramento na igreja de Santa Gadea; nem inimizade do Rei nem banimento por esse motivo. Essas são lendas feitas em tempos posteriores (RIAÑO RODRÍGUEZ; GUTIÉRREZ AJA, 2007, p. 5, tradução nossa).<sup>9</sup>

Por fim, é a partir dessa consolidação dos três territórios que Alfonso VI volta a empreender o projeto de seu pai de expansão territorial, e obteve muito êxito (ver FIGURA 2). Chegando assim a controlar todos os territórios que posteriormente foram herdados por Urraca. Em seu processo conquistador chegou a se autointitular imperador.<sup>10</sup> Título que também já havia sido atribuído a Alfonso III, Ordonho II e Ramiro II, porém Alfonso VI é o primeiro a se autodesignar. José María Minguez (2009, p. 32) declara que essa autoafirmação vem da necessidade de estabelecer uma ligação do império ao trono leonês, principalmente após todas as dificuldades que o rei enfrentou para unificar os reinos sob uma coroa, e ser reconhecido pelos castelhanos, o que faz sentido dentro da lenda da Jura de Santa Gadea.

Como rei dos dois reinos, Alfonso VI entra para a história como rei de Leão e Castela (REILLY, 1988; RUCQUOI, 1995), porém como é possível perceber nesta figura (FIGURA 2) todo o reino foi denominado como Leão. A imagem foi retirada do livro de Carlos Javier Salgado Fuentes (2016), que por sua vez utiliza como fonte o Atlas de História da Espanha de

---

<sup>9</sup> Original: "Al morir Sancho II frente a los muros de Zamora, le sucedió en el trono castellano su hermano Alfonso VI, que estaba desterrado en la corte del Rey moro de Toledo. La nobleza y el obispo de Burgos, don Jerónimo, se aprestaron con diligencia a proclamar como Rey de Castilla a Alfonso VI. Recogiendo estos hechos, dice el Carmen Campidoctoris: "Tras la muerte con engaño (de Sancho) el rey Alfonso se hizo cargo del reino al que (Rodrigo) cumpliendo la orden de su hermano hizo entrega de toda Castilla". No hubo, pues, juramento en la iglesia de Santa Gadea; ni enemistad del Rey ni destierro por ese motivo. Esas son leyendas elaboradas en épocas más tardías."

<sup>10</sup> *Imperator totius Hispaniae* (Imperador de toda Espanha)

Fernando García de Cortázar, publicado em 2012. A ilustração segue a mesma justificativa aplicada pelos primeiros comentários presentes nos *prints* (CAPTURA DE TELA 1, 2, 3 e 4). O livro de Salgado Fuentes analisa a identidade regional dos territórios do antigo reino de Leão, e assim uma vez que Alfonso VI havia herdado o território de Leão, e posteriormente conquistado as demais regiões, para o autor, todos os territórios seriam partes da coroa leonesa, como demonstrado na FIGURA 2. Essa é uma associação que reverbera em Urraca I, que também é considerada rainha somente de Leão por ter herdado de Alfonso VI que havia recebido este território.

Sendo possível notar, que ambas as correntes (Urraca somente de Leão/Urraca de Castela e Leão) possuem bases dentro da própria historiografia para se fundamentar.

**FIGURA 2** – Península Ibérica após a tomada de Toledo em 1085, e o crescimento do território Leonês



SALGADO FUENTES, 2016, p. 41

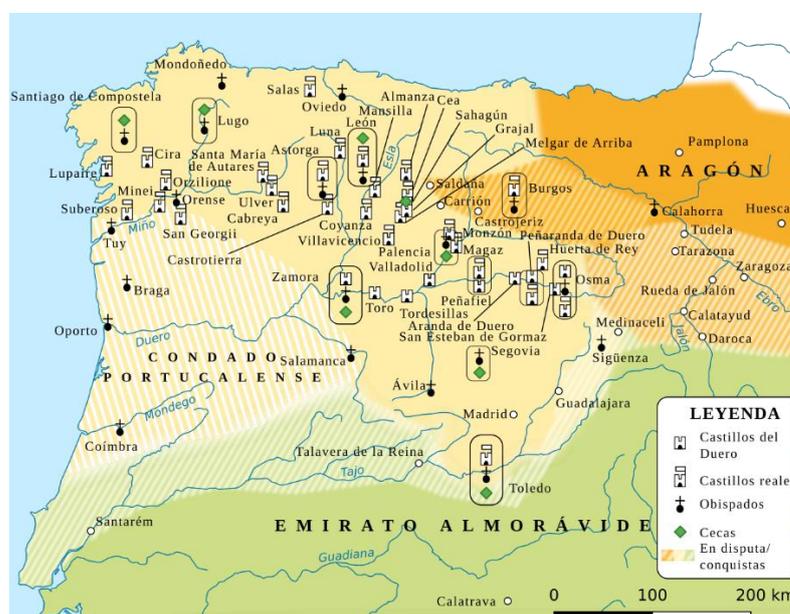
### 1.3 – Urraca I soberana de Leão (e Castela)

Urraca I (1089/1090 - 1126), frequentemente reconhecida nos *softwares* sociais como a primeira rainha da Península Ibérica, era a primogênita de Alfonso VI, resultante de seu segundo casamento com Constança de Borgonha (1046-1093). Este matrimônio desempenhou um papel importante nas ações empreendidas durante seu reinado, já que Alfonso VI buscou se

aproximar da Abadia de Cluny como parte de uma estratégia para fortalecer sua posição diante do Papa Gregório VII.<sup>11</sup>

Por ser primogênita, Urraca era a primeira da linha de sucessão até o nascimento do seu meio irmão Sancho Alfónsez em 1093, o novo herdeiro provinha de uma relação fora do casamento com a princesa muçulmana Zaida de Sevilha. No mesmo ano que deixou de ser herdeira ao trono, tornou-se condessa consorte da Galiza, titulação que fazia parte do seu dote de união com Raimundo de Borgonha (1070-1107), esse matrimônio ocorreu em 1091, quando ela tinha por volta dos 10 anos (FERREIRA, 2018, p. 327). A boda da infanta com Raimundo de Borgonha também fazia parte da aproximação que o monarca leonês buscava com a abadia de Cluny e a aristocracia de Borgonha. Deste casamento Urraca teve dois filhos, Sancha Raimúndez que nasceu provavelmente em 1095 e Alfonso Raimúndez (futuro Alfonso VII) que nasceu em 1105.

**FIGURA 3** – Península Ibérica nos tempos de Urraca I



Rowanwindwhistler. [Wikimedia Commons](https://es.wikipedia.org/wiki/Urraca_I_de_León#/media/Archivo:LeónDeUrraca1109-1126.svg). Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Urraca\\_I\\_de\\_León#/media/Archivo:LeónDeUrraca1109-1126.svg](https://es.wikipedia.org/wiki/Urraca_I_de_León#/media/Archivo:LeónDeUrraca1109-1126.svg). Acesso em: 16/10/2022.

O território que os novos condes da Galiza estavam responsáveis correspondiam a aquele que outrora foi herdado por Don Garcia, indo do noroeste da península ibérica até a regiões recém conquistadas por Alfonso VI na atual região de Lisboa (ver FIGURA 3). Porém,

<sup>11</sup> “o início de seu novo reinado [de Alfonso VI] foi conturbado principalmente pela ação do papa Gregório VII, que desempenhava nesta época uma ação imperialista afim de reintegrar o patrimônio de São Pedro, se deslocando ao atual território espanhol logo após ser declarado papa em 1073 (AYALA apud SANTOS, 2019, p. 21) [...] Então, como forma de se solidificar, sem entrar em confronto direto com o papa, Alfonso VI se aliou ainda mais a abadia de Cluny, mais especificamente com o já mencionado Hugo de Cluny” (SANTOS, 2019, p. 22).

entre 1094 e 1095, Raimundo de Borgonha falha em defender os territórios lusitanos contra os almorávidas<sup>12</sup> e Alfonso VI viu a necessidade de dividir o condado sobre o domínio de seu genro.

E assim, a meia irmã de Urraca, Teresa (1080-1130), filha ilegítima de Alfonso VI, casa-se, e o condado Portucalense ficou sobre responsabilidade de Enrique de Borgonha (1066-1112), primo de Urraca por parte de mãe, que teve sucesso ao impedir a ascensão almorávida em seus territórios. Enrique, e a igreja leonesa-castelhano (em conjunto com a abadia de Cluny), temiam a ascensão de Sancho Alfonséz ao trono, e com ele que o surto do moçarabismo<sup>13</sup> chegasse ao trono cristão, sendo assim partidários dos direitos de Raimundo de Borgonha, na condição de marido da filha mais velha legítima (SOARES apud SANTOS, 2019, p. 30).

Porém, Raimundo de Borgonha morre em 1107 e, viúva, Urraca se torna a senhora do condado da Galiza, com terras que abarcavam a comarca de Zamora e o sudoeste de Leão, mas, para permanecer soberana deste território, ela teria que continuar solteira, pois, caso se casasse novamente o governo da região passaria a seu filho Alfonso Raimúndez (REILLY, 1992, p. 26).

No ano seguinte, o único herdeiro de Alfonso VI, também morre e ele encontra-se em uma crise sucessória, sem herdeiros homens. Como observado até então, e segundo Maria Joana Gomes (2011, p. 5), a sucessão ao trono nos reinos de Leão e Castela é baseada em um modelo linear agnático, ou seja, o herdeiro era primogênito de uma linhagem masculina, com exceções, como ocorre com Sancha que herda o território de Leão após a morte de Bermudo III, mas no caso, Sancha já estava casada com Fernando I de Castela, e os territórios ficaram sob comando de seu marido.

Urraca se torna única na linha de sucessão enquanto viúva, e mesmo que os territórios lhe pertencessem por direito, as mulheres não estavam habilitadas para exercer o poder sem tutela. “Contudo, e por ser mulher, Urraca não está habilitada a cumprir plenamente as funções que herda sem o exercício de um poder tutelar. Embora investida da *auctoritas* que o seu nascimento lhe confere, o seu género não lhe permite exercer a *potestas*, o poder efectivo” (GOMES, 2011, p. 7).

---

<sup>12</sup> Desde 1080, com as primeiras batalhas de reconquistas realizadas por Alfonso VI, os líderes das taifas da península ibérica, passaram a solicitar ajuda almorávida para se defender e recuperar seus territórios. O Almorávida foi um movimento religioso, político e militar que pregava o cumprimento do islamismo ortodoxo, e que chegou a formar um império de 1040-1147, esse império ocupava o norte da África e se estendia até a parte sul da península ibérica.

<sup>13</sup> Cristãos ibéricos que viviam na parte islâmica da península ibérica, Al-Andalus

E assim, Alfonso VI entra em desespero, e planeja o segundo casamento de Urraca com Alfonso I de Aragão, o Batalhador, a fim de firmar relações com o reino de Aragão, na tentativa de evitar futuros conflitos entres os nobres leoneses e castelhanos. Esse casamento não tinha sido sequer cogitado antes da morte do príncipe herdeiro:

No mínimo, porém, era provável que ele tivesse começado a procurar um novo marido para sua filha. Que o Batalhador tenha sido candidato antes da morte do Infante Sancho é impensável; nenhuma consideração teria levado o rei a fornecer um rival tão formidável para seu então herdeiro (REILLY, 1992, p. 27, tradução nossa).<sup>14</sup>

O casamento com Alfonso I trata-se de um casamento incestuoso, afinal ambos são descendentes de Sancho III, o Grande, de Pamplona (pai de Fernando I, bisavó de Urraca). E foi criticado pelas aristocracias leonesas e castelhanas. Nas fontes de sua época esse casamento é apresentado de formas diferentes. Na primeira *Crónica Anónima de Sahagún (CAS)* (1920, cap. XIV e XVI, p. 35 e 37), a união é justificada mesmo que isso seja descrito como algo imposto pela aristocracia. Sua união com Alfonso I de Aragão era inevitável, mesmo que execrável, uma vez que era impossível que ela reinasse sozinha. Já a *Historia Compostelana (HC)* (1994, cap. XLVIII, p. 156) retrata o casório de maneira ilícita mais ferrenhamente, uma vez que se tinha interesse em outra alternativa sucessória, que era o filho de Urraca, Alfonso Raimundéz, na época muito jovem para governar (com 4 anos), porém declarado conde da Galiza após o casamento da rainha, e sendo tutorado pelo conde de Traba, Pedro de Froiláz, tutela que foi dada pelo próprio Alfonso VI.

Com a então morte de Alfonso VI em julho de 1109, Urraca se torna rainha uma vez que é designada como herdeira legítima (CAS, 1920, cap. XIV, p. 35), e entre setembro e outubro de 1109 o casamento com o aragonês foi celebrado.

Por meio desse arranjo Alfonso I passou a ser senhor de todas as terras herdadas, e se dessa união eles tivessem um filho, esse seria o herdeiro de todo os territórios, tantos de Urraca quanto dos de Alfonso I. Porém, na falta de um herdeiro proveniente dessa união, após a morte de Urraca e Alfonso I, a herança de Alfonso VI passaria para os herdeiros de Urraca, no caso Alfonso Raimúndez. Como explica Bernard F. Reilly:

Ambas as partes concordam que, se um deixar o outro contra a vontade do outro, o ofensor perderá a lealdade de seus seguidores. Alfonso, em particular, deve concordar em não abandonar Urraca por motivos de parentesco ou excomunhão. As terras que Alfonso cede à esposa são de extensão e importância surpreendentes. Além disso, se ele tiver um filho de Urraca, a criança e Urraca herdarão seus territórios em conjunto após sua morte, mas

---

<sup>14</sup> Original: “At the very least, though, he was likely to have begun the search for a new husband for his daughter. That the Batallador should have been a candidate before the death of the Infans Sancho is unthinkable; no considerations would have moved the king to supply such a formidable rival for his then heir.”

mesmo que não haja filho, Urraca e seus herdeiros herdarão. No caso da morte anterior de Urraca, Afonso herdaria em conjunto com o filho, se houvesse, mas teria apenas o usufruto das terras dela durante sua vida, caso não tivessem descendência. Após sua morte, suas terras iriam para Alfonso Raimúndez (REILLY, 1982, p. 63-64, tradução nossa).<sup>15</sup>

Durante o início do casamento Urraca e Alfonso estavam de acordo, a rainha passou a visitar as campanhas do aragonês, e apoiá-lo a combater diversas insurgências que surgiram nos territórios até então unificados, principalmente por que as cortes leonesa e castelhana se negavam a se submeter a soberania de Alfonso I que passava a sustentar o título de imperador de toda Espanha provindo de Alfonso VI (LEMA PUEYO, 2008, p. 258), de igual maneira Urraca também reivindicava ser rainha de Aragão e de toda Espanha:

Esta última, filha de um monarca como Afonso VI, não abdicava de afirmar a sua presença política e mesmo mantendo a concórdia com o marido, reivindicaria orgulhosamente o seu papel de soberana "de toda a Espanha". Porém, sob a pompa documental, permanecia o problema, a longo prazo insolúvel, de conciliar os interesses de Estados e populações tão diversas (LEMA PUEYO, 2008, p. 258).<sup>16</sup>

Porém, a rainha que a princípio estava apoiando seu esposo, passou a se distanciar de suas campanhas por discordar de suas atitudes. É relatado nas crônicas que ela sofria de violência física e verbal do rei aragonês (HC, 1994, cap. LXIV, p. 170-171 e CAS, 1920, cap. XVII p. 37). A partir deste momento Urraca passa a se aliar a partidos associados ao seu filho, como o bispo Diego Gelmírez, e o conde de Traba. E após se aconselhar com aristocratas e os bispos de Toledo, de Santiago de Compostela e o abade de Sahagún, como as próprias fontes relatam, decide se separar de Alfonso I em julho de 1110, e solicita a anulação do casamento, declarando incesto ao papa Pascoal II (1055-1118). O período de 1111 a 1117 se torna um momento de intensos conflitos, no qual hora a rainha voltava a se reconciliar com o aragonês, hora entrava em mais conflitos com o marido, começando assim uma guerra-civil nos territórios hispânicos (ver FIGURA 3), antes mesmo do casamento ser anulado.

Enquanto isto na Galiza, o conde de Traba e o bispo Diego Gelmírez formaram uma aliança a fim de fixar Alfonso Raimúndez como rei do território. Assim iniciando uma batalha

---

<sup>15</sup> Original: "Both parties agree that if either leaves the other against that other's will, the offender forfeits the loyalty of his or her followers. Alfonso in particular must agree not to desert Urraca for reasons of blood relationship or excommunication. The lands that Alfonso surrenders to his wife are of surprising extent and importance. Moreover, if he has a son by Urraca, the child and Urraca are to inherit his territories jointly after his death, but even if there is no child Urraca and her heirs will inherit. In the case of the prior death of Urraca, Alfonso would inherit jointly with their child, if any, but would have only the usufruct of her lands during his lifetime if they had no issue. After his death her lands would go to Alfonso Raimúndez."

<sup>16</sup> Original: "Esta última, hija de un monarca como Alfonso VI, no renunciaba a afirmar su presencia política e incluso manteniendo la concordia con su marido reivindicaría con orgullo su papel como soberana "de toda España". No obstante, por debajo de la pompa documental, subsistía el problema, a la larga irresoluble, de conciliar los intereses de Estados y poblaciones tan diversos."

contra Alfonso I com intuito de obter territórios de influência, e nesse processo garantir a herança leonesa ao futuro Alfonso VII. Mesmo resistindo, Urraca se aliou ao filho em 1111, o que lhe ajudou a pausar os avanços de Alfonso I e frear Teresa e Enrique quando estes começaram campanhas separatistas no condado Portucalense. Então com o apoio de Leão, Castela, La Rioja, Extremadura e Galiza, conseguiu oficialmente a anulação do casamento em 1112 com a anuência do papa.

Durante todo o seu governo ela enfrentou diversos conflitos com várias campanhas para recuperar e manter seus territórios (ver FIGURA 3). Confrontos estes que geralmente eram ocasionados por Alfonso I, que por muito tempo resistiu a anulação e ainda se declarava imperador de toda Espanha, ou pela presença almorávida ao sul do território que desde o governo de Alfonso VI realizavam saques nos territórios de Castela e já haviam conquistado a atual região de Valencia e Lisboa. Ademais desses combates, ela ainda encarou algumas revoltas, como a Revolta de Sahagún entre 1115-1117, a tentativa de independência do condado Portucalense realizadas por Enrique e Teresa, além dos embates com seu filho pela coroa e domínio da região da Galiza e do reino como um todo.

Muitos dos conflitos internos a rainha conseguiu conciliar por meio de negociações, utilizando-se de doações e tratados, porém, para os conflitos externos ela teve que contar bastante com acordos da aristocracia leonesa, castelhana e galesa para conseguir defender os territórios militarmente.

Um grande pacto com a aristocracia castelhana ocorreu graças ao suporte que a rainha possuía de Gómez González (1067-1111) e, após a morte deste, de Pedro González (??-1130), ambos condes de Lara, que manteve alianças políticas e extraconjugais (REILLY, 1982, p. 56), chegando a ter dois filhos fora do casamento: Elvira Pérez de Lara (1112-1174) e Fernando Pérez Furtado (1114-1156) (REILLY, 1982, p. 76). Bernard Reilly acredita que a crescente presença e influência que Pedro González mantinha com a rainha tinha como objetivo promover seus próprios herdeiros ao trono, principalmente Fernando Pérez Furtado (REILLY, 1982, p. 127). Algo que foi impossibilitado pela própria, que nunca voltou a se casar e estabeleceu alianças com os partidos do próprio filho, Alfonso Raimúndez.

Em documentações diplomáticas é possível notar essa coalizão, uma vez que os documentos assinados por Urraca também são assinados também por Alfonso VII como “Rei Alfonso, filho da rainha”, antes mesmo da rainha morrer (ALVARO; LIMA, 2019, p. 31). Que demonstram também que mesmo sendo uma mulher reinando (a muito custo) era necessária uma confirmação masculina para que seu poder fosse oficializado.

Nesta documentação diplomática Urraca se apresenta como *hyspanie Regina* (Rainha da Espanha), *hyspanie* é o termo em latim dado a toda Península Ibérica durante a Roma Antiga, Urraca assim segue os passos do seu pai que se declarava imperador de toda Espanha. As diferenciações vêm a ocorrer só posteriormente ao seu governo.

Como ocorre na *Primera Crónica General (PCG)* na qual Alfonso VI é apresentado como senhor dos reinos de Castela, Leão e Portugal (PCG, 2022, cap. 846, p. 536), enquanto Urraca é apresentada pela primeira vez como rainha de Castela (PCG, 2022, cap. 965, p. 662). A PCG não apresenta o governo urraquiano, sendo ela citada somente enquanto filha de Alfonso VI, esposa de Alfonso I de Aragão (a quem é atribuído o governo de Castela e Leão) e mãe de Alfonso VII, algo que ocorre também em outras crônicas do século XIII.

Esse apagamento de Urraca nas crônicas medievais posteriores a sua época pode ocorrer pelo contexto que a obras do século XIII se inserem, em um ambiente de consolidação de Fernando III (1199/1201 – 1252), com a participação de Berenguela (1179/1180-1246) enquanto rainha consorte, sendo Urraca um modelo a se esquecer justamente por ter governado (CHARMOSO RAMOS, 2013, p. 87). Demonstrando que até mesmo as fontes medievais podem ter contribuído para os embates presentes na internet justamente por apresentarem uma versão diferente da história urraquiana.

#### 1.4 – Berenguela e a Concordia Benavente

##### CAPTURA DE TELA 5 – Comentários feitos no vídeo *Reina Urraca I De León (Año 1080)*

*Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)* do canal do Youtube Raúlz

The screenshot shows a YouTube comment thread. The main comment is from user 'I' (redacted) posted 6 years ago, stating that Berenguela was the first queen of Castile and Leon, mother of Fernando III, and that she renounced the unification of the kingdoms. It has 2 likes and a 'Responder' button. Below it are 4 replies. The first reply is from user 'M' (redacted) posted 5 years ago, correcting the information and stating that Urraca was the first queen of Castile and Leon, married to Alfonso I, and that Berenguela was the daughter of Alfonso VIII and granddaughter of Fernando II. It has 3 likes and a 'Responder' button. The second reply is from user 'A' (redacted) posted 5 years ago, stating that Berenguela was not the first queen of Castile. It has 3 likes and a 'Responder' button. The third reply is from user 'D' (redacted) posted 5 years ago, questioning the coronation of Fernando III as the reunification of the kingdoms in 1230. It has 3 likes and a 'Responder' button.

RAÚLVZ. *Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)*. 17/09/2016. (24min49seg). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ejQnryAc8nE>> Captura de Tela feita em: 05/04/2023.

Essa relação entre Urraca e Berenguela de Castela também ocorre na contemporaneidade, como na CAPTURA DE TELA 5, ainda retirada dos comentários do vídeo do canal *Raúlz*. Nesta imagem vemos um debate sobre quem foi a primeira rainha de Castela e Leão, e Berenguela é evocada justamente neste contraponto ao apresentado no vídeo. Neste diálogo, outros *users* rebatem a ideia do primeiro interlocutor (chamaremos de **I**) ao afirmarem que Berenguela não foi a primeira rainha de Castela, e sim Urraca, que **I** estaria se confundindo nas datas, relatando que houve uma unificação dos reinos antes da realizada por Fernando III em 1230.

Esta não é a primeira vez nem a última que Berenguela é utilizada como contraponto na defesa de quem foi a primeira rainha de Castela. Porém, mesmo que utilizadas como se fossem iguais, a história de Berenguela é muito diferente da urraquiana, em que ela de fato não reina sob os dois reinos, na verdade Berenguela abdica de seu direito de reinar em prol de seu filho, apesar de ter mantido influência no reinado fernandino. Sua presença também é de suma importância para a história castelhano-leonesa, pois é através de sua ação que os reinos de Castela e Leão se unificaram quase que permanentemente.

Para assimilar essa relação e importância, se faz necessário um novo retorno ao passado, a fim de entender a composição final de Castela e Leão na Idade Média, e essas comparações feitas entre Berenguela e Urraca.

Após o governo de Urraca, Castela e Leão voltam a se dividir entre os filhos de Alfonso VII, e nenhum dos herdeiros pleiteiam a união dos reinos, sendo os anos de 1157 a 1195 de intensos conflitos na fronteira dos reinos, até uma grande guerra ser desencadeada. Como afirma Bruna Mota (2018):

Os impasses e os conflitos armados entre as coroas de Castela e Leão continuaram marcando a relação entre os dois reinos. As consequências da guerra que, a partir de 1195, se desencadeou entre ambos os territórios teve como causa direta o descontentamento do rei de Leão, no que se referia as constantes intervenções do rei castelhano em suas terras e as crescentes ambições de Alfonso VIII [de Castela] aos domínios do seu primo (MOTA, 2018, p. 62).

Com intuito de conter os confrontos com Leão, em 1197, Alfonso IX (1188 – 1230) de Leão pede a mão de Berenguela, filha de Alfonso VIII (1158-1214) de Castela,<sup>17</sup> em casamento. E a união elaborada pelos dois monarcas se estabelece em prol da paz entre os reinos, mesmo

---

<sup>17</sup> Com intuito de compreender as sucessões e acordos entre Castela e Leão foi criada uma genealogia leonesa-castelhana de Fernando I a Fernando III disponível na conclusão deste capítulo (FIGURA 5).

ciente do parentesco próximo do casal uma vez que ambos eram descendentes de Alfonso VII (MOURA, 2021, p. 31).

Por se tratar de um casamento incestuoso, ele foi anulado em 1204. Entretanto desse matrimônio já havia sido gerados cinco filhos, herdeiros de Castela e Leão. Com a dissolução do casamento o nome de Fernando, primogênito do casal, é retirado dos diplomas reais como herdeiro ao trono de Leão, e o pacto entre os dois reinos é anulado.

É durante esse mesmo período que Castela enfrenta uma crise sucessória similar a que ocorreu com Alfonso VI, Alfonso VIII morre em 1214, e seus herdeiros homens também logo após. Como explica Thaís Monique C. Moura:

No que diz respeito a sucessão do reinado de Castela, havia a possibilidade dos dois filhos de Alfonso VIII virem a assumir o reino. O mais velho irmão de Berenguela, Fernando, que era um grande guerreiro e acompanhava seu pai em batalhas, veio a falecer com uma aguda febre, colocando sua mãe, Leonor, em profundo luto e tristeza. [...] Com a morte de Fernando, a possibilidade de assumir o reino caiu diretamente para Enrique, irmão mais novo de Berenguela, que se tornaria o principal nome para o reino de Castela (MOURA, 2019, p. 31).

Enrique (1204-1217) tinha 10 anos quando se tornou rei de Castela, ficando então Berenguela na posição de sua tutora, governando Castela em conjunto com o arcebispo de Toledo. Entre conflitos internos, Enrique passa a ser tutelado por Alvaro Núñez, conde de Lara, e mesmo com todo cuidado com o jovem rei, este morre aos 13 anos em um acidente doméstico. Assim, o reino de Castela fica sem herdeiros homens, e Berenguela na posição de primogênita se torna a herdeira do trono, da mesma forma como ocorreu com Urraca I. Porém a rainha prontamente abdica dessa posição em prol do seu filho, Fernando III (1199/1201 – 1252).

Os embates entre Leão e Castela ganham uma nova face por se tratar agora de batalhas entre pai e filho. Leão cada vez mais perdia territórios para Portugal e Castela, enquanto Fernando III se matinha anexando territórios muçulmanos e cristãos (como é possível observar na FIGURA 4). A importância política de Leão não diminui perante Castela de uma hora para outra, segundo Adeline Rucquoi (1995, p. 159), esse é um processo que remota o reinado de Fernando I, com a divisão dos territórios entre seus filhos, e de Alfonso VI, que realiza diversas concessões a aristocracia castelhana afim de se afirmar como a imperador, como ela mesma cita:

Os reinados de Fernando I, o Grande (1025-1065), e de seu filho Alfonso VI (1065/1072-1109) lançaram as bases da futura história de um reino em que Castela suplantava futuramente Leão, mas que assentava num monárquico herdado da Espanha hispano-visigótica e transmitido pelos reis de Oviedo e, depois, de Leão. (RUCQUOI, 1995, p. 159).

**FIGURA 4 – Península Ibérica em 1210**



The Historical Atlas by William R. Shepherd. 1926. Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Concordia\\_de\\_Benavente#/media/Archivo:506-Castile\\_1210.png](https://es.wikipedia.org/wiki/Concordia_de_Benavente#/media/Archivo:506-Castile_1210.png). Acesso em: 13/10/2022.

Alfonso IX luta para resgatar essa hegemonia que vem se desgastando há muito tempo, porém não tem sucesso, e por fim é conhecido como o último rei somente de Leão (SALGADO FUENTES, 2016, p. 54). Em seu testamento Alfonso IX deixou o território de Leão para filha Sancha (1192-1243), e Galiza para Dulce (1194-1248), ambas filhas do seu primeiro casamento com Tereza de Portugal (1176 - 1250), e não para Fernando III. O fato dos filhos com Berenguela não estarem no testamento, já se justifica durante o casamento, no qual havia um certo repúdio do leonês com a rainha Berenguela:

Mesmo com o casamento entre Berenguela e o rei de Leão tendo acontecido em prol da paz e aliança entre os reinos, com a separação realizada por Inocêncio III essa paz deixa de estar efetuada. [...] Ainda que nossa fonte não explicita exatamente o porquê do repúdio [de Alfonso XI para com Berenguela], ela nos deixa claro com a existência dela que a relação entre os dois não era muito agradável. Isso justifica as ações que são tomadas por ele em seu leito de morte para evitar que seu reino viesse a ser unido à Castela (MOURA, 2019, p. 31).

Apesar de não estar no testamento, Fernando III adentra Leão e se autoproclama rei, em menos de 30 dias após a morte do pai. Essa ação gera uma retaliação dos leoneses partidários de Sancha e Dulce. E em meio a esse grande conflito as mães entram em ação. A Rainha Berenguela e Dona Tereza de Portugal firmam a Concordia Benavente em 11 de dezembro de 1230, estabelecendo que Sancha e Dulce abdicariam de seus tronos prole de Fernando, e em

contrapartida receberiam uma renda anual de 30000 *maravedís*<sup>18</sup> e uma dúzia de senhorios. E Fernando se torna rei de Leão e Galiza. Unindo os reinos de forma derradeira. Salgado Fuentes afirma que:

Desta forma, Fernando III somou aos títulos de "Rex Castelle et Toleti" que tomou em 1217 da sua mãe Berenguela, o de Rei de Leão e Galiza em 1230, e uma vez que avançava a reconquista, o de Rei de Córdoba em 1237, o de Múrcia em 1243, o de Jaén em 1246 e o de Sevilha em 1248, sendo no final do seu reinado rei de Castela, Toledo, Leão, Galiza, Sevilha, Córdoba, Múrcia e Jaén (SALGADO FUENTES. 2016. pág. 56, tradução nossa)<sup>19</sup>.

É mediante seu reinado que se começa a *castellanización* linguística de todos os reinos que governava, mas também promoveu a *leonesización* jurídica de todos os seus territórios.

Desde então, Leão e Castela estiveram sob o governo de uma mesma coroa, porém, como Salgado Fuentes (2016, p. 95) defende, ainda eram reinos separados, com suas próprias Cortes, foi durante os conflitos territoriais entre o governo de Alfonso VI e Alfonso IX que Leão assumiu o território que posteriormente passa a ser denominada como a região de Leão, sendo possível notar entre a FIGURA 1 e a FIGURA 4 como seu território se modificou, e continuou a se modificar pós idade média com a elaboração das Cortes, Regiões e Comunidades Autônomas.

Berenguela possui um papel fundamental para a construção de Castela e Leão, mesmo tendo abdicado do trono castelhano, ela pode sim ser considerada a primeira rainha de Castela, da mesma forma que sua tataravó, Urraca, também pode ser considerada primeira rainha dos dois reinos.

## **Conclusão do capítulo**

Como é possível observar neste apanhado da história medieval castelhano-leonesa, as fronteiras entre os reinos sempre foram disputadas, os monarcas de ambos os territórios frequentemente fazem parte da mesma família, o que gera todo esse conflito de nomenclatura atual. Leão e Castela foram reinos distintos, mas que constantemente compartilharam o trono como resultado de suas próprias guerras. Todos esses preâmbulos entre os reinos que ocorreram principalmente no período medieval (uma vez que como foi demonstrado o poder do reino leonês

---

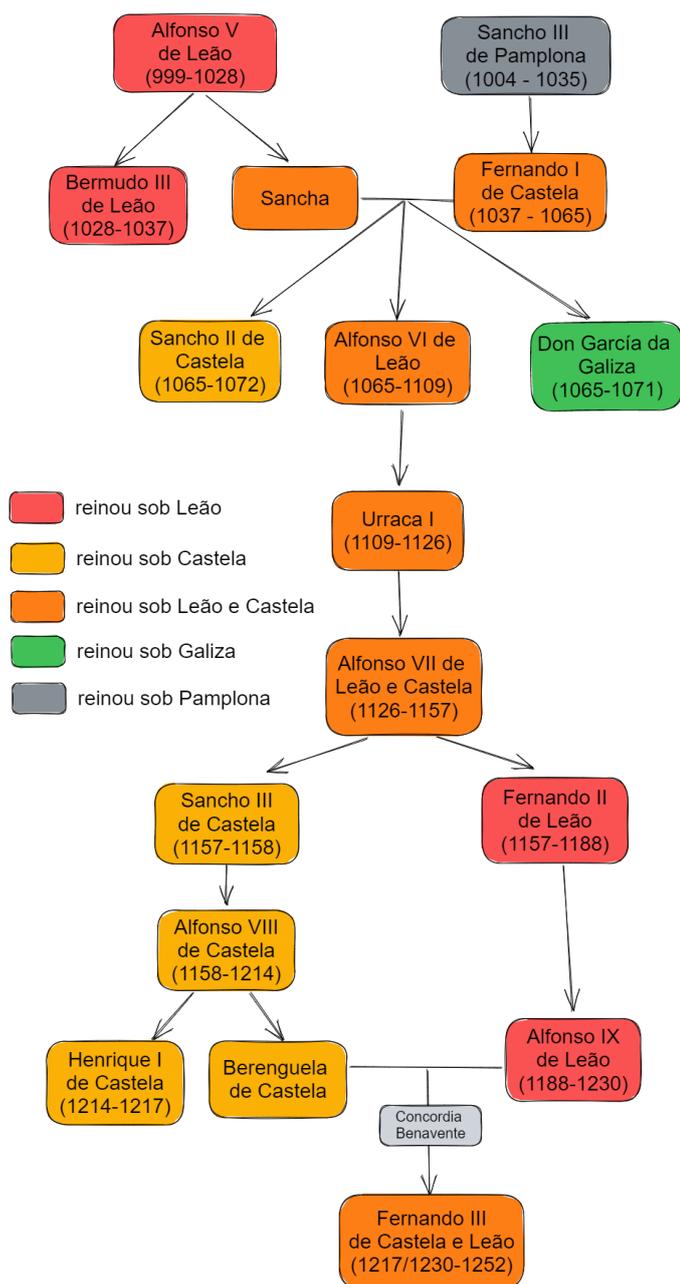
<sup>18</sup> Moeda de ouro cunhada na península ibérica, inicialmente pelos almorávidas, mas utilizada pelos reis cristãos.

<sup>19</sup> Original: De este modo, Fernando III sumó a los títulos de "Rex Castelle et Toleti" que tomó em 1217 de su madre Berenguela, lo de rey de León y Galicia em 1230, y una vez fue avanzando la reconquista, el rey de Córdoba em 1237, el de Murcia em 1243, el de Jaén em 1246, y el de Sevilla em 1248, siendo a final de su reinado rey de Castilla, de Toledo, de León, de Galicia, de Sevilla, de Córdoba, de Murcia y Jaén.

aos poucos enfraquece perante Castela) fazem parte da história espanhola e influenciam nos resgastes feitos atualmente nos *softwares* sociais.

A fim de compreender um pouco sobre as idas e vindas e diversos reis das coroas castelhana-leonesas preparamos uma genealogia dos reis de Leão e Castela (FIGURA 5) a partir do pai de Fernando I, Sancho III de Navarra, até a Concordia de Benavente e coroação de Fernando III como rei dos dois reinos, essa genealogia foi feita com base na linhagem apresentada por Adeline de Rucquoi (1995), e apresenta a data de início e final de reinado dos monarcas apresentados.

**FIGURA 5** – Genealogia castelhana-leonesa de Fernando I a Fernando III



Elaboração própria a partir de: (RUCQUOI, 1995, p. 326-329)

Conforme observado nas flutuações territoriais entre Leão e Castela (Figura 5), é difícil estabelecer categoricamente se a monarca reinou exclusivamente sobre Leão ou apenas sobre Castela, como fervorosamente debatido nos comentários apresentados anteriormente. Urraca I, de fato, se autodenominava rainha da Espanha em sua totalidade, uma designação que hoje em dia carece de significado, dado que a Espanha contemporânea engloba diversos outros reinos com contendas distintas, indo além das fronteiras leonesas e castelhanas.

Este panorama foi delineado com a finalidade de compreender e tentar estabelecer uma corrente interpretativa. No entanto, conforme evidenciado na FIGURA 5, é impraticável estabelecer uma linhagem puramente leonesa, visto que o próprio Fernando I era filho do rei de Pamplona e herdou Castela. Portanto, mesmo quando Alfonso VI recebeu o reino de Leão como herança, este já era resultado de uma conquista, não seguindo uma ascendência leonesa.

As atuais controvérsias baseiam-se em momentos específicos da história, sendo que todas as perspectivas podem ter sua validade. Aqueles que sustentam a herança de Alfonso VI para argumentar a favor de uma Urraca puramente leonesa confrontam a questão de Fernando I, que inicialmente era conde de Castela antes de se tornar rei de Leão por meio de seu casamento com Sancha Alfónsez, sendo a consolidação desse reinado leonês foi constantemente questionada pela aristocracia leonesa durante todo o seu governo (RUCQUOI, 1995, p. 159). Ao delimitar a criação de Castela e Leão apenas em 1230, negligencia-se todos os períodos anteriores em que os reinos estiveram sob a mesma coroa. Da mesma forma, ao afirmar a recente criação de Castela e Leão como uma Comunidade Autônoma, como será discutido no segundo capítulo desta dissertação, ignora-se o legado monárquico tanto do período medieval quanto do contemporâneo.

Essa complexa teia de heranças entre os territórios dificulta a delimitação precisa se a rainha Urraca era estritamente leonesa ou castelhana, uma vez que a denominação em si não altera o fato de que a monarca governou sobre os territórios castelhanos, como muitos internautas estão enfatizando. Cada argumento apresenta seu contraponto, e ambos geralmente se fundamentam em algum episódio da história.

A narrativa que se desenha nos *softwares* sociais não é apenas uma mera representação dos fatos históricos, mas, como Roger Chartier afirma, " são determinadas pelo interesse de grupo que as forjam" (CHARTIER, 2002, p. 17). Em outras palavras, a forma como essas informações são utilizadas serve a propósitos que vão além dos fatos históricos. Elas são reflexo de um conflito contemporâneo de narrativas e representações, em que diferentes atores buscam impor suas concepções sobre a história e a cultura da região castelhana-leonesa.

## CAPTURA DE TELA 6 – Comentário feito no vídeo *Reina Urraca I De León (Año 1080)*

*Pasajes de la historia (La rosa de los vientos)* do canal do Youtube Raúlvez.



RAÚLVZ. *Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes de la historia (La rosa de los vientos)*. 17/10/2016. (24min49seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eJQnryAc8nE>>. Captura de Tela feita em: 27/10/2020.

Em resumo, ao analisarmos esse resgate da história ibérica e a tentativa de delimitar a monarca como rainha de apenas um reino no cenário da internet, percebemos que tal esforço está mais relacionado aos debates partidários contemporâneos do que à própria história em si. Trata-se de um embate de apropriações do tempo presente, onde a visão da Idade Média é utilizada como base para posicionamentos políticos atuais.

A história é utilizada meramente como um instrumento para respaldar um ponto de vista, em que cada interlocutor pode facilmente selecionar momentos históricos como justificção para seus argumentos, impondo assim suas próprias representações. Dessa forma, o debate se transforma em uma discussão amplamente partidária. Como S afirma (CAPTURA DE TELA 6), " los castellanos, manipulan porqué su historia está muy manipulada". Essa apropriação diz respeito à "hegemonia" castelhana e aos usos e abusos da história no presente. Não se trata do passado em si, mas sim de sua representação na atualidade, como será demonstrado no próximo capítulo.

## CAPÍTULO II

### URRACA, SÍMBOLO AUTONOMISTA: CASTELA E LEÃO DE 1975 A 2022

As batalhas que envolvem a representação da rainha Urraca I nos tempos atuais vão além dos momentos históricos resgatados e, como foi apresentado, utilizam da imagem da monarca em um movimento partidário, como é possível notar na figura abaixo:

#### CAPTURA DE TELA 7 - Manipulação de imagem da estátua de Urraca I associada a frase autonomista



@LaUtopiadelrma. Publicação de 16/02/2021. Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/LaUtopiadelrma/status/1361710963297300481>. Acesso em 13/09/2022

Nessa captura de tela provinda da rede social Twitter, temos o que classificamos como um meme feito por meio da imagem de uma estátua da rainha Urraca I. Esta estátua que foi inaugurada em 2019, se encontra na praça de San Marcelo na cidade de Leão e a foto, sem modificações, provavelmente foi tirada no dia 16 de fevereiro de 2020, dia que algumas manifestações mobilizadas pela *Juventude Leonesa* ocorreram na cidade. Neste meme, vemos Urraca sorrindo (que se trata de uma modificação da imagem da estátua original) e um balão de fala com os dizeres: “Esta é a cara que colocará Urraca I de Leão primeira rainha e imperatriz da Europa quando mandarmos Castela a pastar”.

A busca pela representação da rainha nos *softwares* sociais foi realizada em diversas plataformas que poderiam nos prover múltiplos olhares sobre sua imagem. As investigações se

iniciaram no Google, que nos mostrou *blogs* e portais de notícias com artigos sobre a rainha, mas depois partiram para as redes sociais virtuais.<sup>1</sup>

Diferenciamos as redes sociais de *softwares* sociais porque as redes são plataformas cujo principal objetivo é a sociabilidade, já os *softwares* sociais são plataformas mais abrangentes incluindo aqui *blogs*, jornais online e portais de notícias, onde o principal objetivo é disseminar informações, mas também possibilitar o diálogo mediante dos comentários.

Deste modo a busca por Urraca I nestes ambientes sociais online ocorreu por meio das principais *hashtags*<sup>2</sup> associadas à sua imagem, tais como: #urraca i, #urraca i of leon, #urraca i de leon, #reina urraca, #urraca de castilla, #queen urraca, #urraca i de castilla y leon, dentre outras variações utilizando as palavras todas juntas ou separadas, geralmente, buscando sem a cerquilha. As pesquisas foram realizadas nos dias 27/10/2020, 01/04/2021 e 04/11/2021, algumas publicações passaram por uma revisita em 20/11/2022 e 30/03/2023. As extrações de dados foram executadas no navegador Opera GX em modo anônimo, estando logado em contas criadas para a pesquisa. Assim arquivos PDF da primeira página de cada rede foram criados, além de capturas de tela das publicações com maiores reações<sup>3</sup> por parte dos usuários, ou que representam a rainha de forma diferente. As publicações selecionadas referenciam a rainha Urraca I somente, não selecionamos compilados com diversas rainhas/reis medievais, como é comum nas redes sociais.

Com base nesta pesquisa, a CAPTURA DE TELA 7 foi a única alteração de imagem da rainha Urraca encontrada, sejam seus quadros ou estátuas. Sendo uma publicação com 18 *reposts*<sup>4</sup> feitos em sua maioria no mesmo dia de sua divulgação, 16 de fevereiro de 2021. Este meme não está vinculado a nenhuma outra rede social, possui como marca d'água no canto esquerdo inferior a logomarca com o nome *La utopia del dia a dia*, assim como presente na foto de perfil do usuário. E na busca da fonte desta imagem, só foi encontrada uma correspondência que se trata da mesma foto sem a manipulação com sorriso publicada no blog <http://www.lautopiadeldiaadia.com>, assim, a foto original é da mesma autoria da pessoa que realizou a modificação na fotografia.

---

<sup>1</sup> Também chamada somente de redes sociais ou redes.

<sup>2</sup> Hashtags são compostas pela palavra-chave do assunto antecedida pelo símbolo cerquilha (#). As hashtags viram hiperlinks dentro da rede, indexáveis pelos mecanismos de busca. Hashtag. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtag>. Acesso em: 10/11/2022. Para definição do que são *hashtags*, ver Capítulo II desta dissertação.

<sup>3</sup> O mecanismo ordenação do conteúdo utilizado pelas redes sociais buscadas priorizam publicações que apresentam maior interação com os usuários da mídia social, a interação é medida por comentários, curtidas ou republicações.

<sup>4</sup> Um anglicismo proveniente da palavra *post* (outro anglicismo) que seria equivalente a republicar, bastante utilizado nas redes sociais.

A conta do Twitter *@LaUtopiadeIrma* e a maioria dos *users* que republicaram esta imagem carregam um emoji<sup>5</sup> de um leão ao lado do nome, esse símbolo é utilizado comumente por usuários que são a favor da independência de Leão da Comunidade Autônoma de Castela e Leão, criando uma comunidade autônoma própria. Neste meme vemos Urraca demonstrar felicidade ao “mandar Castela pastar”, demonstrando a rainha enquanto partidária de movimento autonomista de Leão.

O posicionamento político dessa postagem também é manifestado pelos usos das cerquilhas (#) com marcações em palavras, as famosas *hashtags*, como: *lexit*, que seria uma versão Leonesa para *Brexit (Britain Exit)*;<sup>6</sup> *16 F Pais Leonês*, que remontam as manifestações realizadas no dia 16 de fevereiro de 2020; além de *tags* mais óbvias como *Reino de León*, *Autonomia Leonesa* e *Region Leonesa*.

Em 2021 muitas medidas restritivas, devidas à pandemia de Covid-19, ainda estavam em vigor, tais quais os usos de máscaras e o distanciamento social. Assim, foi na internet que algumas manifestações virtuais ocorreram com usos de *hashtags* em momentos programados a fim de alcançar os *trending topics*<sup>7</sup> das redes sociais e, então, chamar atenção para a causa *leonesista*. Este *post* faz parte de uma dessas manifestações online que utilizou a imagem da rainha como forma de se posicionar a favor da autonomia leonesa.

Esse emprego da imagem da rainha (a envolvendo em um momento político atual) e a defesa e exaltação de seu reinado como um reinado leonês, é uma ação bem notória de partidários do movimento autonomista leonês. Movimento que vem crescendo na Comunidade Autônoma de Castela e Leão nos últimos anos e que resgata a história (principalmente medieval) para defender a criação de uma nova comunidade autônoma para as províncias de Leão, Zamorra e Salamanca.

Esse processo se trata de uma apropriação de um discurso, no caso a história e imagem da rainha, para construção de uma história e identidade leonesa. Para uma melhor compreensão dessa apropriação é importante entender que a Espanha é dividida atualmente em Comunidades Autônomas. Estas foram criadas após a constituição de 1978 com objetivo de apaziguar movimentos separatistas. Cada comunidade tem uma certa autonomia política e, principalmente, tem seus aspectos culturais respeitados, com idiomas próprios, bandeiras e hinos. No processo de construção dessas comunidades pós Ditadura Franquista (1936-1975),

---

<sup>5</sup> Emoji: Símbolo gráfico, ideograma ou sequência de caracteres que expressa uma emoção, uma atitude ou um estado de espírito, geralmente usado na comunicação eletrônica informal. "emoji", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021, <https://dicionario.priberam.org/emoji> [consultado em 10-11-2022].

<sup>6</sup> Movimento a favor da saída do Reino Unido da União Europeia.

<sup>7</sup> Espaço reservado do *twitter* onde é possível visualizar os assuntos mais compartilhados no momento

as regiões de Castela e Leão foram unificadas em uma comunidade única, algo que não foi aceito principalmente pelos Leoneses, que desde 1984 entraram com recurso contra essa união, como declara Mariano González Clavero, desde então os leonistas<sup>8</sup> lutam pela sua autonomia:

Em 28 de setembro de 1984, este tribunal confirmou a permanência de León na autonomia castelhana-leonesa. Pouco depois, a 8 de novembro, o Tribunal Constitucional voltou a pronunciar-se, desta vez para ratificar a adesão da província de Segóvia. Com essas frases, a questão territorial parecia resolvida. (...) Porém, o mesmo não aconteceu com a província de Leão. Depois de inúmeras tentativas de criar um forte partido *leonesista*, em meados da década de 1990 a *Unión del Pueblo Leonés* (UPL) conseguiu se tornar a terceira maior força da província de León, obtendo desde então representação no Parlamento de Castilla y León, além de uma presença importante nos *ayuntamientos* de León (GONZÁLEZ CLAVERO, 2004, p. 280, tradução nossa).<sup>9</sup>

Para analisarmos todo esse processo popular pró-autonomia leonesa que utiliza da imagem da monarca e porque faz desse uso, se faz necessário compreender como Castela e Leão passaram a ser uma comunidade autônoma unificada. Assim é imprescindível entender o que mudou territorialmente da Espanha medieval para a Espanha atual, a partir do contexto exposto no capítulo 1 desta dissertação. Esse resgate da história espanhola se faz indispensável principalmente porque partirmos de uma ótica brasileira para uma questão política específica de uma país ibérico assim, fazer essa retomada nos ajuda a compreender como as figuras históricas estão presentes no imaginário popular espanhol e como são apresentadas pelo público.

## 2.1 – Castela e Leão: da Idade Média ao Franquismo

Neste capítulo retomamos o passado para conhecer mais especificamente as divisões geográficas de Castela e Leão na atualidade. Após a união das coroas leonesas e castelhanas, por meio da Concordia Benavente só houve um breve momento entre 1296 e 1301 que os territórios de Leão e Castela tiveram monarcas diferentes, porém, desde então, Leão não se torna independente de Castela.

---

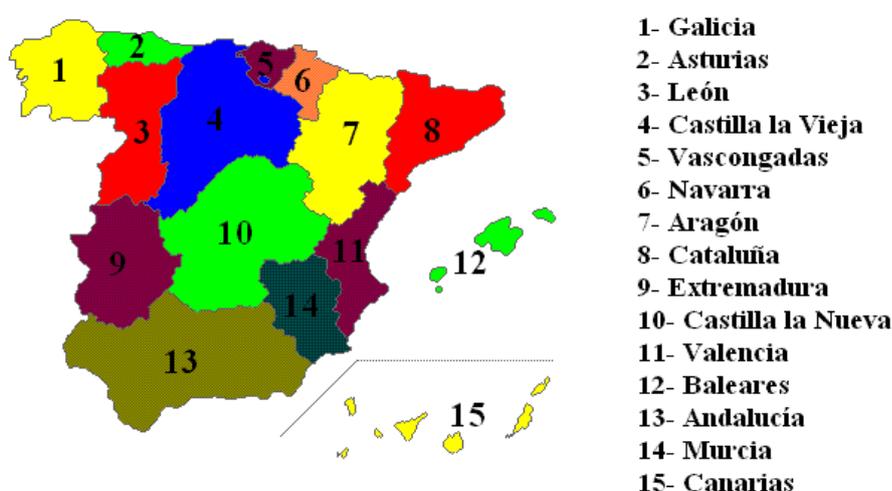
<sup>8</sup> A partir daqui iremos separar os termos, chamando de leoneses os moradores da província de Leão, ou do antigo reino de Leão, e de leonistas (ou *leonesista*) os partidários do movimento autonomista de Leão. Divisão feita baseada nos textos de González Clavero (2004) e Salgado Fuentes (2016)

<sup>9</sup> Original: “El 28 de septiembre de 1984 este tribunal confirmaba la permanencia de León en la autonomía castellanoleonesa. Poco después, el 8 de noviembre, el Tribunal Constitucional volvía a emitir sentencia, esta vez para ratificar la adhesión de la provincia segoviana. Con estas sentencias pareció quedar zanjada la cuestión territorial. (...) Sin embargo, no sucedió lo mismo con la provincia leonesa. Tras numerosos intentos de crear un partido leonesista fuerte, a mediados de los noventa la Unión del Pueblo Leonés (UPL) consiguió convertirse en la tercera fuerza de la provincia de León, obteniendo desde entonces representación en las Cortes de Castilla y León, además de una importante presencia en los ayuntamientos de León.”

Com o avançar dos séculos a Espanha como conhecemos hoje toma corpo durante o Antigo Regime Espanhol (séculos XV-XVIII). O reino de Castela se expande e passa a ser chamado de Espanha e Leão se torna apenas um dos territórios pertencentes ao grande reino Espanhol. O país passa a ser subdividido em Intendências a partir de 1720, sendo uma delas a Intendência de Leão, que pela primeira vez se aproxima dos territórios que são atualmente reivindicados pelos leonistas.

É somente no século XIX, mediante o Decreto Real de 1833, que temos uma composição territorial mais próxima da atual divisão provincial da Espanha. O Decreto Real é obra de Javier de Burgos e foi assinado três semanas após a morte do rei Fernando VII (1784-1833), durante a regência de María Cristina de Borbón (1806-1878).

**FIGURA 6** - Regiões de Direitos a participar do Tribunal de Garantias Constitucionais da II República Espanhola.



HISTORIA DE LA ORGANIZACIÓN TERRITORIAL DE ESPAÑA. In: **WIKIPÉDIA**, a enciclopédia livre. 2021. Disponível em: [https://es.wikipedia.org/wiki/Historia\\_de\\_la\\_organización\\_territorial\\_de\\_España](https://es.wikipedia.org/wiki/Historia_de_la_organización_territorial_de_España). Acesso em: 17/12/2021.

Este Decreto é assinado como uma tentativa de diminuir os conflitos que ocorriam na época, como a Primeira Guerra Carlista,<sup>10</sup> e assim centralizar o estado. A partir dele, a Espanha passava a ser dividida em 49 províncias e 15 regiões. Sendo que cada província recebeu o nome de suas capitais (com algumas exceções). A divisão territorial da Espanha passa a ser similar ao retratado no FIGURA 6, Castela passa a ser dividida entre a Região de Castela Velha e Castela Nova, sendo a Nova as regiões ao sul que foram anexadas após o governo de Alfonso VI (como a província de Toledo).

---

<sup>10</sup> Guerra Civil que ocorreu na Espanha de 1833 a 1840, entre os partidários de Carlos María Isidro de Borbón (1788-1855), que eram a favor de um regime absolutista, e partidários de Isabel II (1830-1904) mais precisamente da sua mãe a rainha regente María Cristina de Borbón(1806-1878), que possuía um governo a princípio absolutista, porém que acabou se convertendo em um governo liberal.

Durante o século XIX a breve Primeira República Espanhola (1873-1874) é proclamada e a divisão territorial realizada por meio do Decreto de 1833 permanece, é nesse período que é gerada a primeira tentativa de unificação dos territórios de Leão e Castela Velha em uma só região que seria intitulada somente de *Castilla La Vieja*. A nova divisão territorial proposta na Constituição Federal de 1873 (que pretendia transformar a Espanha em uma federação) não chegou a se concretizar. Outras propostas de divisões territoriais que acabavam por integrar Leão a territórios de outras regiões se repetiram em 1884 e 1891, mas também não chegaram a efetivar-se. Todas essas propostas já demonstram uma tentativa de anexação de Leão, sem ter nenhum tipo de reação por parte dos leoneses.

Durante a Segunda República (1931-1939) a ideia de dividir o país em comunidades autônomas começou a se formar. O regionalismo estava crescendo em todo país e, assim, foi cogitada a criação de uma nova região, agora intitulada de Castela e Leão, uma ideia que também não chegou a ser implementada principalmente com o início da ditadura de Francisco Franco (1892-1975). As primeiras atividades regionalistas castelhano-leonesas partem da região de Castela Velha, como declara Julio Valdeón Baroque (2001) em uma publicação presente no site do Partido Castelhana (2017):

Mas o maior impulso para o regionalismo ocorreu nos meses que se seguiram à vitória da Frente Popular, em fevereiro de 1936. Inclusive as bases para a redação de um Estatuto de Castilla y León chegaram a ser elaboradas. O autor das referidas bases, que foram publicadas em 22 de maio de 1936 nas páginas do *El Norte de Castilla*, foi o já citado médico e professor de Valladolid M. Bañuelos. A primeira destas bases expressava claramente os objetivos essenciais a perseguir: “Castela e Leão constitui-se como uma região autônoma para defender a Espanha e o seu império espiritual e para defender os seus direitos, em igualdade com as outras regiões autônomas de Espanha” (BARUQUE, parágrafo 4, 2017, tradução nossa).<sup>11</sup>

Uma ação regionalista que começa em Castela, e se confirma em Leão, com publicações feitas no *Diario de León* em maio de 1936 (BARUQUE, 2017). Porém, esse movimento foi suprimido durante o Franquismo (1936 – 1975). O sistema ditatorial tinha como pilar o sentimento nacionalista e, assim, manteve as divisões territoriais presentes desde 1833 (FIGURA 6), reprimindo toda e qualquer manifestação regionalista. Portanto, de 1833 até 1975 Leão se configurou como uma região independente de Castela.

---

<sup>11</sup> Original: “Pero el mayor empuje del regionalismo se produjo en los meses que siguieron al triunfo de la Frente Popular, en febrero de 1936. Incluso llegaron a elaborarse las bases para la redacción de un Estatuto de Castilla y León. El autor de las citadas bases, que fueron publicadas el 22 de mayo de 1936 en las páginas de *El Norte de Castilla*, era el ya citado médico y profesor vallisoletano M. Bañuelos. La primera de dichas bases expresaba con toda claridad cuáles eran los objetivos esenciales que se perseguían: «Castilla y León se constituyen en región autonómica para defender a España y su imperio espiritual y para defender sus derechos, en régimen de Igualdad con las demás regiones autónomas de España».”

## 2.2 – A Comunidade Autónoma de Castela e Leão

Com o fim do Franquismo em 1975 e o início da Transição Democrática, torna-se urgente a criação de uma Constituição que mantivesse a Espanha como um país único. Com esse intuito as comunidades autônomas são criadas, como forma de manter as individualidades regionais, dentro de uma mesma nação:

A Constituição baseia-se na unidade indissolúvel da Nação espanhola, pátria comum e indivisível de todos os espanhóis, e reconhece o direito à autonomia das nacionalidades e regiões que a compõem” (artigo 2.º). Estabelece uma organização territorial baseada "nos municípios, nas províncias e nas Comunidades Autónomas que se constituam" (artigo 137.º) regendo "a solidariedade entre todos eles" (artigo 2.º e 138.1) (CONSTITUCIÓN ESPAÑOLA DE 1978, 2022, tradução nossa).<sup>12</sup>

**FIGURA 7** – Comunidade Autónoma de Castela e Leão - Espanha Atual - Wikipedia



ORGANIZACIÓN TERRITORIAL DE CASTILLA Y LEÓN. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <[https://es.wikipedia.org/wiki/Castilla\\_y\\_León](https://es.wikipedia.org/wiki/Castilla_y_León)>. Acesso em: 12/11/2022.

Neste período, o regionalismo que buscava unir as regiões de Castela e Leão, antes da ditadura, volta a se formar principalmente com a criação de duas organizações: a *Alianza Regional de Castilla y León* e o *Instituto Regional Castellano-Leonés*, a primeira fundada por acadêmicos de direito da Universidade de Valladolid, que acolhia em seu bojo advogados franquistas; a segunda que possuía o mesmo intuito, mas com uma ideologia voltada a esquerda por serem totalmente contra o franquismo. Ambas as associações foram fundadas em Valladolid, cidade da Província de Valladolid (FIGURA 7) da antiga região de Castela Velha. (SALGADO FUENTES, 2016, p. 182 -183).

<sup>12</sup> Original: “La Constitución se fundamenta en la indisoluble unidad de la Nación española, patria común e indivisible de todos los españoles y reconoce el derecho a la autonomía de las nacionalidades y regiones que la integran» (artículo 2). Establece una organización territorial basada «en municipios, en provincias y en las Comunidades Autónomas que se constituyan», (artículo 137) rigiendo «la solidaridad entre todas ellas» (artículo 2 e 138.1)”

Com a ação dessas duas organizações em 22 de fevereiro de 1977 a *Mancomunidad*<sup>13</sup> de Castela e Leão foi criada em Burgos, integrando todas as províncias de Leão e Castela Velha. É a partir desse conselho intermunicipal que é criado o dia de Castela e Leão, estabelecido como dia 23 de abril,<sup>14</sup> e que foram organizados novos partidos e eleitos os deputados que defenderiam a criação da comunidade autônoma em si junto ao Congresso.

Os parlamentares eleitos pela região de Leão (que integravam nessa época as províncias de Leão, Salamanca e Zamora) foram, em sua maioria, do partido *Union de Centro Democrático* (UCD), um partido de direita, fundamental no processo de Transição Democrática (SALGADO FUENTES, 2016, p. 187) e que defendia a manutenção da Espanha como um único país. Outro partido muito importante neste processo foi o *Partido Socialista Obrero Español* (PSOE), partido de esquerda, segundo mais votado na região leonesa.

Neste mesmo ano (1977), também foi criado o *Partido Nacionalista de Castilla y León* (PANCAL). Esse partido visava a união não somente de Castela Velha e Leão, mas também das regiões de Castela Nova, Cantabria e La Rioja, criando uma “Castela Total”, como ressalta Salgado Fuentes (2016):

Em ambos os casos, a área territorial que se pretendia abranger era a das onze províncias de Castela Velha e Leão, embora nas suas declarações tenham identificado o referido território com o nome de “Castela”, deixando de lado o de “Leão”. No caso do PANCAL, falava-se da “Castela Total”, que abrangeria um território mais amplo, sem especificar, embora deixassem claro que incluiria, pelo menos, Castela Nova. (SALGADO FUENTES, 2016, p. 192, tradução nossa).<sup>15</sup>

Em contraposição às organizações (partidos e *mancomunidad* unificadoras) surgiram movimentos regionalistas castelhanos e leoneses. A primeira associação foi a *Comunidad Castellana*, que defendia uma comunidade autônoma separada de Leão, que segundo eles deveria compreender Leão, Zamora, Salamanca, Valladolid e Palencia (FIGURA 7).

---

<sup>13</sup> “Las mancomunidades nacen por definición como entidad local de cooperación voluntaria intermunicipal, es decir, se crean a partir de la iniciativa municipal y de común acuerdo entre todos sus miembros. Es pues una entidad «inter pares». Este hecho las diferencia de otras entidades como los consorcios que pueden tener entre sus miembros entidades locales de distinto rango, e incluso sociedades públicas. A diferencia de otras entidades locales, como las comarcas, su creación no depende ni de desarrollos legislativos previos ni de gobiernos de rango superior” (RIERA FIGUERAS, HAAS, AMER CAPDEVILA, 2005, p. 152).

<sup>14</sup> Dia que se comemorava a batalha de Villalar, decisiva na guerra das comunidades de Castela que ocorreu em 1521, esse momento é retomado pelos partidários da união de Castela e Leão como forma de criar uma identidade regional única

<sup>15</sup> En ambos casos, el ámbito territorial que se pretendía abarcar era el de las once provincias de Castilla la Vieja y León, si bien en sus declaraciones identificaban dicho territorio con la denominación “Castilla”, dejando a un lado la de “León”. Em el caso del PANCAL, se llegaba a hablar de la “Castilla Total”, que abarcaría un territorio más amplio, sin concretar, aunque dejaban claro que em éste se incluiría, al menos, a Castilla la Nueva

Já na região de Leão, o principal grupo regionalista foi o *Grupo Autonómico Leonés* (GAL), criado em 1977, porém só foi legalizado em dezembro de 1980,<sup>16</sup> tratava-se uma organização social e cultural que tinha objetivo de criar um estatuto autonômico e regional de Leão. Como conceitua bem Martinez Perez:

O GAL propôs a união das regiões do Reino de León, que englobaria as províncias de León, Zamora e Salamanca, juntamente com a cidade de Guardo, desde que esta possibilidade autónoma tivesse o apoio popular (MARTINEZ PEREZ, 2009, p. 1037, tradução nossa).<sup>17</sup>

O grupo foi criado a partir de um conflito entre os membros do *Partido Comunista de España* (PCE), uma vez que a versão nacional do partido era favorável a união de Leão e Castela Velha, enquanto os membros do partido em Leão se posicionavam contra.

O GAL e a *Comunidad Castellana* concordavam justamente por serem contra a união das regiões e assim chegaram até a afirmar um acordo que segundo Martinez Perez, declarava:

[...] Leão e Castela eram duas “entidades históricas e culturais, duas regionalidades diferenciadas”, pelo que “reprovavam a configuração de uma região «castelhano-leonesa»”. Eles consideraram que a região não poderia ser “delimitada artificialmente por decisões de grupos ou imposições estatais”. Os povos castelhano e leonês devem ser os únicos a decidir democraticamente sobre a sua identidade (MARTINEZ PEREZ, 2009, p. 1038, tradução nossa).<sup>18</sup>

Assim, com liderança do grupo leonista ocorreu a primeira manifestação autonomista em 18 de março de 1978, com uma adesão que flutua de 4 mil (publicado pela imprensa) a 20 mil manifestantes (afirmado pelos organizadores). Mesmo que quantitativamente não se pudesse comparar com manifestações como as realizadas pela Catalunha ou o País Basco (que se tratava de manifestações separatistas), esta movimentação teve uma importância simbólica por ser a primeira ação de uma população que se autodeclarava da comunidade de Leão, em meio a tantos movimentos pró-união das regiões. Em consequência a essa manifestação, os parlamentares leoneses resolveram não participar mais de Assembleias Castelo-leonesas, como a que ocorreu em 28 de março de 1978.

---

<sup>16</sup> A demora da legalização da GAL é vista de forma curiosa por González Clavero: “la legalización del GAL no resultó nada fácil y estuvo llena de obstáculos. El 17 de diciembre de 1980 por fin el GAL pudo ser registrado oficialmente como asociación. Fueron más de tres años para legalizar una asociación regionalista de las mismas características que Alianza Regional o Comunidad Castellana.” (GONZÁLEZ CLAVERO apud SALGADO FUENTES, 2016, p. 196), algo que Salgado Fuentes (2016, p. 196) teoriza que poderia ser porque a maioria dos membros do Grupo eram comunistas, entrando em conflito com os posicionamentos mais à direita da UCD.

<sup>17</sup> Original: “El GAL proponía la unión de las comarcas del Reino de León, que englobarían a las provincias de León, Zamora y Salamanca, junto con la palentina de Guardo, siempre que esta posibilidad autonómica contase con el respaldo popular.”

<sup>18</sup> Original: “[...] León y Castilla eran dos “entidades históricas y culturales, dos regionalidades diferenciadas”, por lo que “desaprobaban la configuración de una región «castellanoleonesa»”. Consideraban que la región no podía “delimitarse artificialmente por decisiones de grupos o imposiciones del Estado”. Los pueblos castellano y leonés debían ser los que decidiesen democráticamente sobre su identidad.”

Este protesto *leonesista* ocorreu contra a corrente da *Jornada Preautonómica*, movimentos convocados pelos partidários da união de Castela e Leão que no dia 05 de março 1978, conseguiram contar com a presença de 75.000 pessoas em Valladolid. Com essa grande adesão, as manifestações continuaram e algumas delas até geraram conflitos como a que ocorreu no dia de Castela e Leão (23/04/1978), em que 200.000 pessoas foram às ruas e houve 17 feridos e 7 pessoas presas por queimarem a bandeira da Espanha (demostrando que esse movimento chegava a se aproximar de grupos separatistas).

Em contraponto, o GAL e outras organizações de esquerda, como os *Ciudadanos Zamoranos* (CCZZ) e o *Grupo Regionalista Salmatino* (GRES), se reuniram em Zamora em maio de 1978 e criaram o Conselho Geral da Região Leonesa. A reação dos parlamentários eleitos da UCD que estavam a frente do processo autonômico foi de não reconhecer o conselho leonês como órgão pré-autonômico e aprovar, definitivamente, em 13 de junho de 1978 o Conselho Geral de Castela e Leão.

A partir desse ponto o Conselho Geral da Região Leonesa, liderado pelo GAL entra em uma corrida contra o tempo na tentativa de criar alianças com o PSOE (segundo partido de maior influência no congresso) e tentar gerar um apelo popular. Entretanto, a movimentação popular mais forte corria somente na província de Leão. Enquanto Zamorra e Salamanca se encontravam divididas; e Valladolid, Burgos e Palencia (FIGURA 7) estavam fortemente empenhadas na união das regiões (SALGADO FUENTES, 2016, p. 216).

O PSOE, que a princípio defendia os *leonesistas*, passou a ser cada vez mais favorável a uma Comunidade Autônoma de Castela e Leão, principalmente após aprovada a nova constituição em dezembro de 1978 (FIGURA 8), quando as Comunidades Autônomas foram enfim estabelecidas. Assim, o partido deixou a cargo somente da *Federación Socialista Leonesa* (parte do partido PSOE, responsável por defender os interesses de Leão na criação da constituição), em defesa dessa causa. Como Martinez Perez confirma:

Além disso, a UCD e o PSOE, uma vez aprovada a constituição, assumirão como tarefa principal a estabilização do sistema autonômico, mesmo que se encontrassem com dificuldades, como as que surgiram no País Basco, na Catalunha ou na Andaluzia (MARTINEZ PEREZ, 2009, p. 1037, tradução nossa).<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Original: “Además, la UCD y el PSOE, una vez aprobada la constitución, asumirán como su principal tarea la estabilización del sistema autonómico, aunque se encuentren con dificultades, como las que surgieron en el País Vasco, Cataluña o Andalucía.”

**FIGURA 8** – Organização em Comunidades Autônomas da Espanha Atual. Wikipedia



ORGANIZAÇÃO TERRITORIAL DE ESPANHA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Organiza%C3%A7%C3%A3o\\_territorial\\_de\\_Espanha&oldid=61441613](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Organiza%C3%A7%C3%A3o_territorial_de_Espanha&oldid=61441613)>. Acesso em: 18/12/2021.

Logo, sem grandes movimentações, em março de 1980 os representantes de Leão voltaram a atuar no Conselho de Castela e Leão e todas as três províncias da antiga região Leonesa votaram a favor da integração de Castela e Leão.

Em resposta à nova constituição que unifica a comunidade, os leonistas vão às ruas em uma segunda manifestação, em 12 de abril de 1980,<sup>20</sup> com uma adesão de 10 mil pessoas (como o informado pela imprensa). Dessa manifestação uma nova eleição sobre a divisão das comunidades é realizada, com as presenças dos prefeitos das cidades espanholas da época, entretanto, o movimento autonomista leonês perde novamente, gerando assim uma terceira e quarta manifestação em 20 de janeiro 1983 e 04 de maio de 1984 com adesão de 20 e 30 mil pessoas nas ruas, em busca de um recurso contra o Estatuto estabelecido.

Contudo, mesmo com uma adesão popular crescente, as manifestações não foram suficientes para modificar o resultado votado pelo Conselho Geral de Castela e Leão, sendo o estatuto de Castela e Leão aprovado em 26 de janeiro de 1983.

<sup>20</sup> Neste mesmo ano, em setembro de 1980, é criado e legalizado o Partido Regionalista del País Leonés (PREPAL) (lembrando que o GAL só foi legalizado em dezembro de 1980), que passa a atuar em conjunto com os outros partidos regionalistas leonês pela autonomia da região, e nas eleições a deputados da região, realizada em outubro de 1982 consegue alguns votos.

Uma vez aprovado o estatuto, o fim derradeiro das manifestações ocorre quando o Tribunal Constitucional decidiu deslegitimar o recurso proposto pelos leonistas em 28 de setembro de 1984, sendo Castela e Leão desde então uma comunidade só.

### 2.3. O Leonismo: Um debate sobre o regionalismo leonês

Passados quase 40 anos de estabelecido o Estatuto de Castela e Leão, o movimento pró autonomia de Leão continua atuante e cada vez mais forte. O Leonismo, segundo sites partidários, é um sentimento territorial que se articula em movimento cultural, social e político de caráter regionalista, autonomista e soberano, que busca a autonomia dos territórios do antigo reino Leonês que formavam a região de Leão desde 1833 (UPL, 2022).

O movimento se articula em 2 partidos políticos ativos: o *Partido Regionalista del País Leonés* (PREPAL) fundado e legalizado em setembro de 1980, sendo encabeçado por dirigente da associação *Ciudadanos Zamoranos* (CCZZ) e possuindo maior campo de atuação em Zamora; e a *Unión del Pueblo Leonés* (UPL), fundado em 1991 com integrantes pertencentes a partidos de direita (AP e UCD) e de esquerda (PSOE e PSP) e possuindo maior influência na província de Leão. Na internet, a UPL é o que melhor se articula, possuindo um site com portal de notícias e contas nas principais redes sociais enquanto o PREPAL possui apenas um site em construção. Portanto, é por meio da UPL que é possível entender mais sobre o movimento.

Segundo o Estatuto presente do site da UPL eles reivindicam a independência das províncias<sup>21</sup> de Leão, Zamora e Salamanca com uma recém adição de El Bierzo,<sup>22</sup> afirmando estar em busca da divisão administrativa feita durante a segunda república, não de todo o território que um dia pertenceu ao Reino de Leão:

Já no século XIX, surgiu a ideia de reformar a administração do estado. Assim se criam as atuais províncias e estas se organizam em regiões segundo vínculos históricos. As províncias de León, Zamora e Salamanca foram anexadas à Região Leonesa em 1833. Este texto, ainda em vigor, é o adotado para a formação de autonomias durante a Segunda República, momento em que nosso território se tornou um círculo eleitoral (UPL, 2021, tradução nossa).<sup>23</sup>

Em seu site o partido declara os motivos para uma autonomia, que são principalmente políticos e de autogestão dos recursos de sua própria terra, contra o decreto que uniu Castela e

---

<sup>21</sup> Províncias seriam o equivalente a estados no Brasil, e elas são subdivididas em municípios/*ayuntamientos*.

<sup>22</sup> A UPL está em defesa para que El Bierzo se torne uma província e possa defender seus interesses, não necessariamente para que integre a Região de Leão.

<sup>23</sup>Original: “Ya en el siglo XIX, se plantea la idea de reformar la administración del Estado. Así se crean las actuales provincias y estas se organizan en regiones atendiendo a lazos históricos. Las provincias de León, Zamora y Salamanca se adscriben a la Región Leonesa en 1833. Ese texto, aún vigente, es el que se toma para la formación de las autonomías durante la II República, momento en la que nuestro territorio llega a ser circunscripción electoral.”

Leão feito, segundo eles, contra a vontade de seu povo ferindo a identidade e vontade coletiva do povo leonês:

**Por que queremos nossa própria autonomia?** Porque em 1983 foi avisado do problema que a união com Castela seria para a nossa região. 40 anos depois os dados nos dão razão, por exemplo, perdemos 130.000 habitantes. Queremos que os nossos recursos sejam geridos a partir da nossa própria terra. Nosso argumento jurídico é a própria constituição espanhola. Em 1983, o País Leonês ou Região Leonesa ainda estava oficialmente listado como uma região histórica da Espanha, composta por León, Zamora e Salamanca. Por motivos políticos, num processo autonômico duvidoso e polêmico, decidiu-se unir esta região com partes da antiga Castela Velha, contra a vontade do povo. Este fato, para além de atentar contra a identidade e vontade coletiva do povo leonês, conduziu a uma deterioração económica e social quase única no estado como um todo. Queremos resolver este problema e acreditamos firmemente que o erro territorial e político cometido com a nossa região pode ser resolvido através de um modelo territorial atualizado em que possamos ter direito à nossa própria autonomia (UPL, 2021, tradução nossa).<sup>24</sup>

Uma vez encerradas as manifestações da década de 1980, o leonismo não obteve participação ativa na política, voltando somente nos últimos anos da década de 2010 a mobilizar mais eleitores. A UPL conseguiu apoio de 5 partidos e mais de 50 municípios em dezembro de 2019 para aprovação da Moção Pro-Autonomista de Leão. Novas manifestações foram realizadas em apoio a autonomia em fevereiro de 2020 com participação de 80.000 manifestantes segundo os organizadores e 48.000 segundo a subdelegação do governo leonês.

Os candidatos de seu partido obtiveram 11% dos votos totais nos municípios de Leão, Zamorra e Salamanca nas Eleições da Comunidade Autônoma de Castela e Leão de 2022, levando 3 representantes da UPL ao parlamento da Comunidade. Além de possuir apoio de políticos de diversos partidos, como é exemplo do prefeito de Leão, José Antonio Díez (PSOE), que assumiu o mandato em 2019 e passou a fazer uma campanha autonomista, declarando em entrevistas:

Nós leoneses levamos 40 anos sofrendo e padecendo das consequências da *cacitada* que se fez se imponto a comunidade autônoma de Castela e Leão sem deixar marco para a suas identidades(...). Preocupo-me com a cidade e

---

<sup>24</sup> Original: “¿Por qué queremos una autonomía propia? Porque en 1983 se avisó del problema que sería para nuestra región la unión con Castilla. 40 años después los datos nos dan la razón, por ejemplo, hemos perdido 130.000 habitantes. Queremos que nuestros recursos se gestionen desde nuestra propia tierra. Nuestro argumento legal es la propia constitución española. En 1983 el País Leonés o Región Leonesa seguía figurando oficialmente como una región histórica de España, integrada por León, Zamora y Salamanca. Por motivos políticos, en un dudoso y polémico proceso autonómico, se optó por unir esta región con partes de la antigua Castilla la Vieja, en contra de la voluntad del pueblo. Este hecho, aparte de atentar contra la identidad y voluntad colectiva del pueblo leonés, ha supuesto un deterioro económico y social casi único en el conjunto del estado. Queremos solventar este problema y creemos firmemente que el error territorial y político cometido con nuestra región puede solventarse a través de un modelo territorial actualizado en el que podamos tener derecho a una autonomía propia.”

com os cidadãos e sei que a linha a seguir é continuar na luta pelo autogoverno. (ANTONIO DIÉZ, 2021, tradução nossa).<sup>25</sup>

### 2.3.1 – Provincialismo vs. Regionalismo

O que podemos notar é que o apoio a autonomia cresce junto ao regionalismo de cada província e uma aversão a Comunidade Autónoma de Castela e Leão. Para entender como os castelhanos-leoneses se relacionam com esse sentimento provincial, regional ou em relação à comunidade autónoma, traremos aqui algumas pesquisas realizadas na época da criação das Comunidades Autónomas e outras de efetivadas mais recentemente.

**FIGURA 9** – Pesquisa sobre Autoidentificação realizada pelo Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS) em 1976/1979

**TABLA 3.7.- ¿Qué se considera estando en otro lugar de España?**  
(Región Leonesa)

	1976	1979
Leonés (de región)	57%	11%
De mi provincia	36%	76%
De mi comarca	5%	11%
Español	0%	1%

Datos: CIS 1976/1979. Recogidos en García Fernando, Manuel (1982). *Regionalismo y autonomía en España 1976/1979*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS). Muestra: N=500.

**TABLA 3.8.- ¿Qué se considera estando en otro lugar de España?**  
(Castilla la Vieja)

	1976	1979
Castellano	38%	38%
De mi provincia	50%	42%
De mi comarca	8%	15%
Español	0%	2%

Datos: CIS 1976/1979. Recogidos en García Fernando, Manuel (1982). *Regionalismo y autonomía en España 1976/1979*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas (CIS). Muestra: N=800.

SALGADO FUENTES, 2016, p. 274

Em pesquisa realizada nos anos de 1976 e 1979 pelo *Centro de Investigaciones Sociológicas* (CIS), percebe-se que o sentimento provincial cresce na antiga região de Leão com o avançar da criação das comunidades autónomas. Como é possível observar na FIGURA 9, a tabela formada através da pesquisa que indagava aos habitantes como eles se autoidentificavam estando fora de suas respectivas regiões, os leoneses passam a se

<sup>25</sup> Original: “Los leoneses llevamos 40 años sufriendo y padeciendo las consecuencias de la auténtica cacicada que se hizo imponiendo la comunidad autónoma de Castilla y León sin dejarles marco para su identidad(...). A mí me importa la ciudad y los ciudadanos y sé que le línea a seguir es la de seguir en la pelea por el autogobierno.”

autoidentificar mais com sua província a partir de 1979 (mudando de 36% para 76% a autoidentificação com a província), enquanto os castelhanos, começam a citar mais sua comarca como forma de autoidentificação (passando de 8% para 15% a identificação com a comarca). Chegamos à conclusão, de acordo com Salgado Fuentes (2016, p. 275), que a identidade regional leonesa passa a se refugiar no provincialismo a partir da transição democrática. Enquanto ocorre de forma diferente com Castela, uma vez que se diminui o provincialismo, aumenta-se um sentimento sob a comarca enquanto o regionalismo continua estável.

E esse fator influencia na construção de uma comunidade autônoma unida uma vez que, ao se resguardarem em um provincialismo, Leão, Zamora e Salamanca apresentam visões diferentes sobre a Comunidade Autônoma. Em pesquisa realizada pelo CIS em 1986 sobre Comunidade Autônoma de Castela e Leão configurar duas regiões ou uma e ter duas autonomias ou não, 47,9% e 46,9% das pessoas entrevistadas de Zamora e Salamanca respectivamente consideravam que Castela e Leão deveriam ser duas regiões que partilham uma só autonomia, o que difere de Leão em que 45,3% dos entrevistados consideram Castela e Leão duas Regiões e duas autonomias. Como é possível observar na FIGURA 10:

**FIGURA 10** – Pesquisa sobre Autoidentificação realizada pelo Centro de Investigações Sociológicas (CIS) em 1976/1979

**TABLA 3.12.- ¿Qué considera a Castilla y León, y qué deben ser? (CIS, 1986)**

	Dos Regiones, dos autonomías	Dos regiones, una autonomía	Una Región, una autonomía	Ns/Nc
León	45'3%	22'5%	16'6%	15'6%
Zamora	11'1%	47'9%	26'6%	14'4%
Salamanca	10'1%	46'9%	35'7%	7'3%

**Datos:** CIS. Estudio 1507. Abril de 1986. **Muestras:** León N=344, Zamora N=265, Salamanca N=299.

SALGADO FUENTES, 2016, p. 274

Essa divergência entre as províncias se dá pelo que Salgado Fuentes (2016, p. 290) pontua como certo conservadorismo de Salamanca e Zamora, províncias que buscam manter o *status quo* da atual Comunidade Autônoma por ter maior sentimento identitário castelhano-leonês e serem notavelmente conhecidas por tenderem ao centralismo. Centralismo seria a defesa de um Estado Unitário, que no caso da Espanha, aboliria as autonomias das comunidades com o poder legislativo sendo exercido somente pelo poder central. Destarte Salgado Fuentes (2016, p. 290) chega à conclusão: uma vez que os salmantinos e zamoranos eram contra as comunidades autônomas em si, para eles não fazia sentido brigar pela construção de mais uma.

Essa divergência entre Leão versus Salamanca e Zamorra se confirma nas eleições para presidente de governo que ocorreram em novembro de 2019, momento que, enquanto Leão demonstrou apoio ao partido de centro-esquerda PSOE, Salamanca e Zamorra votaram, em sua maioria, no PP (Partido Popular) de centro-direita e no Vox de extrema-direita.

Os dados das pesquisas realizadas nas décadas de 1970 e 1980 sobre essa divergência de sentimento provincial/regional/autonômico se confirmam em pesquisas das décadas de 2000 e 2020. Em 2009 em pesquisa realizada durante a *Opinion Publica en Castilla y Leon* (OPenCYL), os entrevistados da antiga região de Leão afirmam ter um sentimento de pertencimento maior a Espanha do que a sua Comunidade Autónoma (FIGURA 11).

**FIGURA 11** – Pesquisa sobre o Pertencimento Nacional Vs. Pertencimento à Comunidade Autónoma, realizado pela OPenCyL em 2009

**TABLA 3.2.- Arraigo autonómico vs. Arraigo nacional**

	LEÓN OPenCYL 09	CASTILLA OPenCYL 09	ESPAÑA CIS Julio 2010
“Me siento únicamente español”	54’0%	18’3%	17’5%
“Me siento tan español como de mi comunidad autónoma”	32’8%	63’1%	52’0%

**Datos:** León: OPenCyL 2009 ; Castilla: OPenCyL 2009 ; España: CIS Julio 2010

**TABLA 3.3.- Arraigo autonómico vs. Arraigo nacional (Datos: OPenCYL 2009)**

	León	Salamanca	Zamora	<b>MEDIA</b>
“Me siento tan español como castellano-leonés”	26’2%	37’0%	42’0%	<b>32’8%</b>

**Muestras:** León N=561 ; Salamanca N=397 ; Zamora N=219 ; Media (Total País Leonés) N=1177.

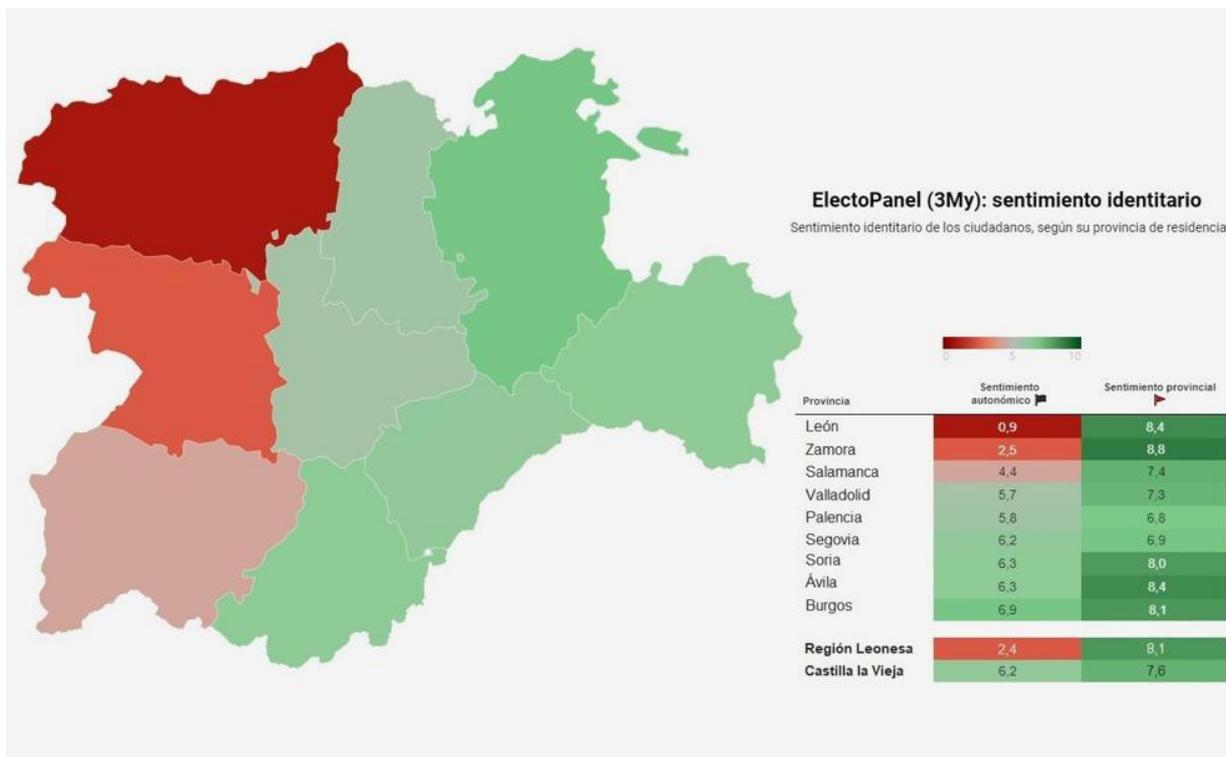
	Ávila	Burgos	Palencia	Segovia	Soria	Valladolid	<b>MEDIA</b>
“Me siento tan español como castellano-leonés”	37’2%	57’3%	64’9%	48’7%	64’5%	79’7%	<b>63’1%</b>

**Muestras:** Ávila N=199 ; Burgos N=405 ; Palencia N=202 ; Segovia N=189 ; Soria N=107 ; Valladolid N=586 ; Media (Total Castilla la Vieja) N=1688.

SALGADO FUENTES, 2016, p. 268

Já em 2022 em pesquisa realizada pela Electomanía, esse sentimento identitário é confirmado novamente como mais provincial do que autonômico, como é possível notar na FIGURA 12:

**FIGURA 12** – Pesquisa sobre Sentimento Identitário realizada pela Electomanía em 2022



ELECTOMANÍA. ElectoPanel(3My): sentimiento identitário. Electomanía, mar. de 2022. Disponível em: <https://electomania.es/ep3my22/> Acesso em: 13/11/2022.

Esta é a pesquisa mais recente que temos acesso sobre sentimento identitário. Nela podemos notar que, em uma escala de 0 a 10, Leão possui o menor sentimento autonômico (0,9) e Zamora e Salamanca também possuem pontuações baixas. Enquanto em relação ao sentimento provincial Zamora possui a maior pontuação (8,8).

Essas pesquisas demonstram que apesar das províncias leonesas possuírem um sentimento provincial maior do que com a sua comunidade, é justamente esse sentimento que impede o crescimento de um regionalismo. Estando cada província por si, com posicionamentos políticos díspares, a criação de um sentimento regional se torna mais lenta, impedindo uma mobilização maior para a criação de uma Comunidade Autónoma Leonesa.

Segundo David Martínez Pérez (2009, p.1033), o regionalismo Espanhol surgiu na Idade Contemporânea em oposição ao centralismo. Em Leão foi um movimento que começa a ocorrer após a criação efetivamente da região de Leão em 1833, ou seja, até então para o autor, não há uma movimentação identitária forte que mova os partidos e pressione o governo para que autonomia seja realizada. Sendo assim, esse sentimento regionalista é algo que está sendo gestado recentemente por intervenção dos partidos. Com a ascensão desse sentimento o passamos a observar um apoio popular maior do que o que ocorreu década em 1980, seja em manifestações presenciais ou online.

No processo da criação da Comunidade Autónoma de Castela e Leão, tanto leoneses quanto castelhanos se mostraram mais empenhados em manter Espanha como um país unido, ao elegerem partidos como a UCD e o PSOE (partidos que tinham como proposta manter a Espanha una, sem suprimir as diferenças regionais em um centralismo), do que criar um movimento autônomo, ou até mesmo separatista, para suas regiões.

Como o regionalismo leonês e castelhano ainda estava em estágio de desenvolvimento durante o processo de Transição Democrática os partidos que surgiram com esse intuito, tais quais o GAL e a *Comunidad Castellana*, não obtiveram mobilização popular o suficiente na época para conseguir reverter a união das regiões em uma única comunidade. Segundo Carlos Javier Salgado Fuentes (2016, p. 238), o fato do castelhano-leonismo ter agido antes, do regionalismo de Castela não ter força e do leonismo atuar mais fortemente somente em Leão, foram os três grandes motivos para a união das regiões. Mesmo em Leão, o leonismo se espalhou de forma fragmentada, tendo apoio popular, mas não massivamente, isso confirmado no fato que sua maior manifestação ocorreu justamente após o Estatuto de Castela e Leão ter sido aprovado. Como arremata o autor:

Assim, conclui-se que o leonismo não soube organizar-se eficazmente, dispersando-se numa multiplicidade de grupos, sem se apresentar às eleições para obter representação nas câmaras municipais e exercendo pressão basicamente com manifestações nas ruas que, no entanto, numerosos eram, não tinham autoridade legal para iniciar seu próprio processo autônomo. A isto devemos acrescentar que a sociedade leonesa não via a questão da autonomia como um problema de primeira ordem, avançando o processo de autonomia com grande passividade pelos representantes das urnas aliadas em 1979 e, especialmente, pela sociedade de Zamora e Salamanca. (SALGADO FUENTES, 2016, p. 239, tradução nossa).<sup>26</sup>

#### **2.4 – Os usos da Idade Média para criação de regionalismos**

Como parte da manutenção e divulgação desse sentimento identitário regional leonês, atualmente, a história passa a ser um ponto central. E a Idade Média é utilizada como esse momento glorioso da história leonesa que é destacada tanto no site da UPL, que ressalta os monarcas leoneses de 910 a 1230 como cruciais para a construção da história de Leão, como também do outro lado, na manutenção da Comunidade Autónoma de Castela e Leão, uma vez

---

<sup>26</sup> Original: “Así, se puede concluir que el leonesismo no supo organizarse de manera efectiva, estando disperso em multitud de grupos, sin presentarse a las elecciones para obtener representación em los ayuntamientos y ejerciendo presión básicamente con manifestaciones em las calles que, por muy numerosas que fuesen, no tenían potestad legal para iniciar un proceso autonómico propio. A ello hay que sumar que la sociedad leonesa no veía la cuestión autonómica como un problema de primer orden, avanzando el proceso autonómico con gran pasividad por los representantes aliados de las urnas em 1979 y, especialmente, por parte de la sociedad de Zamora y Salamanca.”

que os reinados medievais são parte do Estatuto de Castela e Leão, como é possível notar logo em seu preâmbulo:

A Comunidade Autónoma de Castela y Leão surge da união moderna dos territórios históricos que formavam e davam o seu nome às antigas coroas de León e Castilla.

Há mil e cem anos foi estabelecido o Reino de Leão, do qual os de Castela e Galiza se separaram como reinos ao longo do século XI e, em 1143, o de Portugal. Durante estes dois séculos, os monarcas que detinham o governo destas terras alcançaram a dignidade de imperadores, como atestam os títulos de Afonso VI e Afonso VII (ESTATUTO DE AUTONOMÍA DE CASTILLA Y LEÓN, 2007, tradução nossa).<sup>27</sup>

E para além disso, o ponto que mais nos chama atenção em nossa pesquisa sobre utilização da Idade Média como consolidação de uma história comum aos leoneses é justamente nos embates sobre a história da rainha Urraca nos comentários do Youtube.

Em cada site dos *softwares* sociais analisados foi possível observar maneiras diferentes de representar e utilizar da imagem da rainha Urraca I, sendo na plataforma de vídeos onde foram notados mais momentos de tensionamentos entre *users* que se demonstram partidários da autonomia de Leão e retomam a rainha como forma de consolidar a história leonesa, contra outros usuários adeptos de uma história castelo-leonesa. Como foi possível observar no capítulo 1 desta dissertação a história dos reinos é evocada diversas vezes e em vários momentos como forma de comprovar um lado ou outro desta disputa de representação.

O questionamento que surge em meio essa batalha é: Por que o período medieval, mais especificamente os séculos XVI e XVII se tornam tão importantes? Afinal, como foi apresentado neste capítulo, Leão e Castela formaram regiões independentes a partir de 1833, sua composição territorial que está sendo reivindicada pelos *leonesista* está calcada nesta divisão de cortes do século XIX. Porém, a resposta está para além da divisão territorial. Retomar esse tempo tão longínquo é mais relacionado à importância deste período para consolidação de uma identidade regional.

Uma luz sobre porque este período tão importante é apresentada na CAPTURA DE TELA 7. Nela vemos *unleones*,<sup>28</sup> que é um usuário recorrente nestes debates, presente em quase todos os vídeos do Youtube referentes a Urraca, afirmando que foi rainha de Leão, ressaltando

---

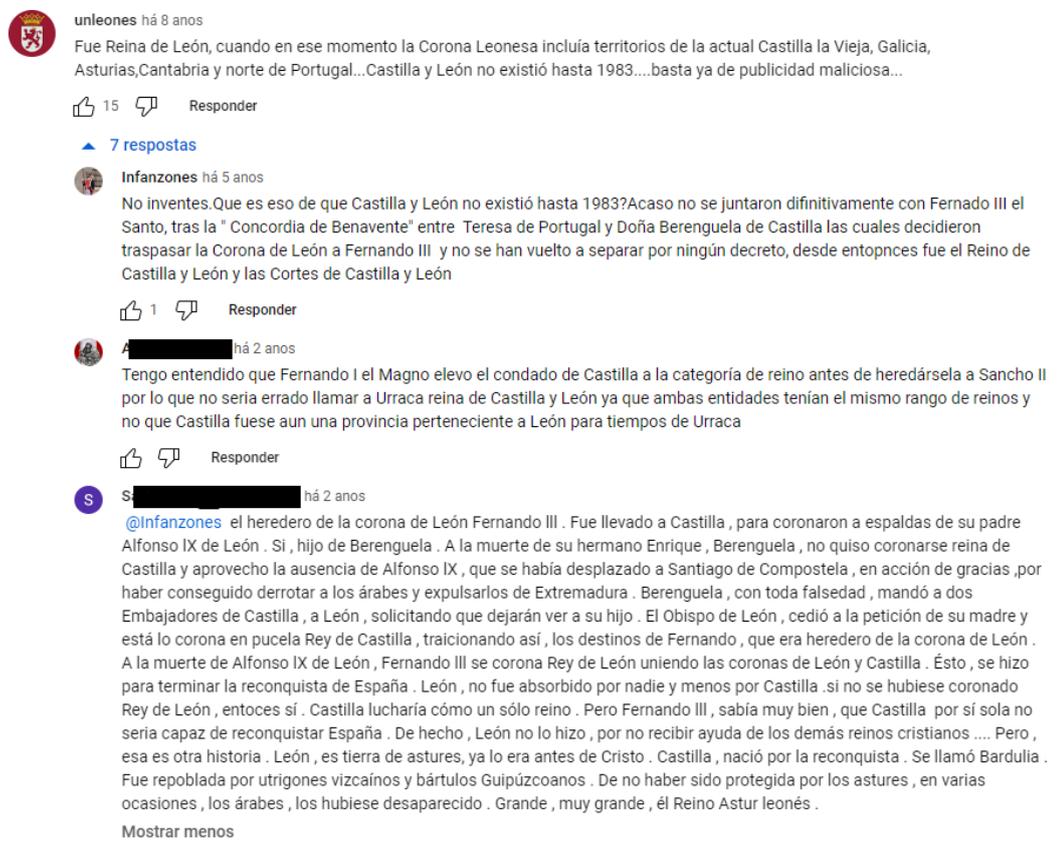
<sup>27</sup> La Comunidad Autónoma de Castilla y León surge de la moderna unión de los territorios históricos que componían y dieron nombre a las antiguas coronas de León y Castilla.

Hace mil cien años se constituyó el Reino de León, del cual se desgajaron en calidad de reinos a lo largo del siglo xi los de Castilla y Galicia y, en 1143, el de Portugal. Durante estas dos centurias los monarcas que ostentaron el gobierno de estas tierras alcanzaron la dignidad de emperadores, tal como atestiguan las intituciones de Alfonso VI y Alfonso VII

<sup>28</sup> *Unleones*, que significa um leonês, é um usuário que utiliza da bandeira de Leão como foto de perfil, e suscita debates em diversos vídeos no Youtube, em diversos comentários defendendo uma independência leonesa.

os territórios dominados por Urraca e que Castela e Leão só passou a existir após a criação das Comunidades Autônomas.

### CAPTURA DE TELA 7 - Comentários feitos no vídeo *Urraca, primera reina europea* do canal do Youtube *Castilla y León Television*



The screenshot shows a YouTube comment thread. The main comment is from user 'unleones' (8 years ago), stating that the Kingdom of León included territories of modern-day Castilla la Vieja, Galicia, Asturias, Cantabria, and northern Portugal until 1983. It has 15 likes and a 'Responder' button. Below it are 7 replies. The first reply is from 'Infanzones' (5 years ago), who argues that the kingdoms of Castilla and León did not exist until 1983 and were not definitively united with Fernando III el Santo. The second reply is from user 'A' (2 years ago), who agrees that Fernando I elevated the county of Castilla to a kingdom before it was inherited by Sancho II. The third reply is from user 'S' (2 years ago), who provides a detailed historical account of the coronation of Fernando III in Castilla, the death of Alfonso IX in León, and the union of the crowns.

CASTILLA Y LEÓN TELEVISIÓN. *Urraca I, primera reina europea*. 03/10/2013. (05min05seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OP9guQDmkr4&t=176s>> Captura de Tela feita em: 03/10/2022.

*Infanzones*,<sup>29</sup> outro usuário recorrente, responde que os reinos se juntaram durante o reinado de Fernando III, com a Concordia de Benavente, selada entre Teresa de Portugal e Berenguela de Castela, unindo as coroas desde então.

Gerando a resposta de A que continua o diálogo trazendo outros reis medievais ao declarar que uma vez que Fernando I elevou o condado de Castela a condição de Reino, não seria errado chamar Urraca de rainha de Castela e Leão.

E por fim S acrescenta ao coro do *unleones* que apresenta, como uma verdadeira “aula” contada na internet, o contexto da Concordia Benavente, sem deixar de dar sua opinião ao

<sup>29</sup> *Infanzones* faz referência a *infanzón* que seria um membro da baixa nobreza que combatia a cavalo, o termo tem sua origem no reino de Leão. Wikipédia. Disponível em: <https://es.wikipedia.org/wiki/Infanzón>. Acesso em: 03/10/2022

declarar Berenguela como uma falsa, ressaltando os feitos dos reis leoneses sobre os castelhanos, enfatizando que Castela é fruto da reconquista.

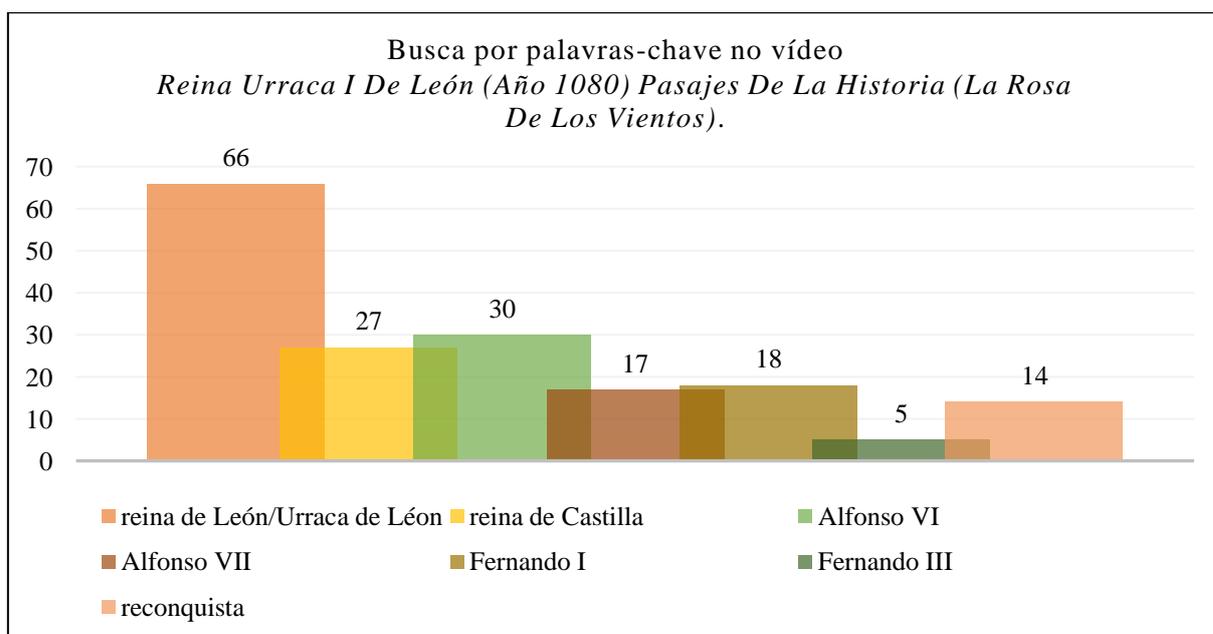
O uso do termo reconquista e a maneira como o período é ressaltado neste vídeo e no *Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)* apresentado no capítulo anterior, nos chama atenção para o quanto esse período é um mito identitário, em que segundo Ríos Saloma (2011, p. 31) e variada gama de historiadores, se constrói o discurso nacionalista no século XIX, sendo base para a identidade nacional da Espanha contemporânea.

Esta linha de comentários (CAPTURA DE TELA 7) foi realizada no vídeo *Urraca I, primera reina europea*, publicado pelo canal do Youtube *Castilla y León Televisión* que posta programas do canal de televisão com o mesmo nome. Este conteúdo trata-se de um curto documentário histórico sobre a vida de Urraca ressaltando sua independência e luta para manter o território, comparando-a a uma mulher do século XXI, com passagens que alternam entre uma narração com imagens de estatuas de Urraca, imagens da Urraca de Zamorra (tia da Urraca I) do filme “El Cid”(1961) e entrevistas com historiadores que falam sobre sua vida ressaltando partes da *Crónica Anónima de Sahagún*.

Publicado em 3 de outubro de 2013, o vídeo acumulou mais de 26 mil visualizações. É notável que, em nenhum momento, seja no título ou no conteúdo do vídeo, a rainha seja mencionada como exclusivamente pertencente a Castela; ela é consistentemente referida como rainha de Castela e Leão. No entanto, dos 56 comentários disponíveis para visualização, 38 deles tratam da rainha como exclusivamente leonesa e incluem respostas nesse sentido. Além disso, 13 comentários abordam que o vídeo utiliza de imagens de Urraca de Zamorra do filme “El Cid”(1961), enquanto os 5 comentários restantes são de natureza aleatória. É relevante observar que, apesar de este ser um vídeo com um número relativamente baixo de comentários e visualizações, a análise desses comentários permitiu identificar os termos mais frequentemente repetidos e os reis mais citados durante os debates sobre a identidade e pertencimento da rainha.

Assim, buscamos essas palavras-chaves em um dos vídeos mais comentados sobre a rainha que é o *Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)* do canal Raúlvez (FIGURA 13), e nele foi possível observar que mesmo que a reconquista em si não seja citada com frequência, os reis Fernando I, Alfonso VI, Alfonso VII e Fernando III são citados justamente por seus feitos de expansão do território leonês, ou castelo-leonês a depender do comentarista.

**FIGURA 13** – Histograma com palavras-chaves dos comentários do vídeo *Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)* do canal Raúlvez



Elaboração própria com base nos dados disponíveis em: RAÚLVZ. **Reina Urraca I De León (Año 1080) Pasajes De La Historia (La Rosa De Los Vientos)**. 17/09/2016. (24min49seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ejQnryAc8nE>> Captura de Tela feita em: 05/04/2023.

A frequência com que esse tema é evocado nos chama a atenção para a relevância dos reinados dessa época específica dentro do contexto regional, tanto nos comentários observados na internet quanto para a formação da própria comunidade, conforme demonstrado na citação do Estatuto de Castela e Leão. Isso ocorre principalmente devido à importância da Reconquista como um elemento unificador entre os reinos que atualmente compõem a Espanha. É sob o cenário desse período histórico que se fundamenta a criação da Espanha como nação, tanto no contexto medieval quanto no contemporâneo. Como Adeline Rucquoi (1995) conceitua:

A guerra contra o infiel, a reconquista, que se torna uma guerra santa a partir dos fins do século XI é uma realidade e tem uma história. Mas foi igualmente um mito em que se baseou a justificação do poder dos reis e tem uma função unificadora. (RUCQUOI, 1995, p. 216).

No passado recente, o uso da Reconquista ocorreu de maneira significativa durante a ditadura franquista. Francisco Franco utilizou esse período como um mito da criação do reino e, principalmente, como uma forma de legitimar e glorificar sua própria imagem. Ele se aproveitou de personagens do passado espanhol, como Pelayo e El Cid (ALVARO; PRATA, 2014, p. 110). Seguindo uma agenda nacionalista de resgate de grandes heróis espanhóis, o crescimento de regionalismos e a busca por uma história local foram minimizados em prol da consolidação de uma identidade nacional em torno desse período histórico.

Devido a esse uso durante a ditadura, alguns pesquisadores contemporâneos debatem a substituição do conceito Reconquista por considerá-lo carregado pela ideologia franquista. Propondo o uso de outros termos para denominar o mesmo período, como pontuam Bruno Alvaro e Rafael Prata:

Como toda história e todo historiador é fruto de seu tempo, tais pesquisadores passaram a compreender assim, que se deveria apagar esse conceito a partir do tempo presente, uma vez que este se apresentaria assim como mais uma “mancha” do regime ditatorial de Franco, um conceito ainda inteiramente dotado da carga ideológica nacional-catolicista típica daquele período (ALVARO, PRATA, 2014, p. 124).

No entanto, além do debate acadêmico, a Reconquista continua a ser utilizada pelo público como motivo de orgulho e desempenha um papel na construção de regionalismos, como evidenciado no comentário apresentado na CAPTURA DE TELA 7, no qual *S* afirma que Fernando III se tornou rei de Leão para concluir a Reconquista, argumentando que Castela, por si só, não seria capaz de reconquistar a Espanha. Neste e em diversos comentários encontrados no cotejo das fontes desta pesquisa, a Reconquista retorna sempre como um momento de destaque para os reis leoneses, sendo vista como sua principal função e qualidade.

Com base nessa função unificadora desse período enquanto conceito (e, conseqüentemente, utilizando os reis associados a essa época como referência), a Reconquista está presente nas discussões sobre a construção da identidade leonesa ou castelhana. Ela é usada como forma de demonstrar a importância de Leão ou Castela no contexto nacional.

Diferente do conceito apresentado no primeiro capítulo, aqui a Reconquista adquire novos significados para além de um período histórico ou uma categoria dentro da historiografia, mas sim como mito identitário, que segundo Rios Saloma (2011, p. 133) deve ser utilizado com cuidado pelos historiadores.

Esse embate e resgate da Reconquista para consolidação de regionalismos são fenômenos contemporâneos. No contexto do leonismo, isso também representa uma forma de resistência a hegemonia de Castela na Comunidade Autônoma. É importante observar que, com base nos comentários analisados nesta pesquisa, não podemos afirmar que todos aqueles que defendem uma Urraca de Leão são necessariamente partidários de uma autonomia leonesa. No entanto, o que podemos comprovar (por meio das capturas de tela abaixo) é que muitos desses comentários refletem um desconforto em relação à suposta "hegemonia" de Castela.

Conforme evidenciado na CAPTURA DE TELA 8, há questionamentos sobre uma representação de Urraca de Castela, com a sugestão de que essa representação seja uma forma de propaganda da Fundação Villalar. O mesmo tipo de questionamento é observado na

CAPTURA DE TELA 9, que indaga se essas "burradas" históricas estão sendo financiadas pela Fundação Villalar, em relação a um documentário exibido pela Castilla y León Television e publicado no Youtube.

A Fundação Villalar é uma organização sem fins lucrativos criada em 2003 e vinculada ao Parlamento de Castela e Leão. Ela é responsável pelo desenvolvimento de diversas atividades culturais, educacionais e esportivas na região. Recentemente, a Fundação alterou seu nome para Fundação de Castela e Leão, enquanto o nome anterior, Villalar, faz referência à Batalha de Villalar ocorrida em 1521, um evento significativo na história dos castelhanos.

### CAPTURA DE TELA 8 - Comentário feito no vídeo *Urraca, primera reina europea* do Canal do Youtube Castilla y León Television



Na nuesa llingua há 8 anos

Castilla y León no existió hasta 1983, hace 31 años, Urraca fue reina de León, Galicia, Castilla y Toledo, no de "Castilla y León". Eso es propaganda de la Fundación Villalar



12



Responder

CASTILLA Y LEÓN TELEVISIÓN. **Urraca I, primera reina europea**. 03/10/2013. (05min05seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OP9guQDmkr4&t=176s>> Captura de Tela feita em: 05/04/2022.

### CAPTURA DE TELA 9 - Comentário feito no vídeo *Urraca, primera reina europea* do Canal do Youtube Castilla y León Television



Rd [redacted] há 1 ano

Esta sarta de burradas históricas las paga la Fundación Villalar???

Menudo disparate de vídeo.



1



Responder

CASTILLA Y LEÓN TELEVISIÓN. **Urraca I, primera reina europea**. 03/10/2013. (05min05seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OP9guQDmkr4&t=176s>> Captura de Tela feita em: 05/04/2022.

Esses comentários refletem um descontentamento semelhante ao que o site da UPL (*Unión del Pueblo Leonés*) expressa em relação ao governo da Comunidade Autónoma. Eles apontam para a ideia de que, dentro de uma comunidade que abrange ambas as cortes, os interesses, cultura e história leoneses muitas vezes são suprimidos por Castela. Isso pode explicar por que não há um movimento ativo de busca por autonomia por parte dos castelhanos.

Outro aspecto dessa hegemonia de Castela está na própria definição do Dia de Castela e Leão como o dia da Batalha de Villalar, em 23 de abril. Essa data foi estabelecida como o Dia da Comunidade em 1986 pela Junta de Castela e Leão e já tinha um caráter festivo na região de Castela em comemoração à vitória na batalha.

Isso gera uma onda de descontentamento entre os autonomistas, como é visível na conta do Twitter do *Colectivo Ciudadanos de la Región Leonesa* (CCRL), uma organização não

partidária muito ativa na região, especialmente na província de Zamorra, e que colabora com partidos e outros grupos na promoção da identidade leonesa. Em 23 de abril de 2023, o CCRL publicou uma imagem que redefine o Dia de Castela e Leão como o Dia do Livro, destacando obras literárias sobre a região de Leão e a identidade leonesa (CAPTURA DE TELA 10).

Essa ação demonstra a insatisfação dos autonomistas com a celebração da Batalha de Villalar como o Dia da Comunidade e reflete a tentativa de promover uma visão mais centrada na cultura e história leonesa.

### CAPTURA DE TELA 10 – Publicação da CCRL no dia de Castela e Leão



@ReinudeLlion. Publicação de 23/04/2023. Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/ReinudeLlion/status/1650121294548008967>. Acesso em 20/05/2023

E é dentro desses usos da história, em específico uso do período da reconquista, para o fortalecimento de identidades, que se insere a rainha Urraca, como um exemplo feminino dentro de um período tão aclamado. Ela desponta em uma luta entre leoneses e castelhanos como um estandarte, como é possível notar na CAPTURA DE TELA 11.

A CAPTURA DE TELA 10, apresenta um usuário do Twitter que utiliza da imagem da rainha, tanto o quadro dela, quanto o nome do perfil. Este perfil é desde 2020 totalmente voltado

para o movimento autonomista, com 153 seguidores e seguindo 217 perfis (no dia 08 de abril das 2023 às 18h (GMT-3)). Nesta captura em específico a *@UrracaReina* apresenta uma imagem da manifestação leonista de 2020 com a seguinte legenda “Não se ganhou Toledo em um credo. Hoje fizemos um grande prelúdio, voltaremos a ser Reino”. Com essa frase o usuário chama a manifestar e faz alusões tanto à conquista de Toledo, fruto da Reconquista, quanto ao reino de Leão medieval. Sendo mais um exemplo desses usos do período, e apresentando-se amplamente a favor do movimento autonomista, diferente de alguns comentários no Youtube que somente apresentam indícios. Entretanto, apesar de ser completamente partidário, esse perfil não é associado diretamente a nenhum partido autonomista (como a UPL ou PREPAL), apesar de ter sido republicado pela UPL, demonstrando que esse é um resgate feito pelo principalmente próprio público para além das instituições e partidos.

#### CAPTURA DE TELA 11 – Perfil de usuário no Twitter que utiliza a imagem de Urraca I



@UrracaReina. Publicação de 16/02/2020. Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/UrracaReina/status/1229108132720398336>. Acesso em 08/04/2023.

Assim, da mesma forma que há uma apropriação dos símbolos regionais de Castela e Leão, promovida pelo próprio parlamento da comunidade, também existe uma ação contrária que busca redefinir esses símbolos como leoneses. Isso envolve a tentativa de atribuir novos

significados às apropriações já estabelecidas. Podemos entender a apropriação, conforme apresentado por Chartier (2002, p. 23-25), como o processo pelo qual a imagem da rainha é recebida e, em seguida, reinterpretada no contexto da internet, conferindo-lhe um novo sentido.

### **Conclusão do capítulo**

No processo de criação da Comunidade Autónoma de Castela e Leão, tanto leoneses quanto castelhanos demonstraram um compromisso maior em preservar a Espanha como uma nação unificada. Eles fizeram isso ao eleger partidos como a UCD (Unión de Centro Democrático) e o PSOE (Partido Socialista Operário Espanhol), que tinham como proposta manter a Espanha unificada, sem suprimir as diferenças regionais em um centralismo excessivo. Esse compromisso com a unidade nacional prevaleceu sobre o desejo de criar movimentos autônomos ou até mesmo separatistas em suas respectivas regiões.

Essa falta de um movimento identitário regional com amplo apelo entre a população leonesa e castelhana contribuiu para a falta de interesse em criar comunidades autônomas independentes.

Como foi demonstrado, é somente no tempo presente que o leonismo começa a ser fomentado com mais afinco, seja dentro do jogo político, como também na internet. E essa criação de uma história leonesa (que é base para o regionalismo) busca na Idade Média, especificamente durante os reinados prósperos na campanha da reconquista, os seus símbolos e ícones. Essa retomada do período e conceito para criação de regionalismos e identidades remonta os seus usos para consolidação de nacionalismos, mas, diminui outros momentos importantes para a história leonesa que poderiam endossar ainda mais a campanha autonomista, a exemplo de todo o período que Leão foi uma região independente, como ocorre desde o Decreto Real de 1833 até 1983 com a criação da Comunidade Autónoma.

Urraca I é evocada dentro desse bojo de monarcas reconquistadores, como forma primária da construção desse regionalismo, que ocorre de maneira sutil pelos movimentos partidários – exaltando o período medieval e destacando quão as mulheres são valorizadas na história leonesa – mas fica visível por meio dos usuários da internet, seja por comentários em disputa ou por perfis partidários de Urraca em diversas redes sociais que funcionam como uma nova forma de criar uma história regional.

Ou seja, Urraca deixa de ser uma mera personagem da história medieval e passa a ser apropriada pelo presente. Sua representação na internet é um medievalismo que traz um novo significado no imaginário que se tem sobre uma rainha ao mesmo tempo que é utilizada como forma de consolidar essa identidade leonesa ou castelhana-leonesa.

Essa ação de resgate ocorre em resposta ao discurso já consolidado de soberania de Castela, que é visível em aspectos sutis – como o dia de Castela e Leão definido enquanto um dia importante para Castela (a Batalha de Villalar) – até os requisitados e ressaltados no site da UPL – como a língua oficial da comunidade ser o castelhano e a deterioração social e econômica da região.

Por fim, o questionamento que nos resta é: Uma vez que o reinado urraquiano não empreendeu ações reconquistadoras, por que a reconquista é evocada nos debates sobre Urraca?

Um primeiro motivo é porque, além da importância do momento para a identidade espanhola, seu reinado é repleto de conflitos principalmente contra Alfonso I de Aragão. Embora esses conflitos não tenham se traduzidos em conquistas territoriais significativas, eles são exaltados como exemplos de resistência da rainha e consolidação dos reinos leonês e castelhano frente a Aragão. Portanto, mesmo que não tenha sido uma fase de expansão territorial, o período é visto como crucial para a estabilidade e unificação dos reinos sob o governo de Urraca.

No entanto, o motivo principal para o resgate e disputa em torno da figura de Urraca está relacionado ao fato de ela ser considerada a primeira rainha da Península Ibérica, e em alguns casos, até mesmo imperatriz, como evidenciado na CAPTURA DE TELA 7. Isso fica claro quando comparamos com vídeos e publicações similares sobre os reis Alfonso VI e Alfonso VII, nos quais os debates entre leonesistas e castelhano-leonistas não são tão intensos ou frequentes, pois esses reis não têm o mesmo simbolismo em relação à questão de gênero e liderança feminina na história da Península Ibérica.

Como exemplo temos o vídeo *Boda de Alfonso VI y la Mora Zaida (Año 1100) Pasajes de la historia (La rosa de los vientos)*, publicado por Raúlz em 16 de setembro de 2016 (CAPTURA DE TELA 9). A publicação tem moldes similares a de Urraca, que também tem narração provida do programa de rádio *La rosa de los vientos*, e apresenta em sua descrição e na narração do vídeo Alfonso VI enquanto rei somente de Castela. Neste vídeo até 05 de abril de 2023 não havia nenhum comentário reivindicando Alfonso VI enquanto rei leonês. Fenômeno que também é possível de observar em outros vídeos de Alfonso VII. Mesmo quando os reis são intitulados somente castelhanos, não há grandes embates na área de comentários.

**CAPTURA DE TELA 12** – Vídeo *Boda de Alfonso VI y la Mora Zaida (Año 1100) Pasajes de la historia (La rosa de los vientos)* do canal do Youtube Raúlz

**BODA DE ALFONSO VI Y LA MORA ZAIDA (Año 1100) Pasajes de la historia (La rosa de los vientos)**

The screenshot shows the YouTube interface for a video. At the top, the channel name 'Raúlz' is displayed with a subscriber count of '176 mil inscritos' and a red 'Inscrever-se' button. To the right are icons for likes (189), comments, and a share button labeled 'Compartilhar'. Below this, a description box contains the text: '24.893 visualizações 16 de set. de 2016. Capitulo completo de la serie "Pasajes de la historia", sección del programa "La rosa de los vientos" dedicado a la boda de Alfonso VI de Castilla y la mora Zaida (Año 1100), todo el merito es de su director y locutor J.A. Cebrian, d.e.p.' and a 'Mostrar menos' link. Below the description, the license is listed as 'Licença de atribuição Creative Commons (reutilização permitida)'. At the bottom, it shows '9 comentários' and an 'Ordenar por' menu.

**RAÚLVZ. Boda de Alfonso VI y la Mora Zaida (Año 1100) Pasajes de la historia (La rosa de los vientos)** 16/09/2016. (08min52seg). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Af2VmzN2eUM>> Captura de Tela feita em: 05/04/2023.

O que nos faz perceber que o grande resgate de Urraca dentro dessa criação de uma história leonesa ocorre justamente por ser rainha, ou seja, mulher. Urraca I enquanto primeira rainha e sendo somente leonesa, a coloca em destaque frente a figuras como Berenguela e Isabel (1451-1504) de Castela outras personas femininas importantes para a história espanhola. Assim, se torna cada vez mais claro que a representação partidária de Urraca é permeada por uma visão genderificada da sociedade e isso será esmiuçado no capítulo 3 desta dissertação.

### CAPÍTULO III

## O RESGATE DE UMA “FEMINISTA” MEDIEVAL

As representações de Urraca I nos *softwares* sociais possuem um valor significativo. Como apresentado nos capítulos anteriores desta dissertação, sua história se insere em um debate político contemporâneo na Comunidade Autônoma de Castela e Leão, em que o seu pertencimento (seja enquanto rainha somente leonesa ou castelhano-leonesa) se encontra em disputa nas redes, principalmente nos comentários em vídeos do Youtube, nos quais a história medieval é utilizada de diversas formas para corroborar com um ponto ou outro.

Porém, como visto na conclusão do capítulo 2, seu resgate vai além do período histórico medieval – já utilizado como basilar para a construção de uma identidade espanhola. Analisada comparativamente nos *softwares* sociais a outros reis do mesmo período e que também reinaram sob Leão e Castela, é possível notar que o mesmo tipo de conflito não ocorre. O que nos leva a crer que o seu gênero tem um valor crucial nessa contenda.

#### CAPTURA DE TELA 13 - Publicação no blog *El Arte de la Historia*

---

Doña Urraca, primera reina de Castilla. Una mujer maltratada.

★★★★☆ 85 Votos



La reina Urraca de León y de Castilla fue la **primera mujer que ejerció de forma efectiva el papel de reina “propietaria” en España** (entendiendo España como el territorio ocupado por los distintos reinos cristianos ibéricos durante la Edad Media, de la misma forma que entendieron este concepto los que vivieron esa época), y se trata de un personaje verdaderamente insólito en la Historia del medioevo hispánico, por su condición femenina y por la incidencia que tuvo en los hechos históricos de su época como por las controversias que su persona ha generado después. Sufrió el maltrato físico y psíquico de su marido e incluso de sus súbditos, pero demostró también una fuerza y una determinación indomable que la llevó a ser de

nuevo maltratada por al Historia.

---

ARROYO MARTÍN, Francisco. Doña Urraca, primera reina de Castilla. Una mujer maltratada. **El Arte de la Historia**. 13/10/2010. Disponível em: <https://elartedelahistoria.wordpress.com>. Acesso em 27/04/2021

Isso se torna mais claro ao nos afastarmos do debate político partidário leonês e observarmos os diversos tipos de representação em outros ambientes virtuais. Uma das publicações mais antigas encontradas sobre a rainha se trata do texto *Doña Urraca, primera*

*reina de Castilla. Una mujer maltratada.* (CAPTURA DE TELA 13) de Francisco Arroyo Martín postado em seu blog *El Arte de la História* em 2010.

Para extrair dados de blogs e postagens em canais de notícias, foram feitas pesquisas nos sites <https://www.google.com> e no <https://www.google.es>, obtendo resultados tanto do Brasil quanto da Espanha. Foi utilizado o termo “urraca i”, sendo recolhidas para análise publicações de blogs e portais de notícias presentes nas duas primeiras páginas do Google, totalizando as 25 primeiras encontradas e analisadas nesta pesquisa.

Como é possível inferir por declarar em seu título Urraca como rainha somente castelhana, este *post* possui 50 comentários que debatem sobre como a rainha deve ser intitulada, sendo a primeira observação feita em 2015 e a mais recente publicada em 2020. Os debates ocorrem principalmente entre partidários de uma Urraca de Leão, sendo somente dois em defesa de uma Urraca de Galiza, e são rebatidos pelo autor da publicação que responde a todos. Chegando a concluir o debate em explicação realizada em 22 de outubro de 2018, que está embasada em numerosas referências bibliográficas de historiadores prestigiosos, afirmando que Urraca é rainha castelhana e finalizando ao dizer que o objetivo do seu artigo é ressaltar os maus tratos que ela sofreu pela violência machista (CAPTURA DE TELA 14).

**CAPTURA DE TELA 14 - Comentário na publicação *Doña Urraca, primera reina de Castilla. Una mujer maltratada* do blog *El Arte de la Historia***

Francisco Arroyo  
Martín  
22 octubre 2018



Estimada Elena, respecto a este tema de las titulaciones reales —en muchos casos más falsas que una moneda de 3,50, sin ir muy lejos Felipe VI de España se intitula, entre otras cosas, como rey de Cerdeña, del Algarbe, de Gibraltar e incluso de ¡Jerusalén!—creo que es un tema suficientemente debatido en los comentarios del post (que te recomiendo leer en caso de que no lo hayas hecho). En las respuestas dejo numerosas referencias bibliográficas, de autores de indudable prestigio historiográfico, donde se afirma que Urraca I fue reina titular de Castilla. Tan solo puntualizar que estas referencias se utilizan con el mismo rigor que el empleado en la cita de Alfonso el Batallador. Por último, resaltar que el objetivo principal de post era resaltar el maltrato al que se vio sometida esta mujer y cómo esa lacra de la violencia machista, por desgracia, aún pervive en nuestro país y en el resto del mundo. En cualquier caso agradecerte sinceramente tu aportación.

ARROYO MARTÍN, Francisco. *Doña Urraca, primera reina de Castilla. Una mujer maltratada.* **El Arte de la Historia.** 13/10/2010. Disponível em: <https://elartedelahistoria.wordpress.com>. Acesso em 27/04/2021

Como é visível na CAPTURA DE TELA 13 o artigo de Arroyo Martín tem como objetivo tratar a condição feminina da rainha Urraca enquanto primeira proprietária da Espanha (entendendo proprietária enquanto rainha que exerce o poder, como o próprio explica nos comentários) e como ela sofreu por essa “desgraça de violência machista” (CAPTURA DE TELA 14). Para além dos debates leoneses e castelhanos a maioria das publicações sobre a

monarca seguem o mesmo viés apresentado pelo autor do texto, ela é continuamente difundida por seu gênero, por ser uma exceção no período medieval.

Nestas diversas postagens são ressaltadas as características que se aproximam muito mais com as demandas do presente do que os fatos do passado. Por exemplo, a rainha é regularmente divulgada como arquétipo de mulher que sofreu e sobreviveu à violência de gênero – como apresentado nas CAPTURA DE TELA 13 e 14 e presente em diversas outras publicações (CERVERA, 2019; LOPEZ, 2019; FLORIAN YUBERO CAÑAS, 2011) –, algo que está sendo constantemente debatido na atualidade.

Foi em busca de como Urraca I é representada nos *softwares* sociais de 2010, data da publicação de Arroyo Martins, a 2022, fim da nossa coleta de dados, que encontramos outros olhares sobre Urraca I, partes do grande mosaico que é o imaginário que se tem sobre uma rainha da Idade Média.

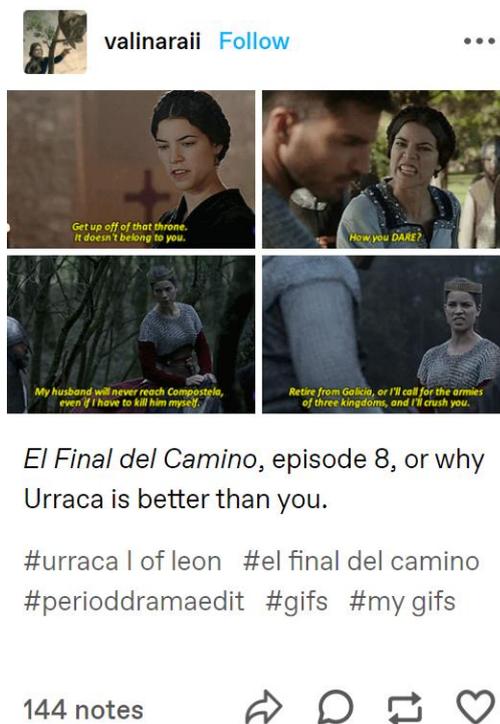
Dividido em pequenas partes, esse imaginário contém: conceitos arraigados sobre o que é ser mulher no período medieval, geralmente retratada como um ser completamente submisso; uma influência midiática que atende à demanda atual e mostra personagens ficcionais fortes; e ideologias políticas que podem utilizar de uma mesma história para criar visões diferentes e defender ideais diferentes.

Com esses conceitos e demandas em mente detalharemos as outras diversas formas de representação da rainha presentes nos *softwares* sociais. De uma rainha forte e “feminista” medieval a uma vítima de abusos e ingênua, de um estandarte para movimentos autonomistas a foto de usuário para um perfil de extrema direita centralista, dentre as diversas facetas da Urraca atual, tentamos encontrar um denominador em comum: se de fato ela seria considerada uma feminista e por quais movimentos sociais do presente essa associação é realizada.

### **3.1 - Urraca *la temeraria***

Nos *softwares* sociais que vão muito além da Espanha, Urraca é frequentemente relembrada com base nos anseios do presente. Com a imagem de uma rainha medieval forte em mente, influenciada por exemplos fantasiosos, internautas vão à procura de personalidades reais que inspiraram essas personagens fictícias. E assim diversos deles encontram a história da monarca ibérica que contada no cyberspaço se distancia dos fatos históricos e se aproximam da ficção. Como ocorre por exemplo na CAPTURA DE TELA 15, na qual Urraca é apresentada com base em uma personagem de uma série que mistura ficção com realidade histórica:

**CAPTURA DE TELA 15-** Publicação de uma cena da série *El Final del Camino* (RTVE) na conta do Tumblr valinaraii



VALINARAI. *El Final del Camino*, episode 8, or why Urraca is better than you. 02/03/2017 **Tumblr**. Disponível em: <https://valinaraii.tumblr.com/post/157899905746/el-final-del-camino-episode-8-or-why-urraca-is>. Acesso em 30/03/2023.

Este *print* provém da rede social Tumblr<sup>1</sup> e apresenta com quatro *gifs* animados<sup>2</sup> partes do oitavo episódio da série *El Final del Camino*, lançada pela RTVE, em 2017. A minissérie retrata a construção da Catedral de Santiago de Compostela, possuindo como personagens Alfonso VI, Constança de Borgonha, o arcebispo Diego Gelmírez e em seus últimos episódios Urraca I e Alfonso I de Aragão. Demonstrando uma rainha Urraca I que brada e briga para estar ao trono, com diversos conflitos com o arcebispo e com o aragonês. Como o objetivo desta dissertação são as representações da rainha nos *softwares* sociais não detalharemos como ela é retratada na produção da RTVE, mas sim, as reações percebidas no espaço virtual.

Na CAPTURA DE TELA 15 temos a monarca, interpretada pela atriz Patricia Peñalver, declarando as seguintes frases para/sobre o seu marido Alfonso I: “Saia deste trono, ele não pertence a você”; “Como se atreve?”; “Meu marido nunca chegará a Compostela, nem que eu tenha que matá-lo eu mesma.”; “Se retire da Galícia, ou chamarei os exércitos dos três reinos,

<sup>1</sup> O Tumblr é uma plataforma que permite aos usuários publicarem textos, imagens, vídeos, gifs, links, citações áudios e diálogos, como se agregasse diversos blogs em uma rede social. Site: [www.tumblr.com](http://www.tumblr.com).

<sup>2</sup> *Gif* é um formato de imagem compacto e por isso de fácil carregamento. E *gif* animado é composto por várias imagens *gif* sequenciadas em um arquivo só, ao emular um vídeo, as vezes sendo feito a partir de quadros de um vídeo. A partir daqui, usaremos o termo *gif* para nos referirmos a *gif* animado, como é popularmente conhecido.

e irei esmagar você.”. Como apresentado no capítulo 1 desta dissertação, a rainha de fato entrou em conflitos com seu segundo esposo, porém, é dentro do contexto do século XXI que as suas atitudes deixam de ser atos de imprudência como foram relatadas a muito tempo e são apresentadas como uma ação firme.

Esse novo olhar sobre a Urraca que a série trouxe, a apresenta para um novo público e gera reações na internet como a desta publicação (CAPTURA DE TELA 15), na qual o *user valinaraii* declara: “*El Final del Camino*, episódio 8, ou porque Urraca é melhor do que você”, dando um novo título para o episódio, ressaltando a atitude da rainha. Essa publicação possui 1 comentário, 46 republicações e 97 curtidas, sendo uma das postagens dentro da rede social Tumblr, com maior reação dos outros usuários e que também foge do escopo comum de *posts* sobre a monarca por estar em inglês.

**CAPTURA DE TELA 16** - Publicação de uma cena da série *El Final del Camino* (RTVE) na conta do Instagram @historialistas



HISTORIALISTAS. [Hoje na História]. Instagram. 08/03/2020. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B9fC\\_wQDH2x/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B9fC_wQDH2x/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em 27/10/2020

Seguindo este mesmo padrão apresentado com a captura anterior temos a CAPTURA DE TELA 16. Realizada na rede social Instagram,<sup>3</sup> esta imagem foi publicada por um perfil brasileiro que se dedica a divulgar filmes, séries e novelas históricas. A pesquisa realizada no

<sup>3</sup> O Instagram é uma rede social de compartilhamento de fotos e vídeos entre usuários. Site: <https://www.instagram.com>

Instagram foi limitada pela própria plataforma que não permitiu a busca por palavras sem estarem associadas a cerquilha (#), assim se a publicação não colocou a #, não foi possível encontrá-la, diferente das outras plataformas.

A imagem em questão (CAPTURA DE TELA 16) trata-se de um *post* que também apresenta uma parte do episódio 8 da série, em que uma terceira pessoa declara que a rainha está obcecada por manter o trono e que não pode demonstrar sinais de fraqueza. Em sua descrição, o usuário explicita um resumo da história da rainha Urraca I, com base em algumas referências bibliográficas apresentadas na própria descrição, expondo os maus-tratos durante o casamento com Alfonso I e os amantes após este casamento, concluindo o texto com a seguinte frase “Ela foi uma mulher que defendeu sozinha e com muita coragem uma posição que, como mulher, teve que lutar para manter durante todo o seu reinado” (HISTORIALISTAS, 2020). Na imagem que é uma edição da série de TV vemos a rainha entre seus súditos confortável em sustentar a coroa.

Nesta publicação o fato da monarca ser uma mulher exercendo o poder é ressaltado tanto com a imagem e texto quanto com a data da publicação 08 de março de 2020. Ela morreu em 08 de março de 1126, porém além de ser sua data de morte atualmente dia 08 de março é considerado o Dia Internacional da Mulher. Sendo a coincidência um motivo para ela ser bastante publicada no dia.

Essa associação ao Dia da Mulher ocorre com maior frequência no Facebook,<sup>4</sup> onde na primeira pesquisa de dados não foram encontradas muitas publicações sobre a rainha, porém no levantamento feito em 2022 diversas citações foram encontradas justamente nos dias 08 de março dos anos anteriores, muitas vezes republicações dos mesmos textos e fotos que já haviam sido postados, mas sem associar a rainha ao seriado, mas sim apresentando quadros seus como parte imagética.

Assim as redes sociais se diferem em seus conteúdos sobre a rainha, sendo o Instagram e Tumblr associados à personagem de Patrícia Peñalver, enquanto o Facebook segue um viés mais histórico ao apresentar mais pinturas oficiais. O Youtube aborda todas essas facetas, mas principalmente o aspecto político associado ao pertencimento de Urraca, ao passo que o Twitter se insere no campo partidário da representação, mas não somente na questão *leonesista*, como logo será esmiuçado.

No Youtube é possível encontrar produções que apresentam a história da rainha de forma documental, como é o exemplo de *Urraca I, primera reina europea* (TELEVISIÓN DE

---

<sup>4</sup> A rede social Facebook é focada em perfis onde é possível publicar textos, fotos, vídeos. Site: <https://www.facebook.com>

CASTILLA Y LEÓN, 2013) detalhado no capítulo II desta dissertação, mas também existem edições dos episódios 7 e 8 da série *El Final del Camino*, somente com destaques de Urraca I.

Um exemplo dessas montagens é a produção visual *Urraca I de León - Victory* (CAPTURA DE TELA 17), trata-se de cortes de poucos segundos dos episódios editados para ressaltarem uma cor só a cada cena, ou com modificações de espelhamento (como demonstrado na capa do vídeo na CAPTURA DE TELA 17), como se resumissem a série em partes de cenas da rainha, sem falas, somente com uma música de fundo. A obra possui 22 mil visualizações e foi publicado dia 18 de março de 2017 e o comentário mais recente foi realizado em 2022.

#### CAPTURA DE TELA 17 – Vídeo *Urraca I de León - Victory* do canal do Youtube

Pomegranatelady



#### Urraca I de León - Victory

22 mil visualizações • há 6 anos



Pomegranatelady

Urraca I (1079 – 1126) was the eldest su

POMEGRANATELADY. **Urraca I de León - Victory**. 18/03/2017. (03min52seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Av6lkgiYmrs>> Captura de Tela feita em: 30/03/2023.

#### CAPTURA DE TELA 18 – Comentário no vídeo *Urraca I de León - Victory* do canal do Youtube Pomegranatelady



adini\_at há 2 anos

I added the series to the list after this video! But I'll be glad to hear why is it worth seeing? Urraka is a beauty!



2



Responder



• 4 respostas



Pomegranatelady há 2 anos

Thanks. Urraca was a woman who broke molds in her time. She was indomitable, cunning, and free. This series is entertaining, I really liked it. This series is set in a period of our history, mixes fictional and real characters, but Urraca's story is not well told. The writers put her as a villain and she wasn't a devil.



Responder

POMEGRANATELADY. **Urraca I de León - Victory**. 18/03/2017. (03min52seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Av6lkgiYmrs>> Captura de Tela feita em: 30/03/2023.

Em sua descrição (CAPTURA DE TELA 17) há um resumo da vida da rainha e nos comentários (CAPTURA DE TELA 18), uma defesa a ela. Um usuário afirma querer assistir ao seriado por causa da publicação, mas questiona a *Pomegranatelady* porque valeria a pena vê-lo, sendo respondido da seguinte forma: “Urraca foi uma mulher que quebrou os padrões em sua época. Ela foi indomável, astuta e livre. Essa série é divertida, eu realmente gostei dela. Essa série se passa em um período da nossa história que mistura personagens fictícios com

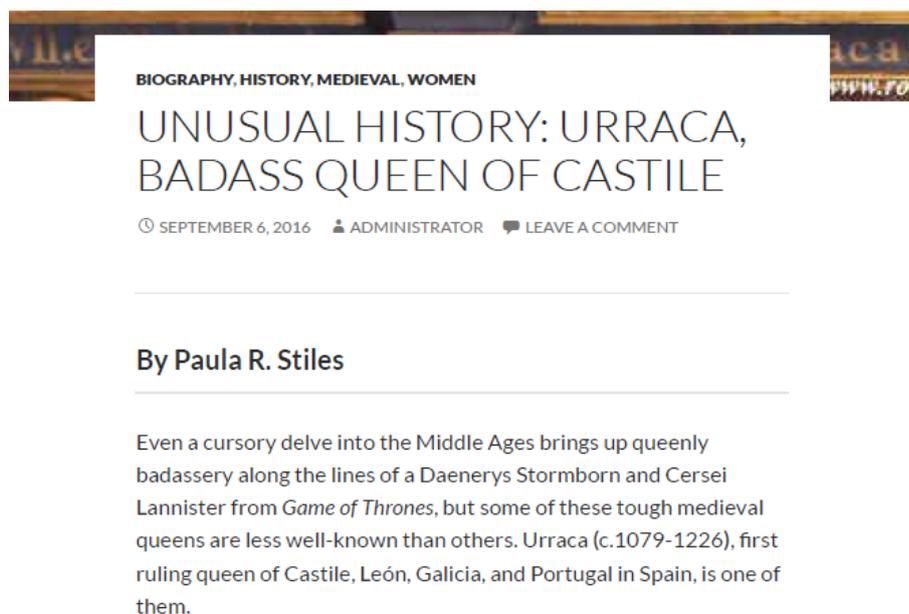
reais, mas a história da Urraca não foi bem contada. Os escritores (da série) a colocaram como vilã e ela não era malvada”.

Demonstrando que apesar da produção da RTVE não ser sobre a história da rainha, sua personagem chamou atenção e fez com que alguns espectadores pesquisassem sua biografia para além da visão apresentada no programa de TV. Isso é demonstrado por meio da *hashtag* #urraca i of leon pesquisada no Tumblr, na qual das 25 publicações sobre Urraca I de Leão (e não Urraca de Zamorra ou compilados com outras rainhas) 14 delas contam com *gifs* ou imagens da atriz Patrícia Peñalver interpretando a monarca, sendo essas as mais republicadas.

A série abre a história da monarca para um novo público, que talvez já procurasse uma presença feminina forte na Idade Média e isso reflete em como a personagem é apresentada nos *softwares* sociais.

As representações da rainha com base no seriado passaram a ocorrer após sua estreia em 2017, mas antes disso já havia associações da história da Urraca com personagens fictícios. Como nesta publicação, uma das primeiras a aparecer na coleta de dados realizada no google.com em 2020:

**CAPTURA DE TELA 19** – Publicação no *blog The Historical Meow* por Paula R. Stiles



STILES, Paula R. Unusual History: Urraca, Badass Queen Of Castile. **The Historical Meow**. 06/09/2016. Disponível em: <<https://thesnowleopard.net/thehistoricalmeow/2016/09/06/unusual-history-urraca-badass-queen-of-castile/>> Acesso em 27/10/2020.

O texto da CAPTURA DE TELA 19 escrito por Paula R. Stiles, está em inglês, tem como referências *The Kingdom of León-Castilla under Queen Urraca* (1109-1126) de Bernard F. Reilly e *La Reina Urraca* de M<sup>a</sup> del Carmen Pallares Méndez e Ermelindo Portela e apresenta a história de Urraca recheada de gírias, aproximando suas atitudes com o tempo presente,

chegando a comparar seu reinado ao de Eleanor de Aquitânia (1122 – 1204), uma rainha medieval mais conhecida entre o público estadunidense/inglês. Mesmo com linguajar informal, o texto apresenta fatos importantes sobre a rainha e analisa como ela utilizou de alianças para manter o seu reinado, principalmente quando se recusou a casar-se novamente após o divórcio com Alfonso I de Aragão.

Apesar de possuir fontes acadêmicas, o texto é bastante parcial e assume constantemente o partido da rainha em frente à adversidades apresentadas. Demonstrando logo em seu subtítulo, *Badass queen of Castile*, que em tradução direta seria a “durona” rainha de Castela, qual é o tom que o texto trará. Além de realizar uma comparação com personagens fictícios logo em sua primeira frase e concluir o artigo com a seguinte sentença: “Urraca não precisava de nenhum homem para dominá-la e ela passou a maior parte da segunda metade de sua vida garantindo que nenhum homem jamais o faria novamente” (STILES, 2016, tradução nossa).<sup>5</sup>

As personagens fictícias comparadas a Urraca I são Daenerys Stormborn e Cersei Lannister da saga de livros “Crônicas de Gelo e Fogo” escrita por George R. R. Martin, sendo adaptada para a televisão por meio da série *Game of Thrones* do canal HBO. É uma série de fantasia, mas que não deixa de retratar um imaginário que o público atual tem sobre o passado. Como relatam Khyara Fortanini, Maria Nery e Lukas Grybowski, ao falarem sobre as personagens femininas das series *Vikings* e *Game of Thrones*:

Personagens mulheres nas duas séries podem ser vistas como fortes, guerreiras e colocadas em posição de igualdade com os homens, as fontes contudo não corroboram com esta descrição. A igualdade é uma ideologia do presente, a transposição deste assunto para o passado torna a série mais interessante para o público, que vê nelas questões, esperanças e reivindicações do seu tempo. (FORTANINI; NERY; GRYBOWSKI, 2017, p. 486)

Comparar a figura da rainha com tais personagens e contextualizar sua trajetória histórica, realçando sua resiliência e força, proporciona uma perspectiva das reivindicações contemporâneas em relação ao passado. No caso específico de Urraca I, uma monarca que buscou exercer autoridade em seus domínios, mesmo em um relacionamento que, nos parâmetros atuais, seria caracterizado como abusivo, que manteve relações extraconjugais, e que enfrentou desafios significativos na consolidação de seu reinado, tais narrativas a projetam como uma figura de considerável poder e em pé de igualdade com os homens de sua era. Sendo assim descrita como governando “como um rei”, como afirmado explicitamente por Paula R. Stiles:

---

<sup>5</sup> Original: “Urraca didn’t need any man to dominate her and she spent most of the latter half of her life ensuring that no man ever would again.”

O que é interessante (e uma indicação de quão poderosa e governante habilidosa ela realmente deve ter sido) é que ela foi capaz de fazer isso [manter amantes], **igual a um rei**, para fortalecer seu governo, ao invés de ser forçada a viver em viuvez celibatária para evitar prejudicar ela e a base de poder de seu filho (STILES, 2016, tradução nossa, grifo nosso).<sup>6</sup>

Esse tipo de comparação também ocorre em outras publicações, como por exemplo na CAPTURA DE TELA 20, o artigo publicado dia 14 de março de 2020 no site *XL Semanal* intitulado *Urraca I, la reina que luchó contra el machismo para conservar la Corona*, no qual em seu subtítulo José Segovia afirma que a rainha Urraca I governou com a mesma firmeza que um homem, mas por ser mulher foi criticada.

Este texto (CAPTURA DE TELA 20) apresenta a história da monarca de forma resumida: ressalta a sua força, declara que a escolha de anular seu segundo casamento veio de Alfonso I de Aragão após Urraca apoiar o partido de Alfonso VII e afirma que ela governou com uma “firmeza de um homem” justamente ao citar suas relações com Pedro González de Lara, concluindo ao declarar que ela foi criticada por ter amantes justamente por ser mulher.

**CAPTURA DE TELA 20** – Publicação no site *XL Semanal* por José Segovia



**La reina Urraca I de León gobernó con la misma firmeza que un hombre. Pero era mujer, y por eso la criticaron... Por José Segovia**

SEGOVIA, José. Urraca I, la reina que luchó contra el machismo para conservar la Corona. *XL Semanal*. 14/03/2020. Disponível em: <<https://www.xlsemanal.com/conocer/historia/20200314/dona-urraca-primera-reina-historia-espana.html>>. Acesso em 30/03/2023.

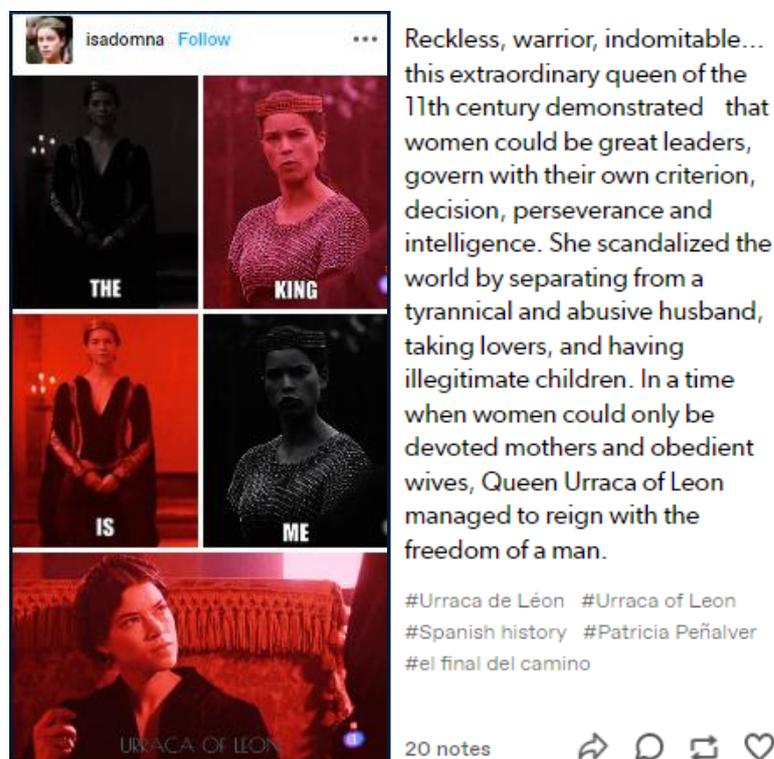
Essas comparações do reinado urraquiano com um reinado masculino parece se fundamentar a uma frase proferida por ela mesma. Segundo algumas publicações encontradas na extração dos dados, a própria Urraca proferiu a frase “O rei sou eu” em uma discussão com Alfonso I. Não encontramos nenhuma prova disso nas fontes medievais analisadas (*Historia Compostelana*, *Crônicas Anónimas de Sahagún*), nem no material historiográfico. Porém não

---

<sup>6</sup> Original: “What’s interesting (and an indication of how powerful and skillful a ruler she truly must have been) is that she was able to do this, just like a king, to strengthen her rule, rather than be forced to live in celibate widowhood to avoid harming her and her son’s power base.”

deixa de ser uma frase repetidamente atribuída a ela, em diferentes publicações com imagens da série *El Final del Camino* (CAPTURA DE TELA 21) e artigos em *blogs* (MARTÍNEZ-FORNÉS, 2014; DE CASO ESTÉBANEZ, 2020).

**CAPTURA DE TELA 21-** Publicação de uma cena da série *El Final del Camino* (RTVE) na conta do *Tumblr* *isadomna*, em inglês



ISADOMNA. Reckless, warrior, indomitable... 18/03/2023 **Tumblr.** Disponível em: <https://isadomna.tumblr.com/post/712089912045862912/reckless-warrior-indomitable-this-extraordinary>. Acesso em 30/03/2023.

Nesta publicação (CAPTURA DE TELA 21), tanto a edição de imagens em *gifs* que alternam em tons de cinza e vermelho que mostram momentos de Urraca com raiva ou em satisfação por estar reinando, quanto o texto, apresentam essa ideia de uma rainha poderosa por estar em posição de homens da época, principalmente por ter conseguido reinar “com a liberdade de um homem” (ISADOMNA, 2023) como afirma ao fim da postagem.

Este post também ressalta outras características da monarca que são repetidas (CAPTURA DE TELA 15 e 19) ao intitulá-la como “Imprudente, guerreira e indomável”, apresentando a alcunha pela qual Urraca ficou conhecida – *la temerária* (a imprudente, tradução nossa) –, de forma positiva.

Para entender por que a rainha é reiteradamente associada a reis ou ao masculino nos *softwares* sociais e também como as suas características outrora negativas se tornam positivas, é importante fazer um adendo e analisar como o poder constantemente é associado a homens e como a literatura associada a Urraca já reforçou esse estereótipo.

### 3.1.1 - O poder e a rainha

Como relata Michele Perrot (2017, p. 177), o “poder”, no singular, tem uma conotação política que remonta uma figura central masculina, mas escrito no plural, ele se fragmenta a múltiplos poderes, influências, em que as mulheres atuam. Essa atuação feminina seria como um poder oculto (PERROT, 2017, p. 178), que age às escondidas, influenciando. Porém, essa representação do poder feminino enquanto fracionado passa por uma reavaliação com o advento dos estudos da História das Mulheres iniciados da década de 1960 e principalmente por intermédio do movimento feminista, que a princípio buscava heroínas, provas de ações femininas enquanto protagonistas, principalmente em aspectos políticos (SCOTT, 1992, p. 64), é onde podemos observar o poder exercido pelo gênero feminino para além dessa fragmentação.

Essa visão de um poder fracionado que não pertence ao feminino de forma centralizada interfere na forma como a monarca foi retratada na história. Após as crônicas de sua época, ela passa a ser cada vez mais relegada ao esquecimento, algo que Esther Pascua Echegaray relata como o momento que Urraca deixa de ser rainha e torna-se primeiramente mulher (2014, p. 138). Ser do gênero feminino dentro do imaginário medieval do século XIII era ser pecadora, a parte mais vulnerável do homem, e em alguns casos, um instrumento do diabo, tendo como referência bíblica a própria Eva (PASCUA ECHEGARAY, 2014, p. 137-138 & NASCIMENTO, 1997, p. 85-86).

Desta forma, mesmo que na *Historia Compostelana* e nas *Crônicas Anónimas de Sahagún*, a rainha seja retratada de maneira ambígua a depender dos interesses dos cronistas naquele momento (SANTOS, 2019, p. 36), nas crônicas medievais posteriores, ela se torna uma mera transmissora da herança de Alfonso VI para Alfonso VII, como descreve Pascua Echegaray:

Todas as fontes do século 13, da *Crónica Latina de los Reyes de Castilla* à *Primeira Crónica General*, compartilham esta visão. Tanto para Lucas de Tuy quanto para Jiménez de Rada, a rainha praticamente não existia na linha genealógica da coroa de Castela e Leão. Seu papel se reduzia a transmitir a herança de Alfonso VI, seu pai, a Alfonso VII, seu filho. O protagonista do período de Urraca é seu marido, Afonso I de Aragão, e qualquer intervenção da rainha é considerada ilegítima e um escândalo (PASCUA ECHEGARAY, 2014, p. 138, tradução nossa).<sup>7</sup>

Na Época Moderna a Urraca presente na literatura permanece sendo representada principalmente por meio dos estereótipos do que é ser mulher, deixando de ser associada aos

---

<sup>7</sup> Original: “Todas las fuentes del siglo XIII, desde la Crónica Latina de los reyes de Castilla hasta la Primera Crónica General, comparten esta visión. Tanto para Lucas de Tuy, como para Jiménez de Rada, la reina no existió prácticamente en la línea genealógica de la corona de Castilla y León. Su papel se redujo al de transmisora de la herencia de Alfonso VI, su padre, a Alfonso VII, su hijo. El protagonista del período de Urraca es su marido, Alfonso I de Aragón, y toda intervención de la reina se considera ilegítima y un escándalo.”

pecados de Eva, mas ainda ressaltando características superficiais, frágeis e mutáveis (PRUDENTE, 2017, p. 226). Posteriormente no século XIX, passa a ser retratada em romances, justamente por sua história incomum para o período medieval:

Os nacionalismos típicos do século XIX, assim como as variadas elucubrações então promovidas sobre as mulheres, fazem com que Urraca seja representada com o intuito de resgatar sua memória e – por que não? – a dos tempos medievais em que viveu. Os autores buscam nas imagens perpetradas pelas crônicas medievais os seus motes e, adaptando-as, criam novas caracterizações da rainha bem adequadas aos anseios novecentistas. Assim, “nossa protagonista atraiu a atenção de vários autores por sua vertente de mulher passional, mãe e esposa traída” (PRUDENTE, 2017, p. 227).

Neste período, seu gênero é constantemente evocado, seja em comparações negativas – ao associá-la a uma rainha tirânica e inconfiável; ou positivas – ao ser apresentada como vítima dos jogos políticos da nobreza castelhana e leonesa na época e também como a mãe cuidadosa de Alfonso VI, que assume o partido do filho contra Alfonso I de Aragão.

Já no século XX seguindo uma agenda nacionalista de resgate de grandes heróis espanhóis, a historiografia espanhola demorou a analisar Urraca I a partir de uma perspectiva de História das Mulheres. O franquismo, além de afetar o crescimento de regionalismos e a busca por uma história local, também atinge diretamente como a história da rainha Urraca mal foi explorada durante esse período, ou completamente ignorada.

Como relata Luísa Prudente (2017, p. 229-230), apenas os que viviam à margem da ditadura escreveram sobre ela e ainda assim a descreviam de maneira misógina. Assim, esse resgate da imagem da rainha feito pela historiografia e nos *softwares* sociais, é um movimento recente. Até a década de 1980 seria inimaginável pensar o reinado urraquiano de maneira profícua, uma vez que durante séculos ele foi analisado e divulgado por meio de uma ótica masculina que não via seu período de governança como algo positivo, como ressalta Gordo Molina, ao citar as alcunhas da rainha:

O retrato de Urraca I que nos chegou é distorcido por homens que não puderam ver os sucessos de uma rainha, atribuídos aos seus conselheiros, mas sim os erros e práticas de uma mulher "indomável" e "imprudente" no governo (GORDO MOLINA, 2008, p. 13, tradução nossa).<sup>8</sup>

Mas, esse quadro de esquecimento e, também, misoginia – uma vez que as críticas ao seu governo partiam principalmente de suas características femininas – no qual foi relegada a história de Urraca, passou a mudar durante a décadas de 1980 e 1990. Em 1982, foi publicado o primeiro estudo acadêmico somente sobre o governo de Urraca I, intitulado *The Kingdom of*

---

<sup>8</sup> Original: “El retrato de Urraca I que nos ha llegado es uno distorsionado por hombres que no pudieron ver los aciertos de una reina, achacados a sus consejeros, pero sí los desaciertos y prácticas de una mujer “indomable” y “temeraria” en el gobierno.”

*Léon-Castilla under Queen Urraca (1109-1126)* por Bernard F. Reilly (1925-2021) da Universidade de Princeton. E dentre diversos artigos e partes de livros nos quais a rainha passou a ser mais trabalhada, vemos finalmente uma virada na interpretação sobre o reinado urraquiano com o livro *La Reina Urraca* publicado em 2006 por Maria del Carmen Pallares e Ermelindo Portella, no qual os professores compararam os documentos eclesiásticos com os expedidos pela própria a fim de encontrar uma nova visão sobre a rainha, desmitificando estereótipos sobre seu reinado.

Desde então já foram publicadas diversas dissertações de mestrado e artigos sobre a rainha que seguem os mesmos passos de Maria Pallares e Ermelindo Portella e trabalham a história da Urraca principalmente mediante da perspectiva da História das Mulheres (CHAMOSO RAMOS, 2013; GRIJALBA PEÑA, 2017), como também com o uso da Teoria de Gênero (PRUDENTE, 2017) para analisar o governo de Urraca, indo além da sua história, mas considerando a relação entre os gêneros e os conflitos causados justamente pela diferença entre eles.

Assim, nas produções acadêmicas e romances produzidos de 1980 a 2023, as representações de Urraca não a apresentam mais como uma mulher que usurpou o poder, ou que foi uma mera vítima de manipulações de clérigos e nobres, e passa a ser estudada e representada como uma legítima detentora do poderio régio nos períodos que governou, ou que o dividiu com seu filho, Alfonso VII.

Porém o mesmo não ocorre nos *softwares* sociais, Urraca ainda é demonstrada lutando pelo poder, quebrando barreiras e o domando a força, como apresentado principalmente em suas associações com a série *El Final del Camino*. Essa forma de representar sua ascensão e manutenção no trono enquanto uma luta e posteriormente como uma associação ao masculino (CAPTURA DE TELA 19, 20 e 21) ocorre porque até hoje o poder centralizado ainda é associado ao masculino.

No imaginário popular quando se pensa alguém que detém autoridade geralmente se é relacionada a uma figura masculina, das atitudes, modos de vestir e falar, como Mary Beard pontua: “Não temos modelo para a aparência de uma mulher poderosa, a não ser que ela se pareça bastante com um homem” (BEARD, 2018, p. 63).

Assim, o modo como as mulheres alcançam o poder por vezes é representado como um rompante:

Sob todos os aspectos, as metáforas habituais que usamos para nos referir ao acesso feminino ao poder – “batendo a porta”, “invadindo a cidadela”, “quebrando as barreiras” ou apenas dando “um empurrãozinho” - sublinham a exterioridade feminina. As mulheres no poder são vistas como tendo

ultrapassado os limites ou se apossado de algo a que não tem direito (BEARD, 2018, p. 64).

Isso é observado tanto nas fontes medievais quanto nas representações contemporâneas. As atitudes de Urraca são retratadas como demonstrações de determinação para manter o controle sobre os reinos que herdou, frequentemente associadas a traços considerados masculinos. Essa representação atual não difere substancialmente das crônicas de sua época.

A principal divergência entre as crônicas e os *softwares* sociais é que atualmente sua luta para ser tratada igualmente é demonstrada como um aspecto positivo de sua história, diferente das crônicas e diversos outros textos (historiográficos ou literários) encontrados sobre ela. O codinome dado a rainha como forma de descreditar seu reinado, *la temeraria*, hoje se apresenta como símbolo de resistência. E saem de um anseio do presente de demonstrar as mulheres em posição de igualdade.

Todos esses aspectos aqui citados podem ser encontrados em um dos vídeos mais vistos sobre Urraca I no Youtube: *Urraca I de León, la reina temerária*, trata-se de um apanhado biográfico de Urraca. Com pinturas dos monarcas citados passando ao fundo, a narradora detalha a história da rainha dando ênfase ao seu casamento conflituoso com Alfonso I de Aragão. O vídeo foi publicado no dia 04 de maio de 2018 possui 313.965 visualizações e 599 comentários (no dia 05 de abril de 2023 às 18h (GMT-3)), destes comentários nem todos estão disponíveis.

A publicação não apresenta referências para os fatos narrados, mas expõe seus dados com um tom mais imparcial do que o textos de Paula R. Stiles (CAPTURA 18) e José Segovia (CAPTURA 19), sem assumir o partido da rainha, destacando também suas falhas não somente sua bravura. Atesta que Urraca não era como as mulheres de sua época (BIOPIC CHANNEL, 2018, 1m24s – 1m46s), mas diferente de todas as publicações analisadas, afirma que Urraca não queria ser rainha:

Urraca foi muito temperamental e passional, mas, não mediu bem seus passos, se deixava levar pelo momento e por seus impulsos. Ela não estava preparada para ser rainha, e mais, ela não queria ser rainha, mas apesar disso, com os problemas com seu marido e com sua irmã postiça, ela fez o melhor possível (BIOPIC CHANNEL, 2018, 15m09s – 15m30, transcrição e tradução nossa).<sup>9</sup>

Porém, apesar de declarar que ela não queria ser rainha, o vídeo também afirma que Urraca se auto declarou rei: “Diziam que sempre que alguém a desobedecia, ela gritava: O rei sou eu” (BIOPIC CHANNEL, 2018, 14m55s – 15m01s), demonstrando algumas inconsistências

---

<sup>9</sup> Original: “Urraca fue muy temperamental y pasional, pero no midió bien sus pasos se dejaba llevar por el momento y por sus impulsos ella no estaba preparada para ser reina, es más, ella no quería ser reina, pero pese a eso ya los problemas con su marido y con su hermanastra lo hizo lo mejor posible.”

em sua narrativa, como se a rainha apesar de não querer, tomou o trono de forma imprudente. O que difere dos elogios a sua garra presentes na maioria dos outros dados analisados.

Em momento algum o vídeo compara a história da rainha com séries fictícias, porém, o comentário mais curtido do vídeo em questão faz esta comparação:

**CAPTURA DE TELA 22** – Comentário do vídeo *Urraca I de León, la reina temeraria* do canal do Youtube BioPic Channel

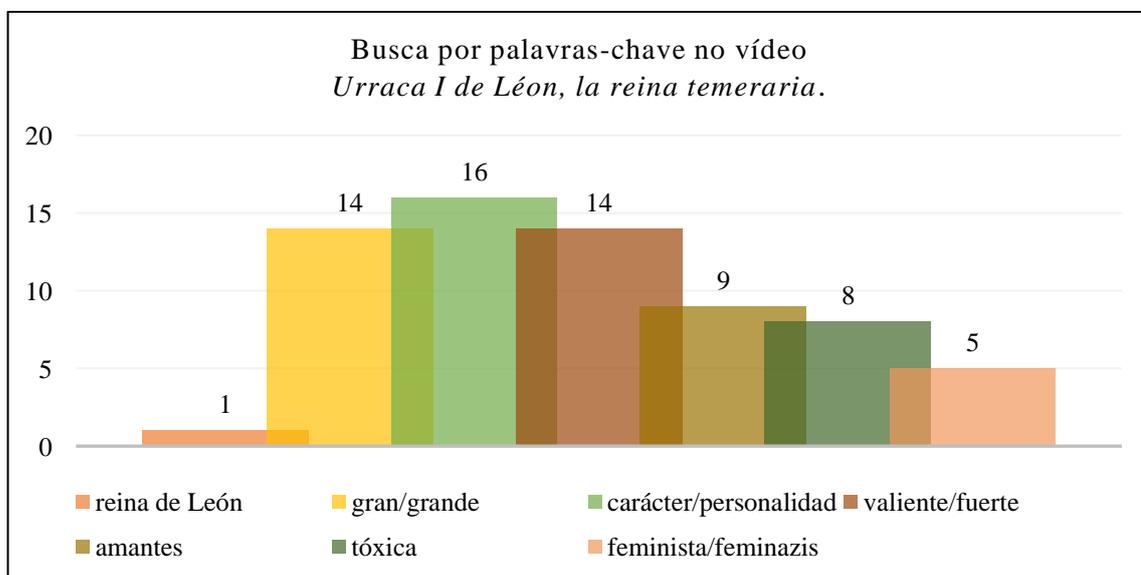


BIOPIC CHANNEL. **Urraca I de León, la reina temeraria**. 04/05/2018. (16min13seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fbw36YNmiJ4>>. Acesso em: 30/03/2023.

Neste vídeo, debates sobre Urraca ser de Leão ou Castela (como os apresentados em vídeos nos capítulos anteriores) não tem destaque, se resumindo a apenas um comentário. A grande maioria dos comentários elogiam a rainha (FIGURA 14).

Exaltam-na por ser uma grande rainha (9), ou ter uma grande história (5), também valorizam seu caráter (11), sua personalidade (5) e a consideram forte (9) / valente (5). Muitos comentários também apresentam uma defesa ao fato de ter vários amantes (9), assim como os homens daquela época. Alguns comentários colocam sua história do ponto de vista atual e atestam sua relação com Alfonso I de Aragão como um relacionamento tóxico (8), apesar de em momento algum isso ser dito no vídeo.

**FIGURA 14** – Histograma com palavras-chaves dos comentários do vídeo *Urraca I de León, la reina temerária* do canal BioPic Channel



Elaborado pela própria autora com base nos dados disponíveis em: BIOPIC CHANNEL. **Urraca I de León, la reina temeraria**. 04/05/2018. (16min13seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fbw36YNmiJ4>>. Acesso em: 30/03/2023.

O vídeo e seus comentários ilustram de que forma a quebra dos paradigmas tradicionais associados às mulheres medievais, caracterizadas como "servis e obedientes" (BIOPICT CHANNEL, 2018, 1m24s – 1m46s) é de interesse para determinados utilizadores das redes sociais. Este interesse é particularmente manifestado quando a história dessa mulher se assemelha ao imaginário ficcional de uma rainha medieval que desafia as convenções, demonstrando força e combatendo a sociedade patriarcal. Mesmo que o vídeo mencione que Urraca I não aspirava ao trono, esse fato é amplamente ignorado nos comentários, que em sua maioria a enaltecem e se entusiasmam com uma narrativa que desconheciam.

Com base nesse panorama, comprovamos que, embora o resgate da figura de Urraca I nas redes sociais não transmita necessariamente uma imagem positiva e unânime da rainha, seus interlocutores buscam um exemplo que corresponda às expectativas contemporâneas. Isso se reflete na associação da personagem a figuras fictícias como as de *Game of Thrones*, criando uma versão forte de Urraca I na série, ou na ênfase dada à sua relação abusiva com Alfonso I e seus casos extraconjugais ao contar sua história.

Ocorre em suas representações o mesmo que Maria Filomena D. Nascimento (1995, p. 83 - 84) denuncia sobre o início do movimento de “nova história das mulheres”, no qual, em busca da história da mulher acaba-se por olhar para o passado com perspectivas e necessidades do presente, ignorando sua realidade histórica:

Devemos ter bem presente que o feminismo é um fenômeno e uma preocupação circunscritos exclusivamente a um determinado período histórico. Fazemos esta advertência porque, ao ler algumas das obras recentes sobre este tema, muitas vezes se tem a sensação de que, mais do que uma preocupação em conhecer o passado, tenta-se moldar a realidade histórica às preocupações atuais de recuperação do prestígio feminino e de redefinição do papel da mulher. Dentro desta perspectiva, se observa a tendência de fazer comparações transculturais, como se existisse um *status* feminino permanente que se repetisse em todas as sociedades. [...] Na realidade, pode-se constatar que estas obras normalmente incorrem em graves anacronismos e generalizações, além de privilegiar o juízo de valores do autor em detrimento da construção histórica (NASCIMENTO, 1995, p. 83-84).

Sendo assim, a sua retomada atual faz parte de um imagético criado do presente sobre o passado, gerando um ícone feminista, como alguns comentários relatam (CAPTURA DE TELA 23), em uma época que o termo ainda não existia.

### **3.2 – Urraca, uma feminista para quem?**

Antes de explorarmos as associações de Urraca com o feminismo, é importante adquirir um entendimento básico desse movimento. O termo "feminismo" começou a ser usado por volta de 1911 para descrever uma ação de luta pelos direitos e liberdades das mulheres que ia além

do sufrágio. Neste contexto, o conceito de feminismo é considerado uma atuação que pode ser conduzida tanto individualmente quanto coletivamente, como Carla Garcia bem define:

Desse modo, o feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram objeto por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca da liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim. Partindo desse princípio, o feminismo se articula como filosofia política e, ao mesmo tempo, como movimento social (GARCIA, 2015, p. 3).

Assim, compreendemos o movimento feminista como várias organizações divididas em ondas,<sup>10</sup> com diversos tipos de ações através do mundo, mas todas com o objetivo comum de equidade entre os gêneros. A sua versão brasileira não segue a mesmas reivindicações e ordem cronológica da espanhola por exemplo, mas adotam uma linearidade parecida e atualmente estão em sua quarta onda, encontrando espaço de crescimento nos *softwares* sociais.

É no ambiente virtual, um espaço que não é totalmente dominado pela grande mídia, que organizações de minorias descobrem um lugar para divulgar e expandir suas iniciativas. Como relatam Diana Ribeiro, Conceição Nogueira e Sara Isabel Magalhães:

De acordo com Savietto (2015), por não terem representatividade justa nos grandes meios de comunicação, onde as narrativas são construídas e controladas pela dominação masculina, as mulheres são vítimas da marginalização e dos estereótipos. Já nas redes sociais presentes na internet, a exemplo dos blogs feministas, elas podem contar suas histórias; escrever, sob seus pontos de vistas, temas de interesse; divulgar iniciativas, além de criarem uma rede de comunicação que, em alguns casos, torna-se também uma rede de apoio. Ou seja, ao incluir a possibilidade de minorias se manifestarem, também as permitem se conectarem por algo em comum (RIBEIRO; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2021, p. 69-70).

Na internet observamos o crescimento de ações que não são novas, mas encontram novos adeptos e roupagens (RIBEIRO; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2021, p. 70). E com essa nova ascensão dos movimentos feministas urge a necessidade de encontrar exemplos femininos fortes na história. E assim Urraca se torna novamente um ícone do passado para uma questão atual. Mas, mesmo associada, não é um resgate realizado pelo movimento feminista, mas que seguem um olhar diferente do que seria ser feminista, na verdade essa correlação se mostra na contramão do feminismo.

---

<sup>10</sup> O termo *ondas* (ou *vagas*) é encontrado na literatura para referenciar a multiplicidade de tempos e lugares no agenciamento dos movimentos feministas. Tais ondas caminham de acordo com o processo sócio-histórico e trazem consigo posicionamentos, paradigmas e concepções ontológicas distintas. Elas representam uma espécie de linha do tempo, apresentando os avanços e as principais pautas de cada época (RIBEIRO; NOGUEIRA; MAGALHÃES, 2021, p. 59).

Isso fica observável nos comentários feitos no vídeo *Urraca I de León, la reina temeraria*. Cinco observações no vídeo a descrevem como feminista ou a associam ao movimento, como mostrado na FIGURA 14. Um comentário afirma que Urraca é a única feminista que já existiu na Espanha (CAPTURA DE TELA 23). Outros três comentários afirmam que ela serve como um exemplo a ser seguido pelas feministas. Por outro lado, um último comentário usa um termo pejorativo ("feminazi"<sup>11</sup>) e sugere que a ideia de feminismo está enraizada nos espanhóis de forma negativa (CAPTURA DE TELA 23).

**CAPTURA DE TELA 23** – Comentários do vídeo *Urraca I de León, la reina temeraria* do canal BioPic Channel

 **abraham suarez linares** há 2 anos  
lo feminazi los españoles lo tienen en el ADN  
  RESPONDER

 **Ventura Fernandez** há 3 anos  
Fue la primera mujer que reina de Occidente. Y la única feminista que ha existido en España.  
 1  RESPONDER

BIOPIC CHANNEL. **Urraca I de León, la reina temeraria**. 04/05/2018. (16min13seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fbw36YNmiJ4>>. Acesso em: 30/03/2023.

Os comentários que foram destacados representam apenas uma pequena amostragem em comparação as observações elogiosas feitas à rainha no vídeo em questão. No entanto, essa associação da história de Urraca I a ideologias contemporâneas, seja de forma positiva ou negativa, direta ou indireta, é uma tendência recorrente ao narrar a história dela. Isso pode ser observado não apenas nos comentários, mas também em textos como o de José Segovia, intitulado *Urraca I, la reina que luchó contra el machismo para conservar la Corona* (CAPTURA DE TELA 20), onde o autor faz analogias entre a luta de Urraca contra o machismo e debates contemporâneos, conectando a história medieval com questões atuais. Essa tendência é evidenciada nas capturas de tela 22 e 19, respectivamente, mostrando como essa associação a ideologias coetâneas é uma característica comum nas narrativas sobre a rainha Urraca I.

Um outro exemplo de como a história de Urraca é apresentada de acordo com as demandas do presente está no artigo *¿Fue Urraca I la primera víctima de maltratos que se conoce?* (CAPTURA DE TELA 24) escrito por Juan López, nele o leitor passa a conhecer a história de Urraca por meio de um alerta sobre a violência de gênero. O texto foi publicado em

---

<sup>11</sup> **Feminazi** (palavra-valise: "feminista" e "nazi") é um termo popularizado pelo radialista estadunidense Rush Limbaugh, usado pejorativamente para descrever adeptas do movimento feminista que são classificadas como extremistas ou radicais; argumentando que estas não desejam a igualdade mulher-homem (conforme a militância feminista dos direitos equânimes) (FEMINAZI, 2023).

29 de novembro de 2019, sendo dia 25 de novembro o Dia Internacional para Eliminação da Violência Contra as Mulheres.

No início do texto, López apresenta estatísticas que revelam um aumento nos casos de violência contra mulheres na Comunidade Autônoma de Castela e Leão. Ele então contextualiza esses dados, destacando que a violência de gênero não é um fenômeno novo em nossa sociedade. Para isso, recorre a citações de Georges Duby e Margarita Torres, que descrevem a condição das mulheres na Idade Média. O autor enfatiza que, tanto no passado quanto no presente, a violência de gênero pode ter consequências fatais.

López prossegue relatando os maus-tratos que Urraca I enfrentou, fazendo uma breve alusão ao testemunho de Margarita Torres. Segundo Torres, a rainha foi a primeira vítima documentada de violência em um casamento conhecido na história.

**CAPTURA DE TELA 24** – Publicação no site *Leon Noticias* por Juan López

## ¿Fue Urraca I la primera víctima de maltratos que se conoce?

Aunque el término 'violencia de género' es contemporáneo, los regímenes antiguos ya establecían diferencias dominantes entre hombre y mujer



LÓPEZ, Juan. ¿Fue Urraca I la primera víctima de maltratos que se conoce? *Leon Noticias*. 23/11/2019. Disponível em: <<https://www.leonoticias.com/leon/urraca-primera-victima-violencia-mujer-leon-20191123132825-nt.html>> Acesso em 30/03/2023.

Embora o texto não tenha afirmado que a rainha era uma pioneira no debate sobre gênero, os comentários dos leitores parecem interpretar ou inferir essa conexão entre a história de Urraca I e os movimentos contemporâneos. Assim, diversos comentários seguem o mesmo teor do apresentado abaixo:

**CAPTURA DE TELA 25** – Comentário 2020 publicado no texto *¿Fue Urraca I la primera víctima de maltratos que se conoce?* no site *Leon Noticias*



Jose Bama · registrado

Hace 3 años

La ideología de género provoca delirios como este. Si el dinero público fuera destinado a ayudar realmente a las víctimas en vez de sufragar estas tonterías, otro gallo cantarfa. Menos mirar al pasado y más al presente.

Responder

👍 0 | 🗨️ 0

LÓPEZ, Juan. ¿Fue Urraca I la primera víctima de maltratos que se conoce? *Leon Noticias*. 23/11/2019. Disponível em: <<https://www.leonoticias.com/leon/urraca-primera-victima-violencia-mujer-leon-20191123132825-nt.html>> Acesso em 30/03/2023.

Neste comentário (CAPTURA DE TELA 25) vemos críticas à então intitulada “ideologia de gênero”, com a afirmação de que o dinheiro público seria mais bem empregado apoiando vítimas de violência de gênero do que financiando essa perspectiva considerada absurda. O uso do termo "ideologia de gênero" neste contexto parece ser uma tentativa de desacreditar ou minimizar a discussão sobre a violência de gênero abordada no texto. É importante notar que esse termo é frequentemente associado a grupos conservadores de extrema-direita, como Luis Felipe Miguel (2021):

Esta agenda cristalizou, no debate público, o problema da chamada “ideologia de gênero”. Trata-se de uma banalização e desvirtuação da discussão teórica sobre “gênero”, termo que ganhou curso a partir dos anos 1970 para indicar a diferença entre, por um lado, o dimorfismo biológico da espécie humana e, por outro, os papéis sociais atribuídos a mulheres e homens. [...] Mobilizada por grupos conservadores, no entanto, a expressão “ideologia de gênero” significa exatamente o combate aos papéis estereotipados. Trata-se, assim, de uma ofensiva contra a desnaturalização dos papéis sociais de gênero (MIGUEL, 2021, p. 3).

Por fim, o jornal eletrônico em que o texto foi publicado, *Leon Noticias*, faz parte do grupo *Vocentro* de comunicação, tanto este jornal quanto diversos outros encontrados na extração de dados, como a revista eletrônica *XL Semanal* (CAPTURA DE TELA 20) e o jornal eletrônico *ABC* (CAPTURA DE TELA 26), fazem parte do grupo, que segundo pesquisa independente (GONZALO, 2016) está alinhado à direita, apoiando o partido *Ciudadanos* que está no espectro político de centro-direita e segue ideologias como liberalismo, europeísmo e nacionalismo espanhol, refletindo nos seus leitores que segundo a pesquisa (GONZALO, 2016) seguem o mesmo viés político.

#### CAPTURA DE TELA 26 – Publicação no site *ABC Historia* por César Cervera



The screenshot shows the top of a news article on the ABC Historia website. At the top left, there is a navigation menu icon and a yellow banner that says "Dos meses GRATIS" with a star icon and "Suscríbete ahora". To the right of the banner, the text "ABC Historia" is visible, followed by the article title: "Doña Urraca, la indomable Reina de León que no se dejó pisar ni maltratar por ningún hombre". Below the title, there is a short introductory paragraph in Spanish: "Trataron de menoscabarla su padre y sus maridos, pero no lo lograron, ni siquiera con violencia. La apodaron «La Temeraria», pero solo fue un mujer de una fortaleza inédita". At the bottom of the article preview, there is a video player with a play button and the text "Video 00:41".

CERVERA, Cesár. Doña Urraca, la indomable Reina de León que no se dejó pisar ni maltratar por ningún hombre. *ABC Historia*. 27/03/2019. Disponível em: <[https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219\\_noticia.html](https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219_noticia.html)>. Acesso em 30/03/2023.

Porém, mesmo sendo de um jornal de um grupo midiático vinculado à direita, ainda recebe críticas ao publicar sobre a história de Urraca associando a debates atuais, algo que é

bem mais nítido no artigo de portal de notícias com o maior número de comentários daquelas encontradas na extração de dados: *Doña Urraca, la indomable Reina de León que no se dejó pisar ni maltratar por ningún hombre* (CAPTURA DE TELA 26), publicado por César Cervera no portal de notícias *ABC* em seu caderno dedicado a história *ABC Historia* em 2019.

Apesar do título sensacionalista, o texto apresenta de forma sucinta a história da rainha, utilizando como referência o verbete do Dicionário Biográfico da Real Academia de História, escrito por M<sup>a</sup> del Carmem Pallares Méndez. O artigo ressalta Alfonso I como um marido terrível e abusivo e cita brevemente as relações que a rainha teve com Pedro González de Lara.

Com 43 comentários, sendo o mais recente publicado em 2021, este artigo suscitou os mais diversos debates: sobre a existência ou não do reino de Castela na época, declarando se a rainha era leonesa ou castelhana; críticas ao movimento feminista (CAPTURA DE TELA 27); declarações que Urraca I era uma verdadeira feminista (CAPTURA DE TELA 28); observações ao título do artigo somadas a considerações ao comunismo (CAPTURA DE TELA 29).

#### CAPTURA DE TELA 27 – Comentários na publicação do site *ABC Historia*

---



#42 Hace 4 años  
**chocolate512\_4069**

"Reina que no se deajo pisar ni maltratar por ningún hombre" Pero si el feminismo nos vende que llevan desde el comienzo de los siglos siendo maltratadas y humilladas por los hombres. No entiendo quizás las castellanas del siglo XV o las vikingas no eran tan sumisas como nos las venden

RESPONDER • 1 RESPUESTAS •  15 •  1

---



#20 Hace 3 años  
**errenecu\_62210**

En el medioevo, una reina era una reina y una lavandaera, una lavandera. En la actualidad, una «kely» es una «kely» y una presidenta de un banco, es una presidenta de un banco.¡Oído feministas!: No es cuestión de sexo; es cuestión de CLASES SOCIALES.

RESPONDER •  3 •  2

---

CERVERA, Cesár. *Doña Urraca, la indomable Reina de León que no se dejó pisar ni maltratar por ningún hombre*. *ABC Historia*. 27/03/2019. Disponível em: <[https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219\\_noticia.html](https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219_noticia.html)>. Acesso em 30/03/2023.

No primeiro comentário *chocolate512\_4069* (CAPTURA DE TELA 26) questiona o título da publicação, declarando que o feminismo vende a ideia de que as mulheres eram humilhadas e maltratadas pelos homens, questionando se as castelhanas do século XV ou as *vikings* talvez não fossem tão submissas quanto é tratado, sem entender que a publicação demonstra Urraca justamente como uma exceção de sua época.

Já *errenecu\_62210* (CAPTURA DE TELA 26) chama atenção das feministas ao declarar que no medievo uma rainha era uma rainha, na atualidade uma “Kely” é uma “Kely”, que esta não é questão de sexo e sim de classes sociais. Uma clara confusão de sexo, enquanto

característica inata do ponto de vista da biologia, com gênero, que se refere aos papéis sociais relacionados ao que é ser mulher ou homem. E estabelecendo que isso é definido com base nas classes sociais. Novamente um comentário que foge do escopo do que é apresentado no texto e apresenta uma ideia comum a extrema-direita.

### CAPTURA DE TELA 28 – Comentário na publicação do site *ABC Historia*



#28 Hace 4 años

**poochie**

Desde Nueva York. Una gran reina y una gran mujer. Inteligente, prudente, patriota, con gran sentido comun y sobre todo FEMINISTA de verdad y no como todas estas pedorras de hoy en dia.

RESPONDER • 1 RESPUESTAS • 22 • 1

CERVERA, Cesár. Doña Urraca, la indomable Reina de León que no se dejó pisar ni maltratar por ningún hombre. **ABC Historia**. 27/03/2019. Disponível em: <[https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219\\_noticia.html](https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219_noticia.html)>. Acesso em 30/03/2023.

A CAPTURA DE TELA 27 segue na contramão dos comentários anteriores, a pessoa comentarista elogia Urraca como uma verdadeira feminista, exaltando como suas qualidades ser prudente, ter bom senso, ser inteligente e ser patriota, em detrimento as participantes do movimento contemporâneo. E nesta captura, como no segundo comentário presente na CAPTURA DE TELA 22, vemos que a valorização de Urraca enquanto alguém que luta pelos direitos das mulheres é sempre em comparação aquelas que o fazem na atualidade, seja declarando que ela é a única feminista que a Espanha já viu (CAPTURA DE TELA 22), seja exaltando características que segundo a pessoa comentarista *poochie* (CAPTURA DE TELA 27) faltam no feminismo.

### CAPTURA DE TELA 29 – Comentários na publicação do site *ABC Historia*



#5 Hace 2 años

**Estrabonio**

Hombre , parece un poco de pitorreo o de conocer poco la historia de España, titular este artículo como "Urraca la reina que no se dejó pisotear" , cuando justo JUSTO.fue la única reina de España que estuvo a punto de morir pisoteada (literalmente). En 1117 durante una visita a Santiago de Compostela, el populacho se reveló contra el Obispo de la ciudad y de paso contra ella. La acorralaron en la Catedral ,la sacaron de allí a rastras y no solo la pisotearon sino que la desnudaron ,la arrastraron por un lodazal y estuvo a punto de morir lápidada. Por favor un poco mas de rigor histórico.

RESPONDER • 1 RESPUESTAS • 9 • 1



#4 Hace 2 años

**Patadón**

Pues esa parece una escena actual digna de las vascongadas o de las catalanadas, con el mismo populacho de entonces mutados a comunistas de ahora. No ha cambiado nada!

RESPONDER • 2 • 0

CERVERA, Cesár. Doña Urraca, la indomable Reina de León que no se dejó pisar ni maltratar por ningún hombre. **ABC Historia**. 27/03/2019. Disponível em: <[https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219\\_noticia.html](https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219_noticia.html)>. Acesso em 30/03/2023.

Nesta última linha de comentários (CAPTURA DE TELA 29) *Estrabonio* também questiona o título do artigo, apresentando que na história de Urraca, ela foi pisoteada em uma visita a Santiago de Compostela em 1117, solicitando assim maior rigor histórico. E então *Patadón* responde que a cena descrita no comentário anterior é similar às manifestações do País de Vasco e Catalunha, possuindo o mesmo *populacho* (“gentinha”, tradução nossa) que hoje em dia são comunistas, ou seja, as pessoas que apedrejaram a rainha, ação criticada pelo comentarista, seriam os mesmos comunistas manifestantes atuais.

O texto apresenta os fatos da história da rainha (CAPTURA DE TELA 26), porém são nos comentários que percebemos a recepção do que foi publicado, e diferente do vídeo do Youtube, no qual a rainha é elogiada, neste artigo um embate sobre ser um exemplo de mulher feminista se torna mais importante, sendo interessante pensar o ambiente que a história dela é vinculada e o público que pode vir consumir esse conteúdo.

Sendo o *ABC*, o maior veículo de comunicação do grupo *Vocento*, um jornal de tendência conservadora e católica (ABC, 2023), seu público tem propensão a seguirem a mesma ideologia e assim interpretarem a história da rainha como um exemplo do que é ser uma mulher forte em comparação as mulheres de hoje em dia, principalmente por ela vir de uma época tão mítica para a direita.

Essa obsessão da extrema-direita espanhola com a Idade Média é descrita pelo próprio autor do texto anterior (CAPTURA DE TELA 26), César Cervera (2023), em um artigo publicado em 05 de abril de 2023 intitulado *La Edad Media entra en campaña electoral*, em que o jornalista relata que as tradicionais celebrações a tomada de Granada, geralmente organizadas pelo governo de Castela e Leão, passaram a ter como conselheiro um representante do partido de extrema-direita *Vox* desde 2018. Gerando uma repercussão por parte da esquerda, principalmente pelo partido *Podemos* que, segundo o texto de Cervera, acredita que para que exista uma verdadeira democracia a Espanha medieval deve desaparecer em prol de Al-Andalus, nome dado ao território ibérico pelo Califado Omíada, antes da reconquista cristã.

Como acontece desde 2018, o debate [sobre a existência da Espanha] começou com a tradicional polémica em torno da tomada de Granada pelos Reis Católicos, que o *Vox* tem celebrado com grande alarido (a festa [de celebração pela tomada de Granada] é uma tradição com séculos de história que querem adicionar ideologias) e os grupos ligados ao *Podemos* chamando a festa de “genocídio”. Depois vieram as polémicas sobre a existência de Espanha, os habituais elogios à Espanha muçulmana, a pertinência ou não do conceito de

Reconquista e até uma discussão acalorada em torno da batalha de Covadonga (CERVERA, 2023, tradução nossa).<sup>12</sup>

Em seu texto, o jornalista cita autores ligados ao *Vox* e, também, historiadores ligados à esquerda com intuito de comprovar que enquanto a extrema-direita obtém sucesso em resgatar símbolos medievais para consolidar nacionalismo, a esquerda está “em negativo” ao tentar buscar uma Espanha medieval muçulmana.

O artigo *La Edad Media entra en campaña electoral* é bastante tendencioso para a direita, mas nos ajuda a solidificar a ideia que mesmo que o resgate da rainha ocorra dentro de uma perspectiva de retomada da história das mulheres, a monarca é disseminada justamente por ser medieval. Sendo uma personagem que contrapõem a ideia de mulher submissa associado ao período e assim enfraquece o movimento feminista espanhol que luta por leis que defendem os direitos das mulheres.

Atualmente a principal pauta deste movimento é justamente referente à violência de gênero uma vez que o atual governo espanhol realizou uma reforma na lei contra essas agressões reduzindo a pena dos ofensores, assim as principais mobilizações atuais são em busca de revogar essa reforma. Urraca I entra na contramão do movimento feminista por ser, para os cidadãos favoráveis à reforma, uma personagem histórica que sobreviveu aos maus-tratos sem nenhum tipo de lei, lutando sozinha.

**CAPTURA DE TELA 30** – Perfil de usuário no Twitter que utiliza a imagem de Urraca I



@DoaUrraca4. Perfil do usuário do Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/DoaUrraca4>. Acesso em 08/04/2023.

<sup>12</sup> Original: “Como ocurre desde 2018, el curso empezó con la tradicional polémica en torno a la Toma de Granada por los Reyes Católicos, que Vox viene celebrando con gran estruendo (la fiesta es una tradición con siglos de historia al que se le quiere añadir ideología) y los grupos vinculados a Podemos calificando de fiesta del «genocidio». Luego llegaron con puntualidad las controversias sobre la existencia de España, las alabanzas habituales sobre la España musulmana, la pertinencia o no del concepto de Reconquista y hasta una discusión acalorada en torno a **la batalla de Covadonga**.”

Esse encanto pela rainha por parte da direita é visto com maior ênfase mediante este perfil do Twitter (CAPTURA DE TELA 30) que utiliza da imagem de Urraca I, tanto o quadro dela, quanto o nome. Porém diferente do *user* dedicado ao movimento autonomista apresentado no segundo capítulo desta dissertação (CAPTURA DE TELA 11), este perfil é dedicado ao *Vox*, partido fundado em 2013 que possui como ideologias principais: ultranacionalismo, conservadorismo, anti-islamismo, liberalismo econômico e centralismo, sendo o centralismo uma ideologia que propõe uma Espanha unitária, assim se opondo a movimento separatistas e as próprias comunidades autônomas, em defesa de uma Espanha de poder único.

Possuindo 555 seguidores (no dia 08 de abril das 2023 às 18h (GMT-3)), este perfil foi criado em 2018 e na maioria de suas publicações divulga opiniões de extrema-direita, possui como foto de capa uma urna envolta da bandeira da Espanha com um papel com o nome *Vox* sendo colocado e tem em sua biografia a frase “Orgulhosa de ser espanhola. Viva os *cuerpos de seguridad*, viva o exército. VIVA ESPANHA E VIVA AO REI!!!!” com *hashtags* que indicam: garota *Vox*, facha (uma palavra genérica para definir uma pessoa fascista) e anticomunista. Em seu perfil tem fixada uma postagem em vídeo de 2020 que caçoa de Pablo Iglesias, um dos fundadores do partido de esquerda *Podemos* fundado em 2014, e que de 2020 a 2021 foi vice-presidente do Governo da Espanha.

Foram analisados 4 perfis no Twitter que se passam pela rainha Urraca I e realizam publicações sobre a Espanha, sendo destes a @urraca\_reina a maior conta que se passa pela rainha com, 1167 seguidores (no dia 08 de abril das 2023 às 18h (GMT-3)), criada em 2012 que publicava até 2020 fatos da história nacional espanhola. O segundo perfil com maior número de seguidores é justamente o @DoaUrraca4 (CAPTURA DE TELA 30), não sendo o único a propagar ideias de extrema-direita, uma vez que o perfil @UrracaIdeLeon (CAPTURA DE TELA 31) segue as mesmas ideias ao colocar em sua biografia “Rainha do Feminismo” o usuário na verdade realiza uma ironia, uma vez que a maioria de suas publicações e republicações são contra o movimento como por exemplo a CAPTURA DE TELA 31.

#### **CAPTURA DE TELA 31 – Perfil de usuário no Twitter que utiliza a imagem de Urraca I**



@UrracaIdeLeon. Perfil do usuário do Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/UrracaIdeLeon>. Acesso em 08/04/2023.

Essa publicação exemplifica como parte das mulheres espanholas, principalmente de direita, se colocam contra o movimento feminista principalmente por não se verem como vítimas, mas sim como mulheres fortes, e assim discordam das ações do movimento que atualmente luta pela manutenção da lei de violência de gênero.

Essas associações de Urraca a partidos de direita não se limitam à *Vox*. A presidente da Comunidade de Madrid, Isabel Ayuso, que é do partido de centro-direita Partido Popular (PP), mencionou Urraca como um exemplo de castelhana forte durante uma visita à Comunidade Autônoma de Castela e Leão. Essa citação gerou ampla repercussão, principalmente entre os movimentos autonomistas que a consideraram um uso inadequado da figura de Urraca, ao chamá-la de castelhana. Além disso, a referência a Urraca como "rainha de Ayuso" também se espalhou por outros meios (VERGARA PEDREIRA, 2022 & CARDEÑOSA, 2022).

Assim, com base nas reações encontradas nos dados extraídos chegamos à conclusão de que os textos das publicações podem ter um caráter imparcial, mas a depender de onde a história de Urraca é vinculada, suas representações ganham um tom antifeminista. Por ser exemplo de mulher reinou em um período que o movimento feminista não existia, se torna uma modelo feminino forte e cristão que ao invés de ser apresentada como exceção de sua época torna-se exemplo de que as mulheres medievais poderiam ser fortes, reinar e lutar contra violência de gênero.

Embora as ações de resgate e construção de uma identidade leonesa com base na rainha sejam predominantemente realizadas nos *softwares* sociais, essas atividades não estão oficialmente associadas à direita ou à esquerda. No entanto, a retomada dessa narrativa frequentemente se entrelaça com a idolatria ao período medieval e à reconquista, o que é apoiado por partidários da *Vox* e outros partidos de direita.

A Idade Média gera esse fascínio por ser um período tão distante, mas ao mesmo tempo próximo. Um espaço que não é fantasioso, mas faz parte do imaginário, que gera deslumbre por ser quase desconhecido e assim manipular essa época de acordo com o imaginário atual se torna fácil. Como observado no primeiro capítulo desta dissertação, é simples recorrer a qualquer período para reivindicar algo do presente. E principalmente da Espanha, onde o período de fato ocorreu e faz parte do nacionalismo e/ou regionalismos tão recente. Como relata Georges Duby, adentrar o período medieval é como estar em casa para os europeus:

A Idade Média não é mundo imaginário, mas é quase desconhecido. Está sendo descoberto. Penetrar nele dá a sensação de transportamento a um mundo exótico, mas sem a contrapartida de algum mal-estar. As pessoas sentem-se em casa, como numa casa de campo da família frequentada nas férias. Encontram homens e mulheres vestidos exoticamente e cujos modos

desconcertam; nem sempre compreendem o que dizem; mas são nossos ancestrais, herdamos deles; as palavras que usam, os gestos que fazem, as paixões que os sacodem são mais ou menos as nossas, e aquilo em que acreditam não parece, no fundo, assim tão estranho (DUBY, p. 107, 1993).

## **Conclusão do Capítulo**

Urraca é de fato uma rainha medieval feminista?

Se formos considerar somente a sua época até o início dos anos 2000, não. Mas com os olhares lançados para o passado no hoje, a rainha foge de sua própria história e ganha diversas facetas em várias representações, sendo considerada uma feminista em alguns espaços onde ideais de direita imperam.

Como vimos a monarca é reencontrada em uma série sobre a construção da Catedral de Santiago de Compostela que apesar de representá-la de forma irresponsável e maníaca pelo poder é resgatada nos *softwares* sociais como exemplo positivo. Sua história também é comparada a personagens ficcionais poderosas, sendo apresentada como rainha real que de fato tem uma biografia que poderia ser ficcional. Urraca I é ressaltada por se equiparar aos homens de sua época, mas também é encontrada como vítima de violência de gênero.

Este aspecto genderificado de sua imagem na atualidade mostra como a visão de quem detém as posições de poder influencia na forma como a rainha é vista e representada. Sendo ela apresentada de forma agressiva como reflexo de sua posição enquanto mulher que quer manter o poder. E também como vítima em uma visão que demonstra o quanto as sociedades medievais eram machistas.

Esse jogo que demonstra essas duas formas de representar Urraca se insere nesse uso que sua imagem tem no presente, no qual em alguns espaços ela é considerada feminista. Este ambiente acaba por seguir a ideia do que é ação feminista com base em uma definição de Carla Garcia (2015, p. 2): toda vez que uma mulher criticou seu destino injusto imposto pelo patriarcado e reivindicou seus direitos por uma vida justa estamos diante de uma atitude feminista. Com base neste conceito, e com olhares românticos contemporâneos sobre o passado, é fácil julgar as atitudes da rainha enquanto feministas. Mas não é exatamente assim que ocorre.

Como vimos, essa representação de Urraca enquanto feminista ocorre por outros vieses. Ela é apresentada como feminista que é exemplo para as feministas, um modelo de mulher a ser seguido por suas características conservadoras, não utilizando exatamente da definição de Carla Garcia (2015), mas novamente com bases nos interesses atuais.

Ela é um exemplo do movimento autonomista, como também um modelo de rainha para centralistas. Um exemplo de rainha cristã e mãe, mas também uma exceção por ter tido amantes.

Os usos da imagem da rainha, principalmente na Espanha, se assemelham ao que Duby (1993, p. 107) descreve como esse sentimento de pertencimento, essas semelhanças encontradas entre o passado e o presente.

Possuindo na internet espaço para diversos tipos de apropriações em que não é possível encontrar um denominador comum. Assim, sua representação se apresenta como diversas facetas que montam um mosaico no qual coexiste tanto uma Urraca de esquerda quanto uma de direita. Apropriações que não entram em combate direto justamente por estarem em grupos de interesses diferentes em meio aos *softwares* sociais. Sendo possível haver uma rainha forte, um símbolo autonomista, uma feminista e uma antifeminista coabitando em meio ao espaço virtual.

## CONCLUSÃO

Como podemos perceber por meio desta análise dos *softwares* sociais, que ocorreu entre os anos de 2020 e 2022 e recolheu dados publicados de 2010 a 2022, as representações da rainha Urraca I (1080-1126) estão envoltas em diversos aspectos sobre como se imagina o período medieval e como é uma rainha desta época.

Sendo uma monarca ainda pouco conhecida, por causa da ausência de estudos sobre sua história em boa parte do século XIX, quando sua vida é apresentada na internet ela é recebida enquanto novidade por muitos. E sendo quase como uma folha em branco sua história se torna um espaço de apropriações de discursos.

Neste ambiente de disputa criado nos *softwares* sociais a história medieval é narrada, recortada e até modificada de acordo com seus interlocutores, a fim de defender pontos de vista e posicionamentos políticos dispares. Assim, vídeos e textos que tinham como objetivo divulgar a história da monarca ibérica se tornam verdadeiros campos desta batalha virtual.

Os principais momentos da história medieval retomados em duelos sobre como a rainha deve ser representada são: a morte de Fernando I (1016-1065) conde de Castela e rei de Leão que em seu testamento transforma Castela em reino; a disputa entre Sancho II (1036-1072) de Castela e Alfonso VI (1040-1109) de Leão, que culmina na morte de Sancho e a ascensão de Alfonso VI enquanto rei de Castela, Leão e Galiza; e a Concordia Benavente (1230) acordo que consolida a união dos reinos sob a coroa de Fernando III (1199/1201 – 1252).

Períodos retomados na tentativa de justificar Urraca I enquanto rainha leonesa ou castelhano-leonesa ao citar momentos sucessórios ou de união entre os reinos como forma de defender um ponto ou outro.

Nestas disputas a história da rainha Urraca em si possui pouco destaque, pois o embate ocorre mais sobre sua nomenclatura do que sua biografia. Não é questionado se ela reinou sobre os territórios leoneses e castelhanos, mas sim, como ela deve ser chamada.

Chegamos à conclusão de que nestes embates que o período medieval é evocado, essa ação se trata de apropriações da história, em um processo de tomada e manipulação do discurso. Momento em que os fatos perdem o sentido e o embate de apoderamento deste passado se torna mais importante. Essa apropriação do discurso também é um medievalismo, uma retomada do período medieval após o fim deste, justamente por moldar a história às demandas do presente.

E essas demandas se mostram muito intrínsecas à política espanhola atual. Por se tratar de uma pesquisa realizada no Brasil e na internet brasileira, sem usos de programas para

modificações ou ocultações de endereço de *IP*,<sup>1</sup> não foi uma pesquisa com enfoque nas representações da rainha na Espanha. E não teve como objetivo entender quem eram os interlocutores, mas somente as reações aos seus diálogos. Contudo, muitos dos usos da história da monarca envolvem aspectos regionais espanhóis que se tornam pontos focais nesta pesquisa pelo volume de associações que ocorrem entre os movimentos regionais e a monarca.

Assim, foi necessário realizar uma análise sobre a Espanha atual e entender que seu território é dividido em Comunidades Autônomas, estabelecidas durante a Transição Democrática após a ditadura de Francisco Franco. Neste processo, as antigas regiões de Castela e Leão formaram uma comunidade única em 1983. Esta união é contestada até o presente (2023) por partidos autonomistas que reivindicam uma comunidade leonesa autônoma e que não tiveram apoio popular o suficiente na época da Transição Democrática por falta de um sentimento regionalista leonês.

Atualmente, se busca a construção desse regionalismo com bases na história, sobretudo na Idade Média, como ocorreu na consolidação do nacionalismo espanhol. Assim, se retoma os reis leoneses e castelhanos como forma de construir uma identidade única as províncias de Leão, Zamorra e Salamanca, que atualmente não se sentem pertencentes a comunidade de Castela e Leão, mas também não possuem um sentimento regional forte.

Esses usos do período são observados nos comentários em vídeos sobre a rainha Urraca I e nos indicam que assim como na consolidação do nacionalismo, principalmente durante o franquismo, a reconquista possui um grande valor na construção identitária do que é ser leonês.

Esse regionalismo se apresenta em diversos momentos como um processo de resistência à predominância que os aspectos culturais castelhanos possuem na comunidade. Algo que é pontuado pela *União del Pueblo Leones* (UPL) enquanto motivo para se lutar pela autonomia, pois segundo eles, é necessário realizar uma manutenção da identidade leonesa que se diferencia das regiões circunvizinhas e que não é valorizado dentro de uma comunidade compartilhada com Castela.

Dentro deste contexto Urraca possui destaque como a primeira rainha da península ibérica que, apesar não ter participado da reconquista, enquanto período de retomada dos antigos territórios visigodos, se torna simbólica por estar inserida entre reis reconquistadores, resistindo para estar no trono e manter os territórios herdados.

---

<sup>1</sup> *Internet Protocol* é um rotulo numérico atribuído ao dispositivo conectado na rede de computadores.

Sua representação nos *softwares* sociais é apresentada como uma exceção dentro do imaginário sobre o que é ser rainha na Idade Média. Se aproximando dos anseios criados pela mídia de uma rainha forte e que de fato utilizou de tudo que era possível para se manter no trono. E nesta construção de sua imagem no presente, seu gênero é justamente o destaque, o principal motivo do seu resgate.

Destarte, os principais pontos ressaltados em sua história são justamente aqueles que a associam a essa imagem ficcional, que são: o fato dela ter mantido relações extramatrimoniais após a anulação de seu casamento com Alfonso I de Aragão; e ela ter sofrido abuso neste casamento com o aragonês. Acontecimentos que não eram ressaltados pela historiografia posterior ao seu governo, mas, se tornam o principal trunfo de sua história na internet.

A forma como a monarca é representada na rede mundial de computadores também influencia como o poder é correlacionado a ela, principalmente nas publicações em que está associada a série *El Final del Camino* (RTVE) na qual ela é apresentada enquanto uma pessoa fissurada pelo poder que tem que tomá-lo a força, e não enquanto uma governante que teve que realizar negociações e empreender batalhas. Assim nos *softwares* sociais, seu gênero acaba por induzir que o poder exercido pela rainha foi algo usurpado e não herdado.

Todavia, mesmo apresentada como imprudente ao governar, esse se torna um aspecto positivo. Elogiada por ter superado um relacionamento abusivo e também por ter se mantido no trono apesar de todas as adversidades. Na contemporaneidade a rainha adquire uma torcida graças às suas características que antes lhe trazia detratores, sendo considerada por alguns como uma verdadeira feminista.

Essa associação ao feminismo ocorre como forma de deslegitimar o movimento atual. Apresentada como um exemplo para a mulheres atuais por ter lutado sem se autoconsiderar uma vítima, Urraca I é associada a outro movimento político que não o autonomista, mas sim a ideologia ligada a partidos de direita e extrema-direita. Sua imagem também faz parte da retomada do período medieval como forma de corroborar com ideais cristãos e nacionalistas defendidos por adeptos desses espectros políticos.

Sendo possível notar que no mesmo período que a rainha passa a ser mais publicada nas redes sociais (período de 2016 a 2021), coincide com criação e ascensão do partido de extrema-direita *Vox*, fundado em 2015 e possuindo 15% dos votos da câmara de deputados em novembro de 2019. Isto posto, para além dos usos da rainha para consolidação de regionalismos, que a associam a partidos autonomistas, ela também possui associações a partidos políticos de extrema-direita como o *Vox*, justamente nesta retomada da reconquista e do período medieval

como um todo. Sendo dentro deste resgate que ela é considerada feminista, ou seja, é uma rainha feminista para a direita.

Em suma, concluímos que não há apenas uma representação da rainha Urraca I nos *softwares* sociais. Ela faz parte de um grande emaranhado que define o imaginário do que é ser uma rainha na Idade Média. E de sua imagem diversos aspectos são apropriados no presente. Assim, das maneiras que Urraca I é representada temos:

1. Um ícone resgatado pelos partidários de uma autonomia de Leão, não pelos partidos, mas por usuários que utilizam de sua história para consolidar uma identidade leonesa, seja se comunicando por meio da rainha, ou brigando pela sua denominação.
2. Um exemplo de feminismo medieval para partidários de direita que veem na história urraquiana um modelo de comportamento forte feminino que não se alinha às demandas feministas atuais.
3. Uma exceção ao modelo feminino na Idade Média, período que não apresenta muitos momentos em que as mulheres se encontram no poder das terras, e assim se torna um exemplo de força mesmo que seja um poder usurpado pela rainha.

Todas essas apropriações se desenvolvem em bolhas sociais diferentes na internet, assim não possuem contatos diretos. Porém, têm em comum o uso da Idade Média e o fato dela ser mulher como fator crucial para tornar sua história única ao ser retomada.

Portanto, chegamos à conclusão de que a rainha Urraca I não seria representada nos *softwares* sociais atualmente se não fosse essa ascensão dos medievalismos na contemporaneidade. É dentro dos usos da Idade Média atual – que envolvem os usos midiáticos e culturais, mas também os usos políticos – que a sua imagem é resgatada enquanto uma figura feminina singular. E uma vez que o período medieval é com frequência resgatado em meio a direita política, Urraca se afasta de representações realizadas por partidos autonomistas diretamente e se aproxima de partidários da autonomia e diversos outros usuários que tendem a direita. Ou, quando não associada diretamente a ideologias, é retomada por entusiastas com o período medieval, que além de pesquisarem sobre a história em si também consomem produções midiáticas que remontam ao período como *Game of Thrones* (HBO).

Entretanto, tratando-se de uma pesquisa que utiliza como base conceitos e metodologias que ainda estão sendo consolidados na historiografia (medievalismos e o uso dos *softwares* sociais como fontes) e possuindo diversos aspectos específicos da política espanhola que talvez

sejam necessários um estudo mais profundo sobre. As conclusões aqui apresentadas não estão fixas e são sujeitas a reanálises debates e desconstruções.

Principalmente ao lidarmos com a internet, esse espaço que rapidamente se tornou imprescindível para parte da sociedade, onde se apresentam infinitas possibilidades, mas que ainda estão sendo definidos os seus limites. Assim, seja em aspectos sociais ou enquanto objeto de análise histórica ainda não há manual metodológico consolidado sobre as melhores técnicas de angariar e recolher os dados, como armazená-los, ou como expô-los dentro de normas da ABNT.

Além disso, a efemeridade do espaço virtual, que é um dos seus atributos, para a pesquisa se torna um obstáculo. É necessária uma urgência ao fazer a extração de dados que podem ser modificados ou apagados. E também a volatilidade do ambiente é uma característica ambígua, trazendo novas aspectos para a pesquisa constantemente e modificando-a, sendo necessários definir limites de tempo, fontes e metodologias de análise, a fim de conceber uma pesquisa em tempo hábil.

Por fim, conscientes de que este é um assunto que pode ser revisto, concluímos que a rainha Urraca I possui representações diversas nos *softwares* sociais da segunda década do século XXI, que fazem parte de um resgate de medievalismos para consolidação de ideologias contemporâneas às representações analisadas e, por estarem atreladas ao presente, estão sujeitas a constantes mudanças.

## REFERENCIAS

### SITES COTEJADOS:

@DoaUrraca4. Perfil do usuário do Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/DoaUrraca4>. Acesso em 08/04/2023.

@LaUtopiadeIrma. Publicação de 16/02/2021. Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/LaUtopiadeIrma/status/1361710963297300481>. Acesso em 13/09/2022.

@UrracaIdeLeon. Perfil do usuário do Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/UrracaIdeLeon>. Acesso em 08/04/2023.

@UrracaReina. Perfil do usuário do Twitter. Disponível em: <https://twitter.com/urracareina>. Acesso em: 28/09/2021.

ARROYO MARTÍN, Francisco. Doña Urraca, primera reina de Castilla. Una mujer maltratada. **El Arte de la Historia**. 13/10/2010. Disponível em: <https://elartedelahistoria.wordpress.com>. Acesso em 27/04/2021.

BIOPIC CHANNEL. **Urraca I de León, la reina temeraria**. 04/05/2018. (16min13seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Fbw36YNmiJ4>>. Acesso em: 31/03/2021.

CARDEÑOSA, Nicanor. Ayuso y urraca e el candelero. **Leon Noticias**. Disponível em: <https://www.leonoticias.com/leon/ayuso-urraca-candelero-20220116113218-nt.html>. Acesso em: 30/03/2023.

CERVERA, César. Doña Urraca, la indomable Reina de León que no se dejó pisar ni maltratar por ningún hombre. **ABC Historia**. 27/03/2019. Disponível em: <[https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219\\_noticia.html](https://www.abc.es/historia/abci-dona-urraca-indomable-reina-leon-no-dejo-pisar-maltratar-ningun-hombre-201903260219_noticia.html)>. Acesso em 30/03/2023.

DE CASO ESTÉBANEZ, Patricia. Urraca I de León. **Somos Politólogos**. Disponível em: <https://sospolitologos.com/2020/10/01/urraca-i-de-leon/>. Acesso em 20/03/2023.

FLORIAN YUBERO CAÑAS. **Reina de León y Castilla, Doña Urraca una Mujer Maltratada Primera Parte**. 21/11/2011. (07min48seg) Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=XZJQWac3nHA&t=10s>>. Acesso em: 31/03/2021.

FLORIAN YUBERO CAÑAS. **Reina de León y Castilla, Doña Urraca una Mujer Maltratada Segunda y Última Parte.** 21/09/2011. (08min27seg) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZlAuAfOt5AQ&t=215s>>. Acesso em: 31/03/2021.

HISTORIALISTAS. [Hoje na História]. **Instagram.** 08/03/2020. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/B9fC\\_wQDH2x/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/B9fC_wQDH2x/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em 27/10/2020.

ISADOMNA. Reckless, warrior, indomitable... 18/03/2023. **Tumblr.** Disponível em: <https://isadomna.tumblr.com/post/712089912045862912/reckless-warrior-indomitable-this-extraordinary>. Acesso em 30/03/2023.

LÓPEZ, Juan. ¿Fue Urraca I la primera víctima de maltratos que se conoce? **Leon Noticias.** 23/11/2019. Disponível em: <https://www.leonoticias.com/leon/urraca-primera-victima-violencia-mujer-leon-20191123132825-nt.html>. Acesso em: 27/04/2021.

MARTÍNEZ-FORNÉS, Almudena. Cuando la Reina gritaba: “El Rey soy yo”. **ABC.** 2014. Disponível em: <https://www.abc.es/casa-del-rey/rey-felipe-vi/20141206/abci-historias-corona-201412051654.html>. Acesso em: 30/03/2023.

POMEGRANATELADY. **Urraca I de León - Victory.** 18/03/2017. (03min52seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Av6lkgiYmrs>> Captura de Tela feita em: 30/03/2023.

RAULYZ. **Reina Urraca i de Castilla y León (Año 1080) Pasajes de la historia (La rosa de los ventos).** 17/09/2016. (24min49seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eJQnryAc8nE>>. Acesso em: 05/04/2023.

SEGOVIA, José. Urraca I, la reina que luchó contra el machismo para conservar la Corona. **XLsemanal.** 14/03/2020 Disponível em: <https://www.xlsemanal.com/conocer/historia/20200314/dona-urraca-primera-reina-historia-espana.html>. Acesso em 27/04/2021.

STILES, Paula R. Unusual History: Urraca, Badass Queen Of Castile. **The Historial Meow.** 06/09/2016. Disponível em: <https://thesnowleopard.net/thehistoricalmeow/2016/09/06/unusual-history-urraca-badass-queen-of-castile/> Acesso em 31/03/2021.

TELEVISIÓN DE CASTILLA Y LEÓN. **Urraca I, primera reina europea**. 03/10/2013. (05min05seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OP9guQDmkr4&t=176s>> Acesso em: 31/03/2021.

VALINARAI. El Final del Camino, episode 8, or why Urraca is better than you. 02/03/2017 **Tumblr**. Disponível em: <https://valinarai.tumblr.com/post/157899905746/el-final-del-camino-episode-8-or-why-urraca-is>. Acesso em 31/03/2021.

VERGARA PEDREIRA, Susana. Urraca I de León, la reyna de Ayuso. **Diario de León**. Disponível em: <https://www.diariodeleon.es/articulo/revista/urraca-i-leon-reina-ayuso/202201221827472184224.html>. Acesso em: 30/03/2023.

#### **DOCUMENTOS MEDIEVAIS:**

ALVARO, Bruno Gonçalves; LIMA, Marcelo Pereira. (Introdução, tradução latim-português e notas). **Documentação diplomática da Diocese de Sigüenza entre 1124 e 1151**. Salvador: EDUFBA, 2019.

CRÓNICAS ANÓNIMAS DE SAHAGÚN. Edición de Julio Alonso Puyol. In: **Boletín de la Real Academia de la Historia**, 1920.

HISTORIA COMPOSTELANA. Introducción, traducción, notas y índices de Emma Falque. Madrid: Akal, 1994.

ALFONSO X. **Primera Crónica General Estória De España**. Ed. Ramón Menéndez Pidal. Madrid: Agencia Estatal Boletín Oficial del Estado. 2022. Disponível em: [https://www.boe.es/biblioteca\\_juridica/publicacion.php?id=PUB-LH-2022-258](https://www.boe.es/biblioteca_juridica/publicacion.php?id=PUB-LH-2022-258). Acesso em: 23/05/2023.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA, Fábio Chang. O Historiador e as Fontes Digitais: uma visão acerca da Internet como fonte primária para Pesquisas Históricas. **Revista Aedos**. V.3, N. 8, jan./jun. 2011. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/16776/11939>> Acesso em: 28/10/2020.

ALVARO, Bruno Gonçalves; PRATA, Rafael Costa. Guerras Rendilhadas Da Erudição: Um Breve Panorama Dos Combates E Debates Em Torno Do Conceito De Reconquista. **Revista Signum**, v. 15, n. 2, 2014. Disponível em: <

<http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/144>>. Acesso em: 20/01/2023.

ANTONIO DIÉZ. E. E. La Región Leonesa quiere ser la 18ª comunidad autónoma: anexionaría León, Zamora y Salamanca. **Site El Espanhol**. 2021. Disponível em: [https://www.elespanol.com/espana/politica/20210706/region-leonesa-comunidad-autonoma-leon-zamora-salamanca/594441109\\_0.html](https://www.elespanol.com/espana/politica/20210706/region-leonesa-comunidad-autonoma-leon-zamora-salamanca/594441109_0.html). Acesso em 17/12/2021.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação social. **Enciclopédia Einaudi. 5: Anthropos-homem**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985, p. 296-332

BANCO MUNDIAL. Individuals using the Internet (% of population). International Telecommunication Union (ITU) World Telecommunication/ICT Indicators Database. **World Bank**. Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicador/IT.NET.USER.ZS>. Acesso em: 11/12/2021.

BAPTISTA, Rodrigo. Rede Sociais influenciam voto de 45 da população. **Senado Notícias**. 2019 Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/12/12/redes-sociais-influenciam-voto-de-45-da-populacao-indica-pesquisa-do-datasenado>. Acesso em: 11/12/2021.

BARROS, José D'Assunção. História política, discurso e imaginário: aspectos de uma interface. **Saeculum – Revista de História** [12]; João Pessoa, jan./jun., 2005.

BARUQUE, Julio Valdeón. El regionalismo en Castilla y León. Partido Castellano. 2001. Disponível em: < <https://www.partidocastellano.org/2017/07/11/el-regionalismo-en-castilla-y-leon-julio-valdeon-baruque-universidad-de-valladolid-18092001/> >. Acesso em: 20/01/2023.

BEARD, Mary. **Mulheres e poder: um manifesto**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BERNS, U.; JOHNSTON, A. Medievalism: A Very Short Introduction. *European Journal of English Studies*. Volume 15, 22 jul. 2011. Tradução GUERRA, L. TEMPONI, E. v. 11 n. 3 (2020): Edição 31 - **Temporalidades**, Belo Horizonte, Vol. 11, n.3, 2019.

BERRIEL, Marcelo Santiago. Pour un autre moyen age au Brésil: a perspectiva decolonial na busca de uma episteme para a compreensão dos medievalismos brasileiros. **Antíteses**, [S.l.], v. 13, n. 26, p. 68-96, dez. 2020. ISSN 1984-3356. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/40347>>. Acesso em: 14/06/2021.

BERTARELLI, M. E.; AMARAL, C. O. Longa Idade Média ou apropriações do medieval? Uma reflexão para se descolonizar a idade média através do medievalismo. **História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**, Ouro Preto, v. 13, n. 33, p. 97–130, 2020. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1555>. Acesso em: 21/05/2023.

BIRRO, Renan Marques. A Idade Média Brasileira? Colonialismos e medievalismos historiográficos (c.1900-1940). **Antíteses**, [S.l.], v. 13, n. 26, p. 36-67, dez. 2020. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/40349>>. Acesso em: 14/06/2021.

CEZARINHO, Filipe Arnaldo. História e fontes da internet: uma reflexão metodológica. **Temporalidades -Revista de História**. Ed. 26, V. 10, N. 10, jan./abril. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5878>> Acesso em 28/10/2020.

CHAMOSO RAMOS, Maria Resurrección. **La Creación de un modelo de mujer: Urraca I en las crónicas medievales**. Trabajo Fin de Máster. Universidad de Salamanca, Salamanca, 2013. Disponível em: <<https://docplayer.es/40522693-Urraca-i-en-las-cronicas-medievales.html>>. Acesso em: 15/09/2021.

CHAMOSO RAMOS, Maria Resurrección. **La Creación de un modelo de mujer: Urraca I en las crónicas medievales**. Trabajo Fin de Máster. Universidad de Salamanca, Salamanca, 2013. Disponível em: <<https://docplayer.es/40522693-Urraca-i-en-las-cronicas-medievales.html>>. Acesso em: 04/07/2019.

CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHIMITE, Yara Fernanda. Destinos históricos de passados meméticos: história medieval a partir de memes. 2020. 113 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo-RS, 2020. Disponível em: <<https://biblioteca.feevale.br/Vinculo2/000021/000021b6.pdf>>. Acesso: 15/09/2021.

DUBY, Georges. **A História Continua**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar & Editora UFRJ, 1993.

ELECTOMANÍA. ElectoPanel(3My): sentimento identitário. Electomanía, mar. de 2022. Disponível em: <https://electomania.es/ep3my22/> Acesso em: 13/11/2022.

FEMINAZI. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Feminazi&oldid=63302144>>. Acesso em: 01/04/2023.

FORTANINI, Khyara G. M.; NERY, Maria Luiza F.; GRYBOWSKI, Lukas G. O imaginário sobre a mulher medieval: uma reflexão sobre as apropriações do imaginário medieval a respeito da mulher através das séries Viking e Game of Thrones. **Anais do VII Congresso Internacional de História**. 2017. p. 485 – 493. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2017/trabalhos/3823.pdf>. Acesso em: 29/03/2023.

GARCÍA FITZ, Francisco, La Reconquista: un estado de la cuestión. Clio & Crimen, **Revista del Centro de História del Crimen de Durango**, n.6, 2009, p.142-215.

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo. São Paulo: Claridade, 3ª ed. 2015.

GOMES, Maria Joana. Para além da linhagem: poder e sucessão régia no feminino. **E-Spania**, n. 11, 2011. Disponível em:<<https://journals.openedition.org/e-spania/20282>>. Acesso em: 02/09/2021.

GONZÁLEZ CLAVERO, Mariano. La compleja articulación de Castilla y León como comunidad autónoma. **Anales de Historia Contemporánea**, Nº. 20, 2004. Págs. 257-284. Disponível em:< <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1018709> >. Acesso em: 27/09/2021.

GONZALO, Carlos. El perfil ideológico de los medios de prensa españoles. **Carlos Gonzalo – Ph.D. Comunicación Social**. Disponível em: <https://www.carlosgonzalo.es/el-perfil-ideologico-de-los-medios-de-prensa-espanoles/>. Acesso em: 07/04/2023.

GORDO MOLINA, Ángel G. Urraca I de León y Teresa de Portugal: las relaciones de fronteras y el ejercicio de la potestad femenina en la primera mitad del siglo XII. Jurisdicción, imperium, y linaje. **Intus-Legere Historia**, vol. 02, n. 01, 2008. Disponível em: < [intushistoria.uai.cl](http://intushistoria.uai.cl) >. Acesso em: 11/07/2020.

GRIJALBA PENÁ, Carmen. **Urraca I: La imagen de una reina según las crónicas de su tiempo y los documentos regios**. Trabajo Fin de Máster. Universidad de Cantabria, Cantábria, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.unican.es/xmlui/handle/10902/12231>>. Acesso em: 09/08/2018.

MAGALHÃES, W. L. O imaginário social como um capo de disputas: um diálogo entre Baczko e Bourdieu. **Albuquerque - revista de história**. V. 3, n. 16. Jul-dez./2016.

MARTINEZ PEREZ, David. La Problemática Autonomía de León. Sobre los movimientos sociales em la transición democrática y los limites de la recuperada democracia. In\_\_\_\_ FERNÁNDEZ AMADOR, Mónica; QUIROSA-CHEYROUZE MUÑOZ, Rafael(coord.) **Sociedad y movimientos sociales**: [recurso electrónico], 2009, págs. 1033-1050. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>. Acesso em: 19/12/2021.

MATTHEWS, David. **Medievalism: A Critical History**. NED-New edition, Boydell & Brewer, 2015. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/10.7722/j.ctt6wpbdd>. Accessed 27 Mar. 2023.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à "ideologia de gênero" - Escola Sem Partido e as leis da mordça no parlamento brasileiro / From “Marxist indoctrination” to “gender ideology”: Escola Sem Partido (non-partisan school) and gag laws in Brazilian congress. **Revista Direito e Práxis**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 590-621, set. 2016. ISSN 2179-8966. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/25163>>. Acesso em: 22/03/2023.

MÍNGUEZ FERNÁNDEZ, José María. Alfonso VI/Gregorio VII: Soberanía imperial frente a soberanía papal. **Argutorio: revista de la asociación cultural “monte Irago”**. Año 13, Nº. 23, pp. 30-33, 2009. p. 31. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3039951>. Acesso em: 09/04/2020.

MOTA, Bruna Oliveira. **E por esta razon conuino que fuessen los reyes, e lo tomassen los omes por señores : uma análise da legitimidade, autoridade e poder no reinado de Alfonso X através das suas redes de negociações senhoriais (1252-1284)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2018. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/8376>>. Acesso em: 06/07/2020.

MOURA, Thaís Monique Costa. **Protagonismo feminino: um estudo sobre a rainha Berenguela (1180-1246) na Crónica Latina de Los Reyes de Castilla**. São Cristóvão, 2021. Monografia (graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021.

NASCIMENTO, Maria Filomena Dias. Ser Mulher na Idade Média. **Textos de História**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 82-91, 1997. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/21162>>. Acesso em: 01/07/2019.

NITAHARA, Akemi. Estudo mostra que a pandemia intensificou uso das tecnologias digitais. **Agência Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-11/estudo-mostra-que-pandemia-intensificou-uso-das-tecnologias-digitais>>. Acesso em: 20/01/2023.

OLIVEIRA, Beatriz dos Santos; FREITAS FILHO, Mario Marcio Felix. A idade média no cinema: uma (re)visão do imaginário ocidental. **Revista ComparArte**. v.1, n. 1, 2017. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ca/article/view/11524>>. Acesso em: 20/01/2023.

PACHÁ, Paulo. Porque a extrema direita brasileira ama a Idade Média europeia. **VioMundo**. 2019. Disponível em: <<https://www.viomundo.com.br/politica/paulo-pacha-por-que-a-extrema-direita-brasileira-ama-a-idade-media-europeia.html>>. Acesso: 07/09/2021.

PASCUA ECHEGARAY, Esther. Urraca imaginada: representaciones de una reina medieval. **Arenal**, v. 21, n. 01, 2014. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4747118.pdf>. Acesso em: 10/06/2019.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 7ª ed. 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra história – imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 15, nº 29, 1995, p. 9-27.

PRUDENTE, Luísa Tollendal. Urraca I (1109-1126), gênero e monarquia: um estado da questão. **Revista Veredas da História**. v. 10, n. 1, 2017. Disponível em:<<https://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/view/283>>. Acesso em: 08/08/2018.

REDE SOCIAL VIRTUAL. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rede\\_social\\_virtual&oldid=65239144](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Rede_social_virtual&oldid=65239144)>. Acesso em: 04/02/2023.

REILLY, Bernard F. **The Kingdom of León-Castilla under Queen Urraca, 1109-1126**. Princeton University Press, 1982. Disponível em: <<https://libro.uca.edu/urraca/urraca.htm>>. Acesso em: 03/07/2019.

RIAÑO RODRÍGUEZ, Timoteo; GUTIÉRREZ AJA, M<sup>a</sup> Carmen Gutiérrez. **Cantar de Mio Cid**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/cantar-de-mo-cid-3--texto-modernizado-0/>. Acesso em: 21/05/2023.

RIBEIRO, D.; NOGUEIRA, C.; MAGALHÃES, S. I. As ondas feministas: continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. **Sul-Sul - Revista de Ciências Humanas e Sociais**, [S. l.], v. 1, n. 03, p. 57–76, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufob.edu.br/index.php/revistasul-sul/article/view/780>. Acesso em: 21/05/2023.

RÍOS SALOMA, Martin F. **La Reconquista**: Una construcción historiográfica (siglos XVI-XIX). Madrid: Marcial Pons História. 2011.

RUCQUOI, Adeline. **História Medieval da Península Ibérica**. Lisboa: Estampa, 1995.

SALGADO FUENTES, Carlos Javier. **La Evolución de la Identidade Regional em los Territorios del Antiguo Reino de León (Salamanca, Zamora, León)**. Ediciones Universidade de Salamanca. 1<sup>a</sup> Ed. 2016.

SALIBA, Pedro J. Nasser. Expressão política e a história através dos memes de Michel Temer. **Grupo Visagem**. v. 3, n. 2, 2017. p. 188-234. Disponível em: [https://grupovisagem.org/revista/edicao\\_v3\\_n2/acervo/artigo\\_08.pdf](https://grupovisagem.org/revista/edicao_v3_n2/acervo/artigo_08.pdf). Acesso em: 23/05/2023.

SANTOS, Luísa Vilas Boas dos. A sinfonia da “*Señora natural de la tierra*”: representações de Urraca I nas Crônicas Anónimas de Sahagún e História Compostelana. São Cristóvão, 2021. **Monografia** (graduação em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2021. Disponível em: <https://ri.ufs.br/handle/riufs/14809>. Acesso em: 28/06/2022.

SCOTT, Joan Wallach. **Gender: A Useful Category of Historical Analysis**. New York, **Columbia Press**. 1989. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod\\_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf) Acesso em: 20/06/2020.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

TORRES-AYALA, Daniela. Historia pública. Una apuesta para pensar y repensar el quehacer histórico. **Historia y Sociedad**, no. 38 (2020). p. 229-249. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/hiso/n38/2357-4720-hiso-38-229.pdf>. Acesso em: 23/05/2023.

UPL. Unión del Pueblo Leonés. Disponível em: <https://www.upl.es/preguntas-frecuentes/>. Acesso em: 18/12/2021.

UTZ, Richard. Coming to terms with Medievalism. **European Journal of English Studies**. Volume 15, 22 jul. 2011.

VIEIRA PINTO, Otávio Luiz. Made in Medieval: a ‘exportação’ do Medievalismo e a compreensão da História Africana. **Antíteses**, [S.l.], v. 13, n. 26, p. 126-155, dez. 2020. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/40439>. Acesso em: 14/06/2021.